

CAMILA CUENCAS FUNARI MENDES E SILVA

**SEXUALIDADE FEMININA NA TRAMA DO TEMPO:
NARRATIVAS INDIZÍVEIS POR MULHERES INVISÍVEIS**

**ASSIS
2019**

CAMILA CUENCAS FUNARI MENDES E SILVA

**SEXUALIDADE FEMININA NA TRAMA DO TEMPO:
NARRATIVAS INDIZÍVEIS POR MULHERES INVISÍVEIS**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis (UNESP) Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutora em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade)

Orientador (a): Prof. Dra. Mariele Rodrigues Correa.

**ASSIS
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Vânia Aparecida Marques Favato - CRB 8/3301

S586s Silva, Camila Cuencas Funari Mendes e
Sexualidade feminina na trama do tempo: narrativas
indizíveis por mulheres invisíveis / Camila Cuencas Funari
Mendes e Silva. Assis, 2019.
153 f.

Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Mariele Rodrigues Correa

1. Mulheres - Comportamento sexual. 2. Velhice. 3. Sexo
- Psicologia. 4. Idosas. I. Título.

CDD 155.33



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: SEXUALIDADE FEMININA NA TRAMA DO TEMPO: NARRATIVAS INDIZÍVEIS POR MULHERES INVISÍVEIS

AUTORA: CAMILA CUENCAS FUNARI MENDES E SILVA

ORIENTADORA: MARIELE RODRIGUES CORREA

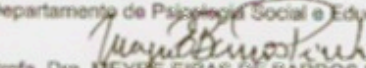
COORIENTADORA: MARIELE RODRIGUES CORREA



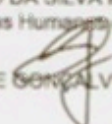
Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:


Prof.ª Dr.ª MARIELE RODRIGUES CORREA
Departamento de Psicologia Social e Educacional / UNESP/Assis


Prof. Dr. LEONARDO LEMOS DE SOUZA
Departamento de Psicologia Social e Educacional / UNESP/Assis


Profa. Dra. MEYRE EIRAS DE BARROS PINTO
Departamento de Psicologia e Psicanálise / UEL/Londrina

Prof. Dr. ADRIANO DA SILVA ROZENDO
Instituto de Ciências Humanas e Sociais / UFMT/Rondonópolis


Profa. Dra. GISELE GONÇALVES MELLES
UNESP / Assis

Assis, 09 de dezembro de 2019

*Às mulheres participantes dessa pesquisa
que representaram a velhice.*

In memoriam de Conceição.

*E a elas que me compõem em diferentes tempos verbais:
Maria Rita Cuencas Funari
Máriele Rodrigues Correa
Lara Gomes Funari.*

AGRADECIMENTOS

Esta é uma das partes que considero mais difícil de escrever. A emoção toma conta da escolha das palavras, pois este trabalho é composto por um coletivo de vozes, não pesquisamos sozinhos! Aproprio-me desse espaço para deixar registrado a ação do tempo na coletividade que me compôs de diferentes maneiras, deixando marcas afetuosas durante os anos de doutorado e que comigo seguirão.

Agradeço a afetuosa orientação da Prof. Dra. Mariele Rodrigues Correa que abraçou a mim, minha família e o sonho de trilhar o caminho acadêmico de mãos dadas à velhice. Desde nosso encontro no mestrado, Mariele ofertou saberes e contribuições acreditando no meu potencial como pesquisadora, e ainda, pela parceria e amizade que extrapolam o espaço da Universidade. Aproveito, também, para agradecer ao José Justo que nos acolheu e por toda sua contribuição à Psicologia. Admiro vocês!

Ao querido Prof. Dr. Leonardo Lemos de Souza por todo suporte burocrático e institucional e principalmente por adotar a mim e minha pesquisa com tanto afeto. Desejo que sua companhia seja presente em minha trajetória com muitas histórias para contar, sorrir e se emocionar.

Meus agradecimentos especiais aos professores e professoras que compuseram as bancas de qualificação e defesa, por terem aceitado o convite de ler meu trabalho e por tantas contribuições para seu aprimoramento e finalização. São eles:

Prof. Dra. Guita Grin Debert pela disponibilidade que mesmo a distância trouxe feixes de luz na busca do conhecimento, diante disso, externalizo minha admiração à produção científica em prol da velhice brasileira.

Prof. Dra. Meyre Eiras de Barros Pinto, que me acompanha desde o mestrado, agradeço por seus olhares sensíveis a mim e a minha escrita com sábias orientações, que impulsiona e inspira na busca pelo conhecimento.

Professores: Dra. Gisele Gonçalves Melles de Oliveira e ao Dr. Adriano da Silva Rozendo por enriquecerem minha pesquisa na banca de defesa, unindo afeto e ciência. E aos suplentes Thássia Emídio e Paulo Victor Bezerra, gratidão.

As mulheres participantes da oficina “Encontros com a Terceira Idade”, no ano de 2017. Agradeço por cada momento que compartilhamos, por me receberem de braços abertos. Também agradeço a parceria de Cristiane, Flávio, Mariana, Sarah e Vítor nesses valiosos encontros.

Em especial minha gratidão à Clarissa, à Conceição e à Cecília, que me receberam em suas casas e juntas pudemos construir este trabalho. Mulheres inesquecíveis que se mostraram profundamente, deixando emergir memórias, afetos e medos com coragem e com forças

transformadoras imensuráveis. O aprendizado ao encontrar-me com cada uma levarei de maneira privilegiada ao longo da vida. Muito obrigada.

Aos professores e funcionários da Pós-Graduação em Psicologia da UNESP, *campus* de Assis. Em especial ao Prof. Dr. Fernando Teixeira Filho.

O processo de escrita por vezes é acompanhado por anseios e dificuldades, mas pude enfrentá-los por meio do privilégio de ser abrigada por duas amigas que guardo na memória do afeto. São elas: Aline Sabbadini, psicóloga, mestre e doutoranda, que possui uma escuta tão sensível, uma voz tão delicada e posicionamentos tão afinados, que dedicou seu tempo a mim e a leitura atenciosa e cuidadosa, bem como a normatização dos meus escritos; e a Josie Gerolamo, psicóloga, mestre, combativa, que me traz seu posicionamento político e ético na vanguarda da construção de uma sociedade mais justa e com equidade para nossos velhos e velhas e ainda para as velhas que seremos. Nossa amizade cresceu, juntamente, com nossos trabalhos e meu desejo é de seguirmos de mãos dadas nos novos tempos da vida com o nosso grupo de estudos sobre o envelhecimento, o Geras. É muito gratificante saber que tenho companhias que tanto admiro.

A amizade que ganhei com o ingresso ao doutorado que se tornou tão valiosa: a companhia tão bonita de Tatiane Pecoraro, seu trabalho e sua luta frente a uma Psicologia ética, crítica, implicada e com respeito às diferenças me inspira. Obrigada por tantos encontros e trocas.

A Letícia Minari Iafélix pela parceria e amizade nas Oficinas de Automaquiagem, entre 2018 e 2019. Juntas, fomos testemunhas das narrativas sobre a beleza e a poesia do tempo ao unirmos pincéis, sombras e batons e com a subjetividade de mulheres que se (re) descobriram na velhice.

Aos alunos da disciplina Psicologia e as Pessoas com Deficiência, minha primeira experiência como docente na UNESP/Assis. Obrigada por me ensinarem tanto.

Aos colegas de supervisão pelas ricas interlocuções: Ana Vitória, Aline, Flávio, Josie, Mariana e Roana.

Aos meus pais Maria Rita Cuencas Funari e Luiz Carlos Funari que desde sempre me amparam e sustentam em todos os sentidos, em todos os momentos e caminhos que escolho trilhar sem medir esforços. Vocês representam uma fonte de inspiração de afeto, cuidado, sabedoria e união, que me edificam e do qual tenho muito orgulho de ser filha de vocês.

Igualmente, no campo familiar agradeço a parceria e afetos entre mim e meus irmãos Fábio e André e minha cunhada Tatiana por todos os momentos difíceis que passamos e também pelos que celebramos e agradecemos a cada conquista.

Aos meus filhos Matheus e Thomás que a cada dia me ensinam cada um à sua maneira o que é amar. Ao Matheus que vê o mundo com esperança, que me faz acreditar no amanhã e o Thomás com sua coragem de desbravar os continentes, que me faz sonhar. Com vocês meus

dias são desafiadores, intensos e coloridos, de uma beleza tão genuína que reflete o futuro em meus olhos. Que sorte a minha ter vocês na aventura dessa vida, meus grandes amores.

Ao Gustavo, faltam-me palavras para agradecê-lo, meu companheiro de todos os tempos. Muito obrigada por partilhar cada linha desse sonho comigo e sempre contemplar o maior e o melhor em mim. Por meio de seu suporte tão afetuoso e acolhedor posso afirmar que este trabalho é nosso. Realizamos mais um de tantos sonhos que ainda vamos partilhar, obrigada ao amor da minha vida.

A Lara Gomes Funari, minha sobrinha, que representa junto com meus filhos o futuro. Seu sorriso meigo e sua determinação me inspiram a lutar em favor das meninas e mulheres, que apesar de viverem a opressão e a violência, buscam a construção de um amanhã dotado de possibilidades e realizações.

A Zeli de Campos Galvão que representa a família que escolhemos pertencer.

A grande família Cuencas, Funari e Mendes pela companhia seja concreta ou simbólica nesta tese e em minhas narrativas.

As minhas tias e valentes guerreiras: Cássia Maria Cuencas e Maria Cecília Funari Lobaczewski por me ensinarem que, o gênero feminino é composto por muita garra e determinação e pelo incentivo e apreço ao trabalho acadêmico, em especial, pelos estudos de gênero. Vocês me motivam!

Finalmente, não podia deixar de agradecer à professora Rúbia, pelo empenho em revisar o texto da minha pesquisa.

A menina e a mulher, em seu desdobramento novo e próprio, serão apenas de passagem imitadoras dos vícios e das virtudes masculinos e repetidoras das profissões dos homens. Depois da incerteza dessas transições, o que se revelará é que as mulheres só passaram por todos esses sucessivos disfarces (muitas vezes ridículos) para purificar sua própria essência das influências deformadoras do outro sexo. (...). Essa humanidade da mulher, realizada em meio a dores e humilhações, virá à tona quando ela tiver se livrado das convenções de sua situação exterior. E os homens, que hoje não a sentem vir ainda, serão surpreendidos e derrotados por essa humanidade. Um dia (já agora, especialmente nos países nórdicos, os indícios confiáveis a favor disso são eloquentes), um dia se encontrarão a menina e a mulher cujos nomes não significarão apenas uma oposição ao elemento masculino, mas algo de independente, algo que não fará pensar em complemento ou em limite, apenas na vida e na existência: o ser humano feminino.

Tal progresso transformará profundamente a vivência do amor, agora cheia de equívocos, trará alterações profundas (a princípio contra a vontade dos homens ultrapassados), configurando uma relação de ser humano, com ser humano, não mais de homem e mulher. E esse amor mais humano (que se realizará de modo infinitamente delicado e discreto, certo e claro, em laços atados e desatados) será semelhante àquele que nós preparamos, lutando com esforço, portanto ao amor que consiste na proteção mútua, na delimitação e saudação de duas solidões.

Rainer Maria Rilke, 14 de maio de 1904

SILVA, C. C. F. M. **Sexualidade feminina na trama do tempo: narrativas indizíveis de mulheres invisíveis**. 2019. 160 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, UNESP, Assis, 2019

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a compreensão dos sentidos da sexualidade feminina para mulheres idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos. A sexualidade para este público específico é, em boa parte, coberta pelo véu da invisibilidade. Nossas participantes da pesquisa são testemunhas da passagem do tempo e possuem suas trajetórias de vida contornadas pelo meio sociocultural, onde cada uma, de acordo com sua experiência, imprime diferentes significados na vivência da sexualidade. Por conseguinte, refletir sobre a sexualidade feminina na velhice alimenta o desejo de apreender de que maneira as mulheres idosas vivem, experimentam, simbolizam e ressignificam o efeito do envelhecimento na expressão da sexualidade no contexto social contemporâneo. Falar sobre a sexualidade é falar sobre si e nos propicia a construção da subjetividade em diferentes etapas - da infância à velhice, reunindo aspectos corporais, simbólicos e psíquicos. Herdeiras de padrões sociais, culturais e científicos as participantes dessa tese narraram suas histórias permeadas de silêncios, estereótipos e preconceitos. Para tanto, trouxemos o diálogo entre Psicologia e algumas áreas do conhecimento para fundamentarmos, cientificamente, nossas questões e a metodologia da Narrativa para nos amparar na busca das histórias e memórias das participantes. Elegemos a sexualidade como representante de construção subjetiva de mulheres idosas e por meio desse viés apreendemos que para além do critério, eminentemente, etário, destacamos sua importância na constituição do indivíduo e com sua maneira singular de comunicação e reflexão de diversos aspectos da subjetividade humana. Na presente pesquisa adotamos duas fases de realização que se desdobraram no processo de escrita desse trabalho: em um primeiro momento trazemos a descrição e reflexão de um processo grupal com mulheres idosas participantes da UNATI (Universidade Aberta a Terceira Idade) na UNESP do *campus* de Assis, São Paulo. Primeiramente discorremos sobre a construção da pesquisa em Psicologia e a concomitante construção da pesquisadora neste processo e apresentamos a metodologia escolhida. Em um segundo momento fazemos um diálogo com estudos científicos de diferentes nacionalidades sobre a temática da sexualidade com a apresentação e reflexão das entrevistas individuais com três mulheres participantes do grupo da UNATI. Cada uma, de acordo com suas vivências e narrativas nos propiciaram diferentes aspectos da sexualidade feminina no envelhecimento. Questões como violências reais e simbólicas, abusos, sonhos interditados, machismos, maternidade, trabalho e outros permearam as narrativas de histórias de vida e suas intersecções com a sexualidade. Concluímos que a conexão entre a sexualidade, o gênero e a velhice foi muito fecunda para análise das suas interações com o meio social, cultural e político, bem como com suas relações internas e com o meio social. E também para o combate do mito da velhice assexuada e das violências que estão expostas, bem como para a afirmação de uma sexualidade prazerosa e possível na velhice. Salientamos, ainda, a importância do desenvolvimento de pesquisas, na área da Psicologia, que abordem a sexualidade de mulheres velhas em sua diversidade, a fim de se compreender as nuances suas configurações no contemporâneo e para propiciar discussões de Políticas sociais para a velhice.

Palavras-chave: Sexualidade Feminina. Gênero. Velhice.

SILVA, C. C. F. M. **Female sexuality in the weave of time: unspeakable narratives of invisible women.** 2019. 160 f. Thesis (Ph. D in Psychology) - São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, 2019.

ABSTRACT

This paper aims to understand the meanings of female sexuality for old women, that is, aged 60 years or over. Sexuality for this particular audience is largely covered by the veil of invisibility. Our research participants are witnesses of the passage of time and have their life trajectories circumvented by the socio-cultural environment where each one of them, according to their experience, gives different meanings in the experience of sexuality. In order to promote the leading role of the elderly, this theme carries with it a multiplicity of factors to be researched, such as: ageing population, sexuality, gender differences. Therefore, reflecting on female sexuality in old age feeds the desire to learn how older women live, experience, symbolize and resignify the effect of aging on the expression of sexuality in the contemporary social context. To talk about sexuality is to talk about oneself and it allows us to construct subjectivity in different stages - from childhood to old age, bringing together bodily, symbolic and psychic aspects. Inheritors of social, cultural and scientific patterns, the participants of this thesis narrated their stories permeated with silences, stereotypes and prejudices. For this purpose, we chose the dialogue between Psychology and other areas of knowledge such as Anthropology, Social Sciences and others, to scientifically ground our questions we chose the Narrative methodology to support us in the search for the stories and memories of the participants. We elect sexuality as representative of the subjective construction of elderly women and through this bias we learn that beyond the eminently age criterion, we highlight its importance in the constitution of the individual with his unique way of communication and reflection of various aspects of human subjectivity. In this research we adopted two stages of realization, which unfolded in the writing process of this work: firstly we bring the description and reflection of a group process with aged women participating in the Open University of the Third Age (UNATI) at Paulista State University “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus of Assis city, in São Paulo state. In a second moment we make a dialogue between scientific studies on the theme of sexuality with the presentation and reflection of individual interviews with three women participating in the UNATI group. Each one, according to their experiences and narratives, provided us with different aspects of female sexuality in ageing. Issues such as real and symbolic violence, abuse, forbidden dreams, sexism, motherhood, work and others permeated the narratives of life stories and their intersections with sexuality. As a result of our meetings and readings, we conclude that the connection between sexuality, gender and old age was very fruitful for the analysis of their interactions with the cultural and political environment as well with their internal relations and the social environment. And also for the fight against the myth of asexual aging and the violence that is exposed, in addition for the affirmation of a pleasant and possible sexuality in old age. We emphasize the importance of the development of research in the area of Psychology that addresses the sexuality of old women in their diversity, in order to understand the nuances of their contemporary configurations and to provide discussions of social policies and old age.

Keywords: Female Sexuality. Gender. Old age.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 - A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA E DA PESQUISADORA: ESPAÇOS VISITADOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DE SI E DO CIENTÍFICO	17
1.1 Narrativas como caminho metodológico	19
1.2 Espaços visitados com a (s) velhice (s)	22
1.3 Encontros e desencontros na construção do itinerário científico: os primeiros passos com as oficinas “Encontros com a Terceira Idade”	25
1.4 Encontros com a (s) sexualidade (s)	28
CAPÍTULO 2 - ALGUNS ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA SEXUALIDADE, GÊNERO E VELHICES	31
2.1 O que é sexualidade para você? Sexualidade e suas conceituações.....	31
2.2 Estudos	37
CAPÍTULO 3 - O ENVELHECER E SEUS ASPECTOS SUBJETIVOS: TEMPORALIDADES NARRADAS POR VOZES FEMININAS	42
3.1 Velhas: pluralidades de narrativas	45
3.2 Elas são a maioria.....	49
3.3 Viuvez.....	50
3.4 Educação, desempenho de papéis e aposentadoria como processos de subjetivação	51
3.5 Relações Familiares e Relações Intergeracionais	54
3.6 A invisibilidade social como violência.....	56
3.7 Corpo que envelhece: A beleza do tempo impressa em corpos femininos.....	57
3.8 Desconstruindo barreiras e construindo projetos de vida.....	60
3.9 Ter a si mesma como companhia: considerações sobre o envelhecer.....	61
3.10 Aproximando um pouco mais as velhices e as sexualidades.....	63
3.11 O grupo e sua construção particular do conceito de velhice.....	68
3.12 Refazendo trajetos: Do grupo à dupla	69
CAPÍTULO 4 – CLARISSA: ENCONTRO COM UMA NARRATIVA DE VIOLÊNCIAS, VAZIOS, ESPERANÇAS E POESIAS	72
4.1 Clarissa e Camila.....	73
4.2 Clarissa	74
4.3 Clarissa e Camila: os diálogos possíveis entre temporalidades, sociedade, cultura e ciências.....	82
CAPÍTULO 5: CONCEIÇÃO E SEUS “PECADOS”: DISPOSITIVOS SUBJETIVOS NA TRAMA DO TEMPO	99
5.1 A presença silenciosa de Conceição.....	99
5.2 Conceição	100
5.3 Camila e Conceição	105
CAPÍTULO 6: CECÍLIA: DANÇANDO CONFORME A MÚSICA E COREOGRAFANDO ALGUNS PASSOS DE SEU DESTINO	119
6.1 Cecília, Camila e as relações grupais	119

6.2 Cecília.....	121
6.3 Camila e Cecília	129
6.4 Feminismos	134
6.5 Novas melodias se compõem.....	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS	147

INTRODUÇÃO

*Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo,
Para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você.
Para me tornar mais íntima comigo mesma e consigo.
Para me descobrir, preservar-me, construir-me, alcançar autonomia.
(ANZALDÚA, 2000, p. 232)*

Refletir sobre a sexualidade feminina na trama do tempo alimentou o desejo de apreender de que maneira algumas mulheres idosas vivem, experimentam, simbolizam e ressignificam o efeito do envelhecimento, na expressão da sexualidade, ao longo da vida. Este é o objetivo principal da tese. Entendemos que buscar e compreender tais questões nos levaram ao entendimento de valores que compõem a realidade brasileira, confirmando sua importância tanto para o meio social como o acadêmico. Mas, afinal, o que é ser uma mulher e velha? Segundo as considerações de Brito da Motta (2011),

Essa própria categoria, mulher idosa, é heterogênea, multifacetada, plural. Recorde-se as diferentes idosas que se vê na rua: pobres, ricas e remediadas; brancas, pretas e pardas; mais velhas, menos velhas, conservadas; bem femininas, ou, até, parecendo homens; sérias e ridículas. Que têm em comum que as identifique como o objeto de nossa análise? (BRITO DA MOTTA, 2011, s/p).

Este é um trabalho que versa sobre mulheres, velhices, temporalidades e sexualidades. Escrito por uma mulher, cientificamente, não considerada velha, mas composta pela profusão de diferentes dimensões. Assim, meu corpo, as histórias que me compõem antes de meu nascimento e as narrativas que delas verbalizo e escrevo me fazem entender o quanto somos “multidão”¹. E o quanto apenas no coletivo somos possíveis.

A princípio, ressaltamos que nossos velhos e nossas velhas são guardiões de uma memória plural, tecida a partir das relações entre pessoas, grupos e instituições e que passa a fazer parte das memórias de uma sociedade por meio da transmissão simbólica, conceitos e afetos de geração em geração. Portanto, são valiosas fontes de pesquisa, aprendizados e aquisição de conhecimentos, como nos há tempos registrou Ecléa Bosi (1994, p. 42):

A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada a nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento de paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. (BOSI, 1994, p. 42).

Entendemos que para buscarmos informações, histórias e experiências sobre a sexualidade feminina ao longo da vida fizeram-se necessários a utilização de pressupostos metodológicos que trouxessem em si a concepção de um sujeito compositor de seu meio

¹ DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: n. 34, v. 1, 1995.

social, em que cada participante pudesse imprimir diferentes significados às suas vivências. Nesse sentido, o recurso metodológico escolhido foi o da Narrativa que, por sua vez, propiciou à pesquisadora aliar a seu tema de pesquisa uma concepção de indivíduo e de ciência, construindo significados ao buscar histórias narradas por mulheres idosas, compilando experiências e memórias, produzindo novos pensamentos, numa inter-relação entre indivíduo e sociedade, estando também em consonância com uma política de narratividade. Baseados em princípios éticos e com pressupostos científicos que nos permitem um posicionamento enquanto pesquisadora e participantes, valorizando toda a experiência intrínseca à produção do conhecimento.

Michelle Perrot (2005) em sua obra *Mulheres ou os silêncios da História* se deteve em “denunciar” os silêncios que faziam parte da história das mulheres, tão significativa para pensar que se fez necessário contrariar uma história registrada e reproduzida há séculos. Iremos de mãos dadas com autores e autoras que registraram a história de mulheres, de sua desvalorização, segregação e marginalização. Para a autora, “é o olhar do outro que faz a história. No coração de qualquer relato histórico há vontade de saber” (PERROT, 2005, p. 14).

O corpo, este expoente concreto, do labirinto do tempo histórico, está no cerne das relações de poder e foi confessionário de muitos silêncios na história das mulheres: invisível, subalterno, disciplinado, imobilizado, envelhecido, violentado, atroz, erótico, assexuado. Sempre esteve amarrado às relações de poder, privadas ou públicas, à família, aos filhos, às leis do Estado e sua jurisprudência. Pouco avançamos nessas questões se pensarmos que nos dias atuais ainda estamos em meio a uma batalha sobre a criminalização do aborto no Brasil, que só é permitido quando há risco de morte para a gestante, quando a gravidez resulta de estupro ou quando o feto é anencefálico. E mesmo assim sobre a decisão do poder judiciário.

Corpos femininos são marcados por sua diversidade, heterogeneidade e pluralidade. Contudo, são homogêneos nas diferentes faces da violência que os constituem, culturalmente. Nesse sentido, Perrot (2005) nos traz as marcas da violência:

A dimensão maior da história das relações entre os sexos, a dominação dos homens sobre as mulheres, relação de forças desiguais, expressa-se frequentemente pela violência. O processo de civilização a fez recuar sem aboli-la, tornando-a mais sutil e mais simbólica. Subsistem, entretanto, grandes explosões de uma violência direta e sem dissimulação, sempre pronta a ressurgir, como a tranquila segurança do direito de poder dispor livremente do corpo do Outro, este corpo que lhe pertence. (PERROT, 2005, p. 454).

A virilidade masculina detinha o total direito de possuir o corpo feminino em detrimento de seu exclusivo prazer. Desde os feudos o senhor era merecedor da virgindade

das colunas, passando por prostitutas, bastardas, empregadas e escravas que eram entregues e violentadas pelos “jovens machos”. Essas violências são estruturais. A história da origem de uma civilização é contada por homens, como nos antecipava há tempos La Barre². O lugar destinado ao silêncio desde os registros bíblicos de explicação do mundo, o verbo era a representação de um Deus e sua conjugação estendia-se às instituições religiosas, espaços públicos e privados por meio da aceitação e obediência à normas e valores viris tais como códigos de conduta de comportamentos como expressões gestuais e vestimentas, sejam elas simbólicas ou concretas disciplinaram o mundo, “como aquelas velhas mulheres fechadas em um mutismo de além-túmulo, que não pode discernir se é uma vontade de se calar, incapacidade em comunicar-se ou ausência de pensamento que foi destruído de tanta impossibilidade de se expressar”. (PERROT, 2005, p. 11).

Segundo Del Priore (1993) na mentalidade patriarcal, difundida nos sermões da Igreja reproduzia os ideais, desde o século XVI, de que a mulher era uma escrava doméstica submissa e obediente. A disseminação e interiorização dos valores religiosos e a evolução das civilizações se deram em termos muito desiguais. Enquanto se construía uma noção de vida privada dos senhores feudais os colonizados se detinham na precariedade. A Igreja também se fez íntima da vida privada com códigos de conduta e interdição: o instinto sexual deveria ser regido para a manutenção da espécie e sistema político vigente.

Perrot (2005) menciona que com a Revolução Industrial a violência aumentou. A inserção das mulheres no mercado de trabalho é uma “extensão de sua servidão” em que os eixos de “não qualificação, precariedade dependências sexuais se mantêm”. As lutas e reivindicações contra os abusos cometidos pelos patrões trouxeram à tona denúncias de explorações de todas as ordens, inclusive as sexuais. Mas quem ouviu uma denúncia de uma mulher?

Por que se preocupar com o que seria apenas um discurso? Assim como se nega o estupro das mulheres diante do tribunal com o pretexto de que tudo se passa na sua cabeça ou até mesmo em seu desejo fantasiado, da mesma forma se subestimou a exploração sexual real da qual mulheres e singularmente moças do povo foram vítimas e que migrações, urbanização, industrialização, em um primeiro momento, aceleram, ao enfraquecer os laços sócias tradicionais. No entanto, muito se falou de precarização, mas não de sexualização. (PERROT, 2005, p. 450).

² “Tudo o que os homens escreveram sobre as mulheres deve ser suspeito, pois eles são, a um tempo, juiz e parte”. In: BEAUVOIR, S. O segundo sexo. Volume 1 Fatos e Mitos. 3 ed. Tradução de Sergio Millet. Rio de Janeiro. Nova Fronteira: 2016.

Quantos silêncios compõem nossas histórias? “Silenciosas as mulheres? – Mas elas são as únicas que escutam, dirão alguns de nossos contemporâneos, que, com certa angústia, tem a impressão de sua irresistível ascensão e sua fala invasora” (PERROT, 2005, p. 9).

Somente a partir do século XIX que as vozes das mulheres “passaram” a ser ouvidas. Tamanha a gravidade sobre a desvalorização feminina que as estatísticas do século XIX não são estruturadas por gênero e apenas trazem informações sobre chefes de família e atividades econômicas por eles governados. Contudo, o manejo feminino fez do silêncio um importante arsenal para mulheres que conseguiram registrar o enclausuramento do ambiente doméstico e confessavam em páginas desejos secretos, crimes e castigos da intimidade familiar. (PERROT, 2005)

Com tais elementos da história regressa, construímos este trabalho nos seguintes capítulos: A construção da pesquisa e da pesquisadora: espaços visitados na produção do conhecimento de si e do científico apresentaremos a metodologia escolhida associando a construção da pesquisa com os caminhos pessoais trilhados por essa que vos escreve por meio de um diálogo entre o processo de produção científica em Psicologia. Neste sentido, a pesquisa sobre a sexualidade feminina nos permitiu dar voz a mulheres que foram silenciadas ao longo do percurso histórico, gerando diferentes formas, vivências e concepções sobre as sexualidades.

No segundo capítulo foram feitos alguns estudos sobre a temática sexualidade, gênero e velhices reunimos trabalhos científicos de diferentes nacionalidades para a compreensão de como diferentes contextos estavam produzindo conhecimentos acerca da sexualidade para mulheres velhas.

Dando prosseguimento ao trabalho trouxemos no terceiro capítulo reflexões e experiências sobre as diferentes velhices produzidos por um grupo de mulheres participantes de Oficinas terapêuticas vinculadas a Universidade Aberta a Terceira Idade no campus da UNESP, em Assis-SP.

É preciso informar que os nomes que nesta tese estão registrados são nomes fictícios. Algumas participantes até pediram para seus respectivos nomes fossem revelados, contudo, respeitando os princípios éticos que norteiam as pesquisas brasileiras não os utilizamos. Como uma singela homenagem cada nome foi, especialmente, escolhido em demonstração de afeto e apreço aos familiares, amigas e autoras.

No quarto capítulo apresentaremos a narrativa de Clarissa e sua trajetória de vida, com lembranças e elóquio de uma sexualidade aprisionada e silenciada por muitos anos, de sorte

que na velhice pode ressignificá-la no enfrentamento às suas dores e consequências. Encontrei-me com a história íntima de sentimentos tão profundos na busca de sentidos, com as narrativas de violências de mulheres que me precederam e nos constituem cultural, simbólica, psiquicamente. Uma mulher subjugada que traz marcas literais em seu corpo, representante de violências múltiplas, que nos confia em seu relato emocionado e que dele me valho como denúncia e quiçá como instrumento de emancipação feminina no contemporâneo.

No quinto capítulo refletiremos, juntos, sobre a sexualidade significada e ressignificada na trama do tempo com as narrativas e encontro com Conceição que também nos trouxe seu corpo como expoente de adoecimento, relações familiares, sociais, culturais e políticas. Com esse capítulo há discussões acerca de violências concretas e simbólicas e suas consequências durante toda a vida e em especial na velhice.

No sexto capítulo convidamos os leitores a mais uma correlação entre história de vida, sociedade e sexualidade com o encontro e das narrativas dele verbalizado por Cecília. A participante nos propiciou uma reflexão sobre as engrenagens familiares e religiosas que a levaram a desconhecer a sua sexualidade e ainda nos proporcionou uma reflexão sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Por fim nas Considerações Finais há um apanhado de reflexões tecidas por meio dos encontros e da polissemia de vozes que geram essa tese. Que a sua leitura lhe desperte muitos sentidos, memórias e reflexões e que sempre haja uma história para contar e para sonhar.

1 A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA E DA PESQUISADORA: ESPAÇOS VISITADOS NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO DE SI E DO CIENTÍFICO.

A escrita, durante alguns períodos da História, foi um instrumento de emancipação e empoderamento de mulheres aristocratas. Escrever era uma atividade respeitável e inofensiva, descreve Virginia Woolf (2018), pois o riscar da caneta no papel e molhá-la no nanquim não perturbava a paz doméstica e não trazia despesas. A autora, ao narrar sua própria trajetória descreve: “pois, na hora, em que pus a caneta no papel, percebi que não dá pra fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria”. (WOOLF, 2018, p. 13).

A autora em questão (1882-1941) apresentou-se com estas palavras em um encontro da Sociedade Nacional de Auxílio a Mulheres em 1931. Sua narrativa contém uma visão crítica frente a uma sociedade que preconizava a submissão feminina e traz as dificuldades de inserção no mercado de trabalho frente a valores sociais e culturais machistas. Assim como os preceitos de Woolf, este trabalho compõe-se de produções mútuas: de entrelaçamentos de narrativas de participantes e da minha narrativa, pois não seria possível a escrita de um trabalho que não contemplasse um tempo, um lugar, com subjetividades se construindo e desconstruindo em simultâneo movimento.

Mairisse (2003) define que ao buscarmos histórias a serem contadas somos capturados e convidados a percorrer estradas, caprichosamente, contornadas por afetos, sentimentos, desejos, marcas e percalços transformados em mensagens, como costumes e hábitos de temporalidades que formaram e cimentaram subjetividades. Para a autora:

Contar uma história pode vir a ser um movimento de desdobramento, deixando vir o dentro para fora, libertando aquele que se refugia nos entres das envergaduras, agenciando no sujeito uma nova configuração do ser (MAIRISSE, 2003, p. 269).

Concluo que novas configurações nasceram com as reflexões suscitadas pela temática proposta, tanto para as participantes como também para a pesquisadora que, ao posicionar a caneta no papel, a arte de escrever nascia embalada pela paixão, pela gratidão, pelas dificuldades, insônias. Mas a arte embuia-se de um processo inexplicável, mantendo o desejo de escrita pulsante em que os movimentos da caneta compunham danças nas linhas e me faziam refletir a cada parágrafo: o porquê da escolha desse tema de pesquisa? Qual sua pertinência científica e/ou social?

Para tantas indagações busquei companhia e continência em encontros que me formam e são muito caros – seja com a presença de Leonardo que, além de todo auxílio institucional e burocrático, traz em seu corpo registros de luta, política, conhecimento; com a poética

afetuosa orientação de Mariele que a cada encontro me fazia acreditar que, além de conhecimentos, ciência ainda se faz com paixão e posicionamento político seja como mulher, docente, cidadã. Também no encontro com as velhas³ mulheres da oficina “Encontros com a Terceira Idade”, realizadas na “Universidade Aberta a Terceira Idade” (UNATI), programa de extensão desenvolvido pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/Assis). Encontros estes tão potentes que os registrei, um a um, para que suas palavras estejam sempre em circulação e que a memória não me permita esquecê-las, compondo-me em diferentes tempos verbais.

Assim, neste trabalho, estão múltiplas vozes – de quem tece a escrita, de sua orientadora, das participantes e de diferentes fontes bibliográficas. Investigar tais conhecimentos afetaram-me intensamente, desejando reafirmar o quanto meus pais me ensinaram sobre feminismo sem nunca ter pronunciado seu conceito. Maria Rita, Luiz Carlos e suas narrativas sobre suas experiências me acolheram desde a nossa adoção e a cada dia nos construímos e desconstruímos com olhares de amor e respeito e reiteramos nosso lugar no mundo. Lugares estes habitados por histórias com múltiplos atores e múltiplas conexões que nos reafirmam a problematização e questionamento das verdades absolutas.

Anzaldúa (2000) afirma que no processo de tecer a escrita de si há o encontro entre o científico e o político, ou seja, com a militância. Em suas palavras, “o perigo de escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão”. (ANZALDÚA, 2000, p. 233).

Portanto, a escolha metodológica, a organização de capítulos e as problematizações teóricas representam o posicionar-se, politicamente, acerca da construção de si e do conhecimento. Tal empreita articula-se com a busca constante de desnaturalizar e desconstruir saberes e discursos que homogeneizam e desqualificam mulheres, que pregam uma velhice doente, moribunda e assexuada e a patologização de sexualidades. Todo esse processo se compõe por meio do aporte de experiências e reflexões advindas dos anos dedicados ao processo do doutorado – sejam em disciplinas, supervisões, grupos de estudo – compostas por múltiplas vozes e corpos implicados ao qual insiro meu discurso.

A feitura desse trabalho assemelhou-se ao ofício do artesão. No entanto, nossa matéria-prima é orgânica e resultante das tramas das palavras em circulação, alinhavadas por

³ Cabe mencionar que o termo “velha” é empregado em valorização à velhice não havendo nenhum sentido pejorativo ou de desvalorização da velhice, aliás, muito pelo contrário, trata-se de uma afirmação de respeito a diferentes idades da vida.

fiões sustentados pela memória, coloridas e enozadas pelas lembranças, pinceladas por afetos, esculpidas pelo tempo e assim como uma ciranda multivocal que brinca com os diferentes tempos verbais. Presente, passado e futuro fundem-se na incongruência da suspensão das horas produzindo narrativas, que se fazem nesse trabalho enquanto caminho metodológico e suporte ao conhecimento científico. Vamos às suas conceituações.

1.1 Narrativas como caminho metodológico.

A escolha da narrativa se fez pelo fato de que a partir desta metodologia conseguimos trabalhar a inseparabilidade entre conhecimento e vida com todos os protocolos pré-estabelecidos para a construção de ciência. Trabalhamos, artesanalmente, com histórias de vida – com narrativas que se fizeram texto, um registro de outrora, de mulheres que esculpiram em palavras períodos históricos, organizações sociais e familiares, culturais e políticas – e estes produziram discursos, sentidos diferentes, percepções e subjetividades.

Como enunciado este é um trabalho realizado em conjunto: em um primeiro momento encontrei-me com minhas histórias (resumidamente aqui exemplificadas), com histórias das oficinas terapêuticas em um grupo oferecido na Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* de Assis, que me permitiram refletir sobre a velhice que se tece no interior paulista, em especial a feminina. Em um segundo momento com encontros individuais com 3 (três) participantes que pertenciam ao referido grupo. Em tais encontros, por meio dos olhares das narradoras, pude fazer parte de paisagens que lhes eram caras, naturais ou constituídas por vivências, afetos e sabores que imprimiram suas marcas na construção de micropartículas dessa tese, que compõem um grande cosmo na pesquisa.

Durante esta construção tão manual e genuína apreendemos o quanto o narrar possui várias vozes: a audível, a observável com as expressões corporais, a simbólica com ricas contribuições dos recursos inconscientes, a imaginada e a construída em forma de poesia. Ou seja, narrativas são polifonias que nos permitiram concretizar a ação do tempo, uma sinestesia de sons que nos falaram, contaram, memorizaram, sentiram e reproduziram conexões de si e do mundo. Para Bosi (1994, p. 90), “a arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador a sua matéria, a vida humana”.

Dentre as funções da narrativa, sejam de busca e ou interpretação do tempo, da origem do homem e da representação do mundo, o fazer-se ou construir-se, cientificamente, com este método foram de constantes trocas entre locutoras e ouvinte, entre mim, as participantes e entre os sons que ecoaram e formaram uma rede de relações. Desta maneira, fez-se um

trabalho de interlocução no qual o olhar do pesquisador e as narrativas se criaram e recriaram tal qual um movimento artístico.

Barthes (1971) conceitua que a narrativa agrega gêneros, tempos e localidades, ou seja, está contida em todas as sociedades e transmitidas em todas as linguagens – oral, escrita, visual, gestual e verbal. Assim como mencionamos, nossa matéria-prima é composta por histórias de vida, mas não é fechada e nem possui certezas incontestáveis. Dentro da vivência pulsante de cada narrativa cabe ao pesquisador munir-se de sensibilidades e conhecimentos éticos-científicos, definidas pelo enfrentamento e “cabe ao pesquisador enfrentar o terreno da metáfora, da alegoria e do simbólico” (PASAVENTO, 2003, p. 110). Assim o recuperável pela pesquisa, em alusão a Pasavento (idem), faz-se por meio da memória, a qual, nas palavras de Certeau (1998, p. 163): “vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita. Deslocável, móvel, vem de alhures”.

A memória é individual e social, conduzida pela linguagem. Halbwachs (2003), que conceitua a linguagem como um socializador da memória, com uma função de unificar os espaços históricos e culturais e, mediante recurso narrativo o autor delimita um campo metodológico e conceitual ao integrar a experiência e o relato oral. O autor também afirma que o ato de lembrar é uma possibilidade de ressignificação de experiências passadas no presente, partindo das reminiscências que se desdobram, tecendo uma rede conceitual de acontecimentos. Segundo suas considerações,

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. (HALBWACHS, 2003, p. 38).

Desta forma, com a narrativa enquanto método de pesquisa, a construção de sentidos é permeada por trocas de palavras e significados mútuos e constantes entre locutor, ouvinte e seus produtos. Ou seja, só há interlocução com trocas por meio das palavras, seus objetivos, sua localidade dentro de um contexto social e cultural. Trabalhar com narrativas nos faz problematizar as questões sobre tempo, espaço, memória do ato de contar, sobre realidade e ficção, história e verdade. Certeau (1998, p. 151) diz que a narrativa é um “dizer sobre aquilo que o outro diz de sua arte, e não um dizer dessa arte”.

O narrar pode possuir um estilo particular, poético e artístico. A arte de narrar compõe poeticamente a criação e estruturação de como se dá a experiência mediante o passar do tempo. A temporalidade narrada, segundo García (2006, s/p), torna-se um tempo humanizado e produtor de sentidos: “Vivir es vivir en el tempo y vivir es tener história”. Neste sentido, o

autor compreende que com as narrativas pode-se “brincar” com as dimensões temporais, não havendo uma rigidez na sucessão de fatos, no qual a sequência temporal pode ser modificada e re-significada, distinguindo-a assim de uma informação. Para Benjamin (1994),

Metade da arte da narrativa está em evitar explicações. [...] O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação. (BENJAMIN, 1994, p. 203).

Benjamin (1994) nos traz mais uma associação ao ato de narrar: a valorização das experiências por meio da memória grupal, pois ao buscar lembranças e partilhá-las em grupo estamos criando uma história não só individual, mas social. Assim, o narrador passa a construir uma história coletiva com seu ouvinte e cada um a sua maneira associa fatos, afetos e emoções ao conteúdo, imprimindo sua identidade, “como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Bosi (1994) verseja que a pesquisa com a velhice é um campo em potencial para a composição de múltiplas vozes e significados, em suas palavras:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com característica bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis. (BOSI, 1994, p. 60).

Dotados de uma história social e cultural, o registro e o manejo de uma narrativa incumbem ao pesquisador atentar-se para as relações de poder que os discursos estabelecem e se submetem. Assim, a escrituração de uma narrativa está envolvida na problemática da articulação de redes entre os fatos, o acontecido e o desejado, e estes, buscam um sentido.

Segundo Foucault (2010), manejar registros está à serviço de suscitar problematizações, o que nos lembra da importância de se tecer uma análise crítica competente ao método em que vetores de poder estão presentes em todas as relações com movimentos múltiplos que se transformam a cada fala, em cada narrativa. Desta forma, um dos trabalhos do pesquisador na recuperação do tempo e na construção da análise crítica deve-se ao exercício de apontar, associar e descortinar relações de poder nas relações discursivas (ROLNIK, 2007). Ecléa Bosi (2004) conceitua que nós, “pesquisadores de campo, somos hamletianos, desconfiamos do discurso desenvolvido, sem lastro. Estamos sempre à procura do que está, ainda, na inexpressão e do que hesita em ser capturado pela interpretação” (BOSI, 2004, p. 65).

Enfim, no olhar da pesquisadora estão refletidas as memórias de mulheres de

gerações, de outrora. Gerações que construíram olhares com suas experiências e nos deixam como herança simbólica para que além de serem vistas, sejam apropriadas e valorizadas pelo espaço-tempo do contemporâneo. O simbólico nos permite até um não ver, como uma cegueira para que outros modos de ver sejam tangíveis, e assim, enxergar as sombras, as repetições de palavras, de gestos, o cair de lágrimas, os suspiros profundos, os olhares vagos... E por meio destes se faz o olhar da pesquisadora, que escreve o desejo de se fazer ver e ouvir as narrativas indizíveis de mulheres invisíveis e com elas ecoar uma rede de relações, linguagens, afetos e saberes.

1.2 Espaços visitados com a (s) velhice (s).

Voltar no tempo em lembranças e memórias mediante passagem do tempo concretizada na velhice, trouxe-nos importantes inquietações, especificamente relacionadas à velhice feminina, denunciando a densidade de discursos silenciados e também as minhas lembranças que aqui são descritas pelos espaços, que minha memória visitou.

Faço parte de uma família que possui uma elevada expectativa de vida, assim a intergeracionalidade sempre foi presente. Dentre tantas lembranças e fatos, impossível não fechar os olhos, silenciar o mundo e sorrir para passagens na casa de minha avó. Lá, naquela casa com um grande quintal, cuidadosamente, esculpido pelas mãos de D. Anésia com flores e plantas, árvores frutíferas e galinheiro, era um solo que, literalmente, continha e contém a mim e a meus primos: nossos umbigos foram enterrados aos pés de roseiras – que por sua vez eram um santo remédio para nossas peles, que expiravam curiosidades em desenvolvimento. Simbolicamente, minhas raízes ramificaram para outros territórios⁴ com uma produção contínua de modos de vida que permitiram que me encontrasse com outras velhices.

Seguindo a cronologia temporal “moderna”, além das relações familiares tive alguns professores idosos que, junto com suas matérias, sempre versavam sobre a passagem do tempo e seus efeitos, como a desvalorização da velhice. Dona Dirce, que foi minha professora da primeira à quarta série, repetia: “temos que aprender as letras para contar o mundo”.

Com o ingresso na faculdade de Psicologia, pouquíssimos foram os debates, estudos ou palestras sobre o tema do envelhecimento. De fato, a universidade era habitada por velhos e velhas – professores, funcionários, visitantes, mas na aprendizagem da prática profissional foram raros os olhares e ouvidos atentos para a velhice. Sempre outros vieses eram

⁴ “O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto de projetos e representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos”. (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 323).

trabalhados, como sintomas, fragilidades e doenças.

Minha graduação, a partir do segundo ano, foi acompanhada pela maternidade que eu estava gestando. Olhar, atentamente, para meus pais como avós trouxe mais um elo para a minha dimensão temporal: mais uma geração nascia com meus filhos. Meus pais ainda não eram idosos, quando se tornaram avós, mas essa associação cultural ia de encontro com minha realidade de uma gravidez precoce. Gestaram em mim, além de meus gêmeos, as imposições do tempo regidas por práticas e discursos sociais, de coitadinha e corajosa – quantas vezes me questionei sobre minha identidade feminina, naquele momento.

A maternidade era uma resposta automática, concreta e complexa, na qual ser mulher, mãe e estudante me trouxeram muitos questionamentos sobre mim, minha mãe, minha avó e minha ancestralidade, que de formas conscientes ou não, pude observar (além de ver, como afirmou Saramago⁵) que sempre me inseri em estágios que me aproximaram de diferentes expressões femininas. No Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) com a inesquecível Berenice, com grupos de mães em escolas públicas, com acolhimento de vítimas de violência sexual no Hospital e ainda em artigos, trabalhos e concurso sobre igualdade de gênero.

Com a primeira prática profissional fui presenteada, novamente, ao encontro da velhice, contudo, dessa vez pude conhecer uma realidade árdua: idosos esquizofrênicos e baixo nível econômico e excluídos socialmente e que buscavam no “posto de saúde” um espaço de escuta, cuidado, acolhimento e, principalmente, de um pertencimento⁶ que abrigassem suas singularidades, pois estavam tão à margem da sociedade que eram estrangeiros em sua terra natal. Estávamos nas manhãs de segunda a sexta-feira construindo juntos nosso “Espaço de Convivência” (que era uma sala aos fundos da Unidade Básica de Saúde de Pedrinhas Paulista – SP) com alicerces e materiais oriundos de diferentes profissionais: assistência social, enfermagem e uma voluntária (que não possuía formação universitária) e fomos entrelaçando os saberes científicos, das vivências e das crendices com a energia, sonhos e inseguranças de uma recém-formada. Durante o tempo que nos foi possível estar ali tecemos uma rede que me compõe subjetivamente. Nesse período também começo meu trabalho em um consultório e neste universo convivo com uma outra velhice: a de avós que eram cuidadores de seus netos.

⁵ SARAMAGO, J. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁶ Em referência às ideias de Bauman (2005) in: BAUMAN, Z. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

E, assim como a arte imita a vida, novamente a partir da infância tive a oportunidade de observar, indagar e ouvir esses avós e suas funções. Com essa escuta nutri o desejo de dissertar e me encaminhar para outra trajetória: a pesquisa que se realizou na mesma universidade em que me graduei e com a orientação de Mariele que também abraça essa tese. Na dissertação: “Os avós e os netos: um encontro de diferentes tempos verbais” (2014) mergulhei em diversas bibliografias que me despertaram ainda mais o apreço pelos estudos sobre o envelhecimento, principalmente na necessidade de pesquisas, estudos com olhares críticos que contemplassem uma velhice que não fosse permeada por preconceitos e estereótipos. Sendo assim, em nosso mestrado, trouxemos, a partir da experiência profissional, um diálogo entre avós e netos por meio da literatura infantil com análise das obras de Ziraldo e Cora Coralina, enfatizando a importância das trocas simbólicas das relações intergeracionais, tendo como instrumento de análise e recurso metodológico a Psicanálise. Portanto construímos um elo entre avós, netos, conceitos psicanalíticos, literatura infantil e diversos aspectos da subjetividade.

Ao buscar um espaço no mercado de trabalho senti a necessidade de aprofundar leituras e desbravar o vasto universo da Psicanálise. Além de Freud liamos, na formação de especialistas em Psicoterapia Psicanalítica, do Núcleo de Psicanálise de Marília/SP e região, seus sucessores e sempre os questionamentos sobre o feminino me acompanhavam tanto que meu trabalho final se perguntou se filhas, mães e avós eram mulheres possíveis na Psicanálise... ainda me questiono.

E agora, nesta tese, está o registro de uma trajetória de questionamentos, sonhos e afetos que procuraram explorar, tal qual um arqueólogo que procura por vestígios de ausências e histórias que não fora contadas. Percorrendo as regiões mais profundas do mundo interior, do sensório, da afetividade, para onde a emoção colore pensamentos ao mesmo tempo que o intelecto estrutura as emoções – mediante a diversos níveis intuitivos – assim como transformou meus pensamentos e possibilitou vários encontros. Em outras palavras, compartilho o pensamento de Stubs (2015):

Tenho uma atração pelo que vibra e faz vibrar. Gosto de pensar no pequeno movimento das coisas, esse que diz dos ruídos, dos silêncios, dos rumores e dos relevos de sombra e curvas. Para que esse infinitamente pequeno seja próximo e passível de experimentação com o corpo todo basta uma conexão. Sinto-me forte quando crio essa ficção, me acredito capaz de fazer a revolução e até ser uma revolução em meu pequeno/grande território de vida. (STUBS, 2015, p. 12).

1.3 Encontros e desencontros na construção do itinerário científico: os primeiros passos com as oficinas “Encontros com a Terceira Idade”.

“Eu nunca esquecerei desse abraço” – disse-me Dona Carlota no primeiro dia da oficina terapêutica, “Encontros com a Terceira Idade”, em 2017. Da mesma forma desejei profundamente que minha memória eternizasse aquele abraço. Como já exposto, esta tese é a confluência de dois processos de pesquisa - grupal e individual. Para fins metodológicos e sequenciais apresentamos neste item a pesquisa com o grupo e também reflexões e experiências dele vivenciadas.

Os encontros entre as participantes e seus coordenadores tinham data, horário e local pré-estabelecidos tanto pela coordenação do projeto da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), como pelo grupo (que hoje são psicólogos: Flávio, Sarah, Victor, Cristiane – e aproveito para externalizar minha gratidão pela partilha de conhecimentos e afetos) no qual me integrava como uma pesquisadora-observadora-participante, atestando a metodologia escolhida.

A organização dos encontros foi feita tanto por estagiários, pela pesquisadora e ainda pela orientação da docente que também é orientadora desta pesquisa. Cada encontro-oficina abordou uma temática elaborada, previamente, em comum acordo tanto por sugestão de sua coordenação, bem como pela demanda das participantes. (CORREA et.al, 2015). As oficinas estruturaram-se de maneira que permitissem a inserção do trabalho do pesquisador em suas diferentes fases, que compuseram o universo da pesquisa.

Pesquisamos junto a mulheres inscritas na Universidade Aberta a Terceira Idade (UNATI) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* de Assis/SP. A UNATI é um programa institucional vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, de caráter multidisciplinar e permanente, no qual são oferecidos diversos cursos e oficinas voltados para a comunidade local a partir dos 50 anos de idade.

O referido programa visa a inserção de idosos e idosas no *campus* acadêmico com o oferecimento de atividades didáticas, artístico- culturais e de saúde que propiciam o acesso a novos conhecimentos e interesses do segmento etário por meio de um espaço de convivência e troca de experiências entre gerações. No *campus* da UNATI-UNESP Assis, o projeto existe há 25 anos e atende uma média de 300 idosos e idosas, anualmente. Foram oferecidas 25 oficinas (em 2019) por alunos da Graduação e Pós-graduação dos cursos: Ciências Biológicas, Letras, História, Psicologia e Engenharia Biotecnológica e ainda por funcionários da Instituição e da comunidade assisense.

Baseada em ideais franceses as Universidades Abertas a Terceira Idade surgiram na

década de 1960, após um movimento nacional que reivindicava melhores condições de vida e cidadania a idosos, que recebia a denominação de Universidade para o Tempo Livre.

Mais precisamente em 1973, como alternativa ao aumento da população idosa, temos a criação a Universidade da Terceira Idade (Université du Troisième Âge) por Pierre Vellas, na Universidade de Ciências Sociais, na França, oferecendo cursos de educação permanente, atividades culturais, educação em saúde e atividades físicas com a finalidade de tirar os idosos do isolamento social e também o estímulo à produção de pesquisas gerontológica, como forma de desvincular a imagem estereotipada e preconceituosa dos idosos perante a sociedade, de acordo com Cachione (CACHIONE, 1999).

No Brasil, o pioneiro na implementação desse projeto das Universidades abertas à terceira idade foi o Serviço Social de Comércio (SESC), na década de 1960. E nas universidades brasileiras, a iniciativa se consolidou em 1982, com o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). O principal objetivo consistia na promoção, encontros e estudos sobre o envelhecimento humano com um olhar integrador à sociedade, afastando estereótipos e preconceitos, visto a qualidade de vida e anseios da população que envelhecia (PACHECO, 2006; DEL MASSO, 2015). A instalação desse projeto no *campus* de Assis deve-se, primeiramente, à equipe coordenada pela professora Edna Julia Scombatti Martins que, atenta às necessidades locais, implantou junto a uma equipe de professores um rol de atividades que integrariam o idoso à universidade.

Na unidade de Assis seus objetivos, de acordo com o Artigo 3.o do Regimento do Núcleo UNESP – UNATI (2009, p. 1) se cumprem com a realização de oficinas terapêuticas, que são estratégias de promoção de saúde, auxiliando no processo de envelhecimento tanto no que condiz aos seus desafios, bem como, em descobertas de potencialidades, especialmente no contexto grupal (DEBERT, 2004; YASUDA, SILVA, 2010; SCORTEGAGNA, OLIVEIRA, 2010; CORREA, JUSTO, 2010). Nossa experiência com as oficinas nos atestam a importância de atividades em grupo, visto que, justamente na diversidade da partilha de informações é que são construídas concepções, valores e conhecimento de si.

Seguindo as normas do regimento⁷, seus objetivos são:

I - Possibilitar às pessoas idosas o acesso à Universidade, como meio de ampliação do espaço cultural, bem como a educação continuada, pelo oferecimento de cursos e atividades

⁷ Tais normativas foram compiladas na página virtual da UNATI no endereço eletrônico: www.assis.unesp.br/unati e o acesso em: 15 de maio de 2019.

que propiciem a atualização de conhecimentos, tanto gerais como específicos, aos interesses deste segmento. São oferecidas a comunidade unatiana Oficinas de Línguas estrangeiras: inglês, espanhol, japonês, italiano, alemão, francês e letramento – esta se destina tanto a alfabetização como para reforço escolar.

II - Estimular a participação da população idosa nas atividades sociais, políticas, econômicas e culturais da sua comunidade.

III - Proporcionar informações que permitam a reflexão sobre o processo de envelhecimento. Assim como proposto pela Oficina Encontros com a Terceira Idade, sob supervisão do curso de Psicologia.

IV - Proporcionar espaço gerador de convivência e troca de experiências. Cabe ressaltar que a convivência no campus também é realizada com uma Instituição de Longa Permanência, aonde os idosos vão até a Universidade e participam de Oficinas.

V - Possibilitar ao idoso acesso a programas, serviços e recursos que atendam seus interesses e necessidades, nas diversas unidades universitárias. Nas oficinas de esporte (ballet, capoeira e vôlei); relaxamento e bem-estar; dança de salão (farró), automaquiagem, alimentação saudável; artesanato, informática; iniciação ao uso de smartphones; jogos da mente e resgate e ressignificação da memória, teatro e seresta são exemplos de tais medidas.

VI - Incentivar o desenvolvimento de pesquisa e parcerias para formulação de políticas públicas e implementação de ações dirigidas às pessoas idosas; Em nosso campus são realizados encontros científicos, exibição de filmes e documentários e palestras com a temática do envelhecimento e com convite à todos os participantes;

VII - Fomentar iniciativas para preparação e/ou aprimoramento de recursos humanos internos e externos à Universidade;

VIII - Promover intercâmbio de âmbito nacional e internacional com outras instituições visando o desenvolvimento do Núcleo UNESP-UNATI.

Com tais objetivos em mente, podemos afirmar que esta pesquisa caminhou com as participantes dos “Encontros com a Terceira Idade” com o objetivo construir um espaço coletivo para troca de experiências e cenário para expressões e anseios acerca da velhice.

Neste grupo estávamos nós, os estagiários do curso de Psicologia mencionados, anteriormente, e dez mulheres com uma característica em comum: elas tinham mais de 60 anos, sendo que a faixa etária compreendia de 62 a 84 anos. As idades pertencem a diferentes gerações, ou seja, há uma diferença significativa entre elas. Entretanto, não nos atentaremos a comparação entre tais, mas sublinharemos a construção de cada uma no processo de envelhecimento. A unidade grupal que tinha tantas semelhanças e diferenças obrigava-nos a sempre refletir sobre a heterogeneidade da velhice e suas particularidades, como classe social, nível de escolaridade, etnia, religião, status civil, as quais simultaneamente se dissolviam quando o enredo era conduzido pelo desejo – de vida, de futuro, de sonhos. Apesar da angústia e pesar com algumas temáticas trabalhadas, encontramos uma velhice pulsante e muito potente no enfrentamento de preconceitos, mitos, tabus e desafios.

Em cada encontro pude atravessar barreiras, romper com estereótipos, muros e conhecer sexualidades que expiraram pelos poros os afetos inesperados por trocas tão invisíveis, mas tão perceptíveis a quem se destinou a sua escuta. Foram aprendizados de uma construção tão simbólica quanto concreta – cimentada naquelas paredes que me auxiliaram em uma construção “nossa” que de notável tornou-se permeável e legível. E com tanta riqueza de experiências trouxe, neste trabalho, algumas oficinas para delinear a velhice tecida, especialmente, no cenário do interior paulista contemplando-as com suas próprias vozes (com seus relatos e posicionamentos) e assim temos a partir das partilhas de grupo um texto destinado às velhices.

1.4 Encontros com a (s) sexualidade (s).

Com a sexualidade encontramos um dispositivo⁸ para apreender toda uma realidade social e cultural e por meio delas problematizar e analisar a invisibilização de mulheres e a naturalização de papéis de gênero como instrumentos de desigualdades entre homens e mulheres. Segundo Foucault (1979), a sexualidade é um vetor de relações de poder. Neste espaço permito-me perguntar, enquanto pesquisadora, de quais maneiras as ciências, em especial a Psicologia, conduziram e definiram/cercearam a sexualidade de mulheres jovens e

⁸ Em *Microfísica do poder*, Foucault (1979) define dispositivo a partir de três sentidos: um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas... o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. (FOUCAULT, 1979, p. 244).

velhas.

Foucault (1996) analisa que o discurso é materializado mediante construção social que norteia suas regras, conteúdos e poder, ou seja, não discursos neutros e tampouco verdades absolutas. Neste sentido, o conhecimento é fruto de práticas discursivas compostas por práticas disciplinares e relações de poder. “*Quem fala? De onde fala? Por que fala?*” são questões a serem feitas (FOUCAULT, 1996, p. 53).

O autor (2006) também analisa a questão da velhice em discursos detentores do saber, a idade correlata à sexualidade se torna emblemática:

El otro campo de intervención de la biopolítica va a ser todo un conjunto de fenómenos, de los cuales algunos son universales y otros accidentales pero que, por una parte, nunca pueden comprimirse por entero, aunque sean accidentales, y que también entrañan consecuencias análogas de incapacidad, marginación de los individuos, neutralización, etcétera. Se tratará del problema de la vejez, muy importante desde principios del siglo XIX (en el momento de la industrialización), del individuo que, por consiguiente, queda fuera del campo de capacidad, de actividad. Y, por otra parte, los accidentes, la invalidez, las diversas anomalías. En relación con estos fenómenos, la biopolítica va a introducir no sólo instituciones asistenciales (que existían desde mucho tiempo atrás) sino mecanismos mucho más sutiles, económicamente mucho más racionales que la asistencia a granel, a la vez masiva y con lagunas, que estaba esencialmente asociada a la Iglesia. Vamos a ver mecanismos más sutiles, más racionales, de seguros, de ahorro individual y colectivo, de seguridad, etcétera. (FOUCAULT, 2006, p. 221).

O projeto da modernidade impulsionou um discurso em prol da racionalidade, corporificado pela burguesia ocidental - leia-se branca, homogeneizante, vigente, simultaneamente, em diferentes lugares e espaços, trazendo a exclusão e o apagamento das diferenças com a disseminação dos conceitos de igualdade e universalidade – e com eles a promessa de libertação de dogmas, mitos e superstições (BIRMAN, 1999).

A pesquisa em Psicologia nos permitiu adentrar em meandros e ranhuras das historiografias, percorrer diferentes espaços geográficos, períodos cronológicos e por meio delas apreender processos e concepções de homens e mulheres, sua sociedade, valores, normas, moral e moralismos. Rose (2008) nos alerta que a Psicologia também já serviu ao controle e disseminação de conhecimentos discriminatórios e excludentes, cabendo ao pesquisador romper com tais concepções e afirma que “a Psicologia ainda se deteve desse lugar de saber com teorias, testes psicológicos que seguiam protocolos rígidos com um pretenso conhecimento de mentes calculáveis e indivíduos administráveis”, ou seja, reformando subjetividades. (ROSE, 2008, p. 156).

Compreendo, portanto, a sexualidade como uma forma de descobrir o mundo de mulheres idosas mediante suas narrativas, ou seja, como forma de comunicação através das histórias que elas elencaram como importantes e como elas se viam e sentiram o efeito do

tempo em suas vivências.

Apresento-me, mesmo que seja, por minha especificidade determinada social, étnica, sexual e geracional – incorpo-me textual e subjetivamente. A velhice permitiu que trouxesse o tempo para dentro de mim e com ele reviver histórias de mulheres sobre suas concepções particulares de sexualidade em uma viagem regressa de submissões e silenciamentos sobre o feminino. Buscando construir um olhar crítico ao modo positivista de fazer ciência por intermédio de uma única e imutável referência esse trabalho concentra em uma estratégia para caminhos possíveis e saídas múltiplas para nossas velhas, bem como aponta Rolnik (2007).

Pensar a produção de subjetividade é também produzi-la e pensar a produção de modos inventivos de subjetivação é experimentar e propor outras maneiras de ser e estar no mundo. É buscar outros modos de existir que assumam um posicionamento ético-estético-político de problematização dos binarismos e fascismos que limitam e cortam nossas vidas criando, ao mesmo tempo, saídas e fugas para este estado de coisas. Dentro de mim uma força grita e pede passagem: todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. (...). Essa é a direção dos meus fluxos desejantes: é preciso entrar para, então, multiplicar saídas. (ROLNIK, 2007, s/p).

Que essa apresentação se valha pelo amadurecimento de ideias, aprendizados e busca por conhecimentos que me permitem constatar o quanto ainda estou em construção e o quanto rejeito rótulos, predefinições, preconceitos... pré... prés... Lanço-me aos prazeres e perigos da escrita e faço da potência das palavras instrumento de militância, registrando anseios e suscitando micro revoluções do cotidiano pela garantia de direitos de mulheres, mães, meninas, jovens, avós, velhas; pela equidade de gêneros em todos os espaços, sejam concretos ou simbólicos, no sonhar ou viajar e com a caneta em mãos buscando recontar o passado, denunciando opressões, crimes e castigos, abrindo um oceano de possibilidades para mim, para você, para nós. Sexualidade Feminina na velhice: narrativas indizíveis de mulheres invisíveis: Clarissa, Cecília, Conceição, Maria Rita, Lara, Aline, Josie e Mariele: este trabalho é por nós.

CAPÍTULO 2 - ALGUNS ESTUDOS SOBRE A TEMÁTICA SEXUALIDADE, GÊNERO E VELHICES.

2.1 O que é sexualidade para você? Sexualidades e suas conceituações.

No bojo de regras e valores que no contemporâneo são disseminados e reproduzidos, considera-se que a sexualidade e suas manifestações também se constituem como relação social que engendra e reforça as relações de gênero. Desta maneira, o conceito de sexualidade e suas formas de expressão estão, intrinsecamente, vinculados ao contexto social e histórico que estão inseridos. A sexualidade é um tema amplo e nos permite diferentes pontos de discussão. Para a construção deste capítulo, optamos por trazer algumas questões tanto do discurso médico (através da OMS e da Psicanálise) como o Social (através da Psicologia, Antropologia e Ciências Sociais).

Esta temática se tornou um assunto bastante delicado para as participantes dessa pesquisa (e também para quem vos escreve) por denotar algo muito íntimo. Quando falado o som da voz é tão baixo, quase inaudível e por muitas vezes mal compreendido para quem as escutam. Descrito como um “oceano psicoquímico” por Barreto e Heloani (2015) a sexualidade ainda se faz, no contemporâneo, como um teste de apneia que encontra veementes forças de resistência – sejam físicas, psíquicas, ambientais e/ou culturais – que lutam contra o obscurantismo do desconhecimento, como um mergulho em águas profundas.

Segundo a OMS – Organização Mundial de Saúde, a sexualidade é composta “por uma energia que nos motiva para encontrar amor, contato, ternura e intimidade” e é determinante para a saúde, “como um processo contínuo de bem-estar físico, psicológico e sociocultural relacionado com a sexualidade” (OMS, 2005).

No discurso do senso comum há a confusão com o conceito de sexo, contudo, este indica: as diferenças biológicas de corpos entre homens e mulheres, definindo homem e mulher. Barreto e Heloani (2005) nos lembram que até no meio animal há um ritual de sedução para a copulação, o que permite dizer que há todo um sistema integrado para além do coito, assim são relacionados desejos e afetos ao prazer.

Segundo a cartilha⁹ do NEPS (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Sexualidade) da Unesp – *campus* de Assis:

A sexualidade é uma palavra que diz respeito a um conjunto de fenômenos ligados aos prazeres não apenas obtidos no ato sexual. Portanto, sexualidade engloba os afetos, as emoções, os diferentes tipos de relacionamentos, os sentimentos, as

⁹ Disponível em versão impressa na Biblioteca da Unesp/Assis.

identidades de gênero (masculino, feminino, transexual, travesti, lésbica, gay, etc.) e os desejos. Como são muitos os fenômenos e muitas suas manifestações, utilizamos esta palavra no plural para destacar sua diversidade e pluralidade (NEPS, s/d. p. 8).

Já a Psicanálise, em seu percurso histórico, trouxe como novidade a ousada tese, para os padrões da época, (início do século XX) de que a sexualidade estava presente desde a mais tenra infância e introduziu uma nova visão sobre a constituição do fenômeno psíquico.

Segundo a teoria psicanalítica, somos regidos por uma gama de excitações e atividades como uma matriz de desejos e suas diversas manifestações primitivas e encontram no corpo a possibilidade de atribuir-lhes sentidos. O desejo é um fio condutor movido por uma energia denominada libido. Freud (1905) nomeia locais prazerosos como zonas erógenas ligadas às experiências prazerosas, tais como o sugar que alimenta e acolhe.

Manifestamos nossa sexualidade por meio de gestos, ações e interações. Desse modo, o comportamento sexual resulta das experiências e “forças biológicas”, cuja resposta envolve todo o corpo, ou seja, o nosso cérebro, os nossos órgãos são regidos por uma química hormonal, “de tal modo que a sexualidade forma uma unidade dialética indissociável com o bem-estar, constituindo e integrando o conceito de saúde em sua integralidade”. (BARRETO & HELOANI, 2011, p. 80).

A literatura médica associa diretamente a sexualidade feminina na velhice com a menopausa – momento em que o corpo encerra sua capacidade reprodutora e finaliza os ciclos menstruais necessários à concepção. A menstruação em nossa cultura é um importante rito de passagem, no qual a menarca representa um aviso de que o corpo estaria preparado o início da vida sexual e para a reprodução. Já a menopausa se caracterizaria pelo declínio hormonal causado no organismo, trazendo efeitos colaterais, dentre eles a suposta ausência de desejo sexual. Contudo, tais prescrições, por muitas vezes, são universalizantes e soam como interdição à velhice e uma tentativa de castração feminina. Trench e Miyashiro (2011) reforçam o quanto a ciência médica reproduziu conteúdos depreciativos e discriminatórios a respeito da menopausa para as mulheres, em especial, destacamos a década de 1960 quando foi denominada como uma “doença de privação”, sendo o patológico mais um marcador de normas e destinos na subjetividade feminina, oriundos do ciclo biológico.

Neste sentido, há um corpo como guardião do tempo e a consciência que o toma pelas mãos. Ambos se entrecruzam com o meio social, que polariza a velhice em inúmeros predicados, dentre eles o da assexualidade, que se define pela falta de interesse ao sexo e a inexistência de manifestações da sexualidade, devido a idade.

Cabe reforçar que, segundo esse pensamento, a sexualidade envolve a relações com pares, com a sociedade e ainda consigo próprio. Ressaltamos que a teoria psicanalítica é um fio condutor para se pensar que a sexualidade não depende do fator etário e está subjugada a um ideal de homem e a um discurso normatizador.

Segundo teoria freudiana há libido investida em nossos atos, sejam corporais ou psíquicos, independente de idade, raça, etnia e sexo. O corpo é palco para experiências e desejos, sentimentos e satisfações, repressões e conflitos, acompanhados por fantasias e ansiedades, que buscarão resolução no contato com a realidade, se tornando produto da interação com os aspectos biopsicossociais e, em especial, com a cultura. De Freud (1905), a sexualidade não está presente somente no ato sexual, mas também expressamos nossa sexualidade em gestos, atitudes, comportamentos, ações e interações em toda nossa vida, seja na vida familiar ou no trabalho.

A psicanálise, além disso parte de um discurso médico com as diferenças anatômicas entre os sexos – em que o masculino é relacionado com a atividade e o feminino com a passividade, de acordo com os órgãos genitais. Desse modo a partir do discurso médico se incorpora a questão de gênero: com a construção social e cultural dos sexos, englobando os discursos psicológicos e psicanalíticos.

Os textos “Sexualidade feminina” ([1931] 1976) e “Feminilidade” ([1932] 1976) de Freud são exemplos de leitura crítica, pois se concentram nas diferenças anatômicas. Os autores pós estruturalistas (como BUTLER, 1990; LOURO, 2007) nos dizem que a sexualidade é tema da ciência moderna, em que o sexo não parecia ter dimensão social, era individual, particular, inenarrável. Obedientes aos preceitos da Igreja, e posteriormente, do Estado. A sexualidade tornou-se um dispositivo para uma sociedade de controle e biopoder, como apresenta a análise Foucaultiana (1979). Segundo o autor a sexualidade é uma invenção, construída por inúmeros discursos sobre o sexo. Sexualidade, segundo o autor, é físico, psíquico, social, cultural e político.

Em sua obra, Foucault nos oferece uma alternativa de leitura sobre os discursos produzidos e, maciçamente, reproduzidos sobre os corpos e subjetividades. No bojo de suas premissas genealógicas, o autor une a filosofia do conhecimento com a história originando uma possibilidade de conceber e refletir sobre a produção de subjetividade da Modernidade. Dotado de um pensamento antifascista, detêm-se em “sacudir as evidências”, em suas próprias palavras, por meio de questionamentos sobre verdades, até então, inquestionáveis.

Um dos vieses da genealogia do sujeito moderno em termos foucaultianos é o sexo, mas também há justiça e o saber dominados por relações de poder. A história da sexualidade é

refletida em uma trilogia, em que o primeiro volume se destina a *Vontade de Saber* (1988) em que nos leva à reflexão sobre a etimologia da palavra “sujeito” sendo que este não se refere ao indivíduo, mas a sua sujeição, em comparação ao súdito, assim relaciona o sexo e a sexualidade como efeitos de dominação na história. Foucault busca no período vitoriano a invisibilidade, mutismo e interdição do sexo.

As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado. Isso seria próprio da repressão e é o que a distingue das interdições mantidas pela simples Lei penal: a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação da inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas. (FOUCAULT, 1988, p. 10).

Com uma hipótese repressiva o autor tece uma rede de sustentação formada pelo poder, pelo saber e pelo sexo, que juntos formam um discurso sobre a sexualidade que penetra tanto no coletivo como consegue chegar “as mais tênues e mais individuais condutas”. Foucault (1988) nos explica:

(...) não é tanto saber o que dizer ao sexo, sim ou não, se formular-lhe interdições ou permissões, afirmar sua importância ou negar seus efeitos, se policiar ou não as palavras empregadas para designá-lo, mas levar em consideração o fato de se falar de sexo, quem fala, os lugares e os pontos de vista de quem se fala, as instituições que incitam a fazê-lo, que armazenam e difundem o que dele se diz, em suma, o “fato discursivo” global, a “colocação do sexo em discurso”. (FOUCAULT, 1988, p. 18).

Lembramos, ainda, que a sexualidade para o referido autor, também, é um quesito de classes, originando da burguesa. Está, intimamente, ligada a moral, aos moralismos, a ética e ao cuidado de si, em que a sexualidade se exprime em seus destinos: cultura, filosofia, moral e espiritualidade ocidental.

Foucault faz do sexo um objeto histórico gerado pela sexualidade e como toda história tem seu tempo, salientamos como o tempo e as idades são importantes vetores de reflexão sobre a sexualidade, seja de crianças, adolescentes, adultos ou velhos, todos atravessados por tais fatores.

E se tratando de diferentes temporalidades, segundo Freud (1905) somos sujeitos desejantes constituídos na trama do tempo e os desejos não envelhecem, não possuem fronteiras ou limites pré-estabelecidos. De acordo com essa literatura, se por um lado a sexualidade tem pouco ou nada a ver com a idade, por outro lado a velhice exigiria novas maneiras de experimentá-la tanto para homens quanto para mulheres, em que a sexualidade está presente no cheiro, no toque. É uma energia condutora que nos liga em todos os sentidos,

individual e coletivamente com todas as ciências e as suas representações, dentre as quais reportamos o corpo envelhecido.

A sexualidade na velhice pode ganhar nos contornos, novas formas para a concretização do prazer (Debert, 1999). Este também é o tema da Gerontologia contemporânea e seu desafio é que tais práticas não sejam absorvidas pela norma ou por uma ciência homogeneizante.

Adélia Prado, já idosa, escreve uma poesia autobiográfica em que revela que tem fome de desejo e prazer e recusa rótulos e indicações de impossibilidades.

*Com licença poética*¹⁰

**“A mim que desde a infância venho vindo,
como se o meu destino,
fosse o exato destino de uma estrela,
apelam incríveis coisas:
pintar as unhas, descobrir a nuca,
piscar os olhos, beber.
Tomo o nome de Deus num vão.
Descobri que a seu tempo
vão me chorar e esquecer.
Vinte anos mais vinte é o que tenho,
mulher ocidental que se fosse homem,
amaria chamar-se Fliud Jonathan.
Neste exato momento do dia vinte de julho,
de mil novecentos e setenta e seis,
o céu é bruma, está frio, estou feia,
acabo de receber um beijo pelo correio.
Quarenta anos: não quero faca nem queijo.
Quero a fome”.**
(PRADO, 1976)

A erotização da velhice é um processo descrito por Debert e Brigeiro (2012) contido por diferentes caminhos enunciados visando romper com estereotipação de velhice assexuada, rompendo com narrativas dominantes, amplamente, difundida desde o século XIX pela geriatria, de um envelhecer sem desejos e prazeres, permitindo ainda, empreender novos olhares para a velhice, em especial de mulheres. Lembrando que esse mito foi bastante difundido pelo senso comum em que são visões, são frutos de como as pessoas são e foram educadas e praticaram sua própria sexualidade. Homens devem ser máquinas sexuais e mulheres foram educadas para satisfazerem seus companheiros.

¹⁰ PRADO, A. Bagagem. Rio de Janeiro. Imagem: 1976.

Os autores, por meio da busca etnográfica e histórica sobre a sexualidade na velhice, asseguram que o discurso gerontológico (da ciência que estuda os velhos) é paradoxal e concentra a sexualidade em uma “normatividade heterossexual” que reforça o caráter fixo do binarismo com definições permanentes entre homens e mulheres. Como prescrição a desgenitalização da sexualidade masculina (com descobertas de outras fontes de prazer, para além da penetração) e para mulheres seria afrouxar as amarras dos códigos morais – fato este que lhes foram impostos durante toda uma vida.

Como forma de combater o “mito da velhice assexuada”, a gerontologia do século XXI parte para a promulgação dos benefícios da prática sexual na velhice baseados em um envelhecimento ativo e bem-sucedido. Como nos mostram Debert e Brigeiro (2012) as amarras da moralidade (ou dos moralismos) e as intenções da indústria farmacêutica são centrais no processo de erotização da velhice:

Para muitos estudiosos, é impossível atualmente imaginar qualidade de vida sem a dimensão sexual plenamente realizada. Esta visão é incompatível com dados etnográficos sobre mulheres mais velhas que afirmam estarem vivendo a melhor etapa de suas vidas, porque, entre outras coisas, a velhice permitiu que elas liberassem de mais essa obrigação. A tendência dos analistas é considerar que as amarras à moralidade vigente explicam esse tipo de declaração. (DEBERT & BRIGEIRO, 2012, p. 45).

Os autores concluem que ao percorrer o processo de associar a sexualidade (novamente) na velhice trouxe outra questão: a inexistência da beleza e atratividade de corpos velhos, e denunciam:

É importante afirmar que está ausente da bibliografia especializada que revisamos qualquer preocupação com as assimetrias nas relações de gênero, ainda que eventualmente os especialistas especulem como determinadas normas associadas ao masculino e ao feminino podem representar um obstáculo para a livre expressão e satisfação sexual de homens e mulheres. A velhice, em vez de esgotar a expressão sexual, inauguraria uma nova fase para sua experimentação. A necessidade de um novo posicionamento individual diante da sexualidade é prescrita pelos especialistas e complementada por uma proposta de revisão subjetiva sobre as amarras de gênero, mas isto sem questionar as assimetrias relacionais, ficando a reflexão restrita ao plano individual. (DEBERT & BRIGEIRO, 2012, p. 52).

A exemplo, também, realizamos buscas por bibliografias para respaldar esta tese e encontramos incontáveis trabalhos, que concentram e restringem a sexualidade no corpo físico, restringindo quaisquer demonstrações simbólicas desejantes.

2.2 Estudos

Neste item trouxemos algumas pesquisas nacionais e internacionais que integram as temáticas da sexualidade, em especial a feminina e sua conexão com a velhice. O envelhecimento da população, ou seja, o crescimento mais elevado da população idosa em relação aos demais grupos etários, é um fenômeno mundial e interessa-nos investigar como diferentes países com suas diferentes condições que as configuram.

Os dados oferecidos pela pesquisa de Abdo & Fleury (2015), ambas do Programa do Estudos em Sexualidade (ProSex – vinculado à Universidade de São Paulo), procuravam delinear um “perfil da sexualidade da mulher idosa”. As pesquisadoras descrevem alguns indicadores: avanços tecnológicos e educacionais prologam a sexualidade de idosas resultando em uma visão de sexualidade descritas por ato sexual e disfunções causadas pela idade. De acordo com as estudosas, na velhice feminina (as entrevistadas tinham entre 75 e 85 anos) temos uma “expressão de sexualidade” com intimidades, carícias e um menor percentual de coitos descritos com penetração vaginal. A pesquisa nos traz dados alarmantes que descrevem que 20% das brasileiras começam a ter disfunções sexuais a partir dos 55 anos com a menopausa e são afetadas pela falta de interesse sexual. Apesar da ênfase dada ao fator biológico, a pesquisa traz a importância de questões psicológicas e sociais.

Para as entrevistadas do estudo citado acima a sexualidade é sinônimo de sexo na vida adulta. Já na velhice são toques e carícias, onde tal mudança é justificada pela aparência corporal. Para nós esse é um exemplo veemente do quanto o meio sociocultural contorna a subjetividade do indivíduo e o quanto se faz importante pesquisas que priorizem a questão psicológica e/ou simbólica da sexualidade e de como as mulheres estão vivenciando a passagem do tempo em seus corpos para além da idade cronológica e/ou determinações científicas, estando em consonância aos estudos de Alves (2014) e Debert (1999).

Tomamos o estudo de Alves (2014) como prerrogativa para o quanto as experiências relacionadas à sexualidade de idosas podem nos contar sobre os valores de uma sociedade. Sua pesquisa realizada em bailes de dança de salão, comprova a hipótese de que a erotização não busca a prática sexual, mas a vivência de aspectos da sexualidade enquanto energia, prazer e sedução – seja com pares, consigo ou com a dança.

Também a utilizamos para ressaltar que no contexto científico brasileiro e até mesmo internacional, a sexualidade na velhice é um campo potencial de investigação e o quanto a psicologia deve se valer desse contexto em suas pesquisas, tal como sugerem os trabalhos de Kats & Marshall (2003), Kenberg (2001), Brigeiro (2000; 2002), Debert & Brigeiro (2012), Delbès (1997), entre outros.

Destacamos alguns exemplos de pesquisas internacionais que corroboram com estudos nacionais, que descrevem a sexualidade na velhice como um campo multifacetado composto por uma gama de fatores que necessitam ser conhecidos por profissionais e estudiosos que se dedicam a esta população (WYLIE & MCMANUS, 2013).

Ao analisarem os fatores envelhecimento e sexualidade nos Estados Unidos, Katz e Marshall (2003) asseveram que, o aumento da expectativa de vida trouxe impactos profundos ao envelhecer contemporâneo. Eles explicam que na atualidade para se ter um envelhecimento bem-sucedido é necessário que os indivíduos não tenham idade e/ou fronteiras. Para que isso ocorra os velhos são alvos da indústria farmacêutica, que promete prazeres sem limites no campo da sexualidade. Ou seja, a sexualidade na velhice em solo norte-americano foi configurada, enquanto um problema a ser solucionado pela indústria farmacêutica. De acordo com os autores:

By realigning sexuality, gender, age, the body, lifecourse, and identity and in seeking “new sex for old” our culture exposes its impossible ideal that people live outside of time. However, this critical exposure invites resistance from aging individuals in the form of inventing diverse new ways of life that mobilize the true resources of time—tradition, wisdom, narrative, memory, change, generation, leadership—against the constraints imposed on them by a postmodern life-course regime and its stifling posthuman codes of functionality. Perhaps, these ways of life will also reclaim sexuality and healthy aging from the sophistry of a consumer society that confuses age and maturity with risk and loss. (KATZ & MARSHALL, 2013, p. 13)¹¹.

Já na Austrália, um grupo de pesquisadores descreve a sexualidade, na velhice, como um campo com um número crescente de investigação científica no país e eles se atentaram a pesquisar sobre o sexo e o desejo sexual de idosas. Para tanto, entrevistaram 43 mulheres com uma média de 64,4 anos perguntando-lhes qual o sentido que atribuíam ao sexo (prática) e os significados que a exprimiam do desejo sexual, na velhice.

Como conclusão os autores Fileborn, Thorpe, Hawkes, et.al.; (2015) sublinham a importância de discussões, divulgações de pesquisas e de trabalhos com equipes multidisciplinares que abordem a questão da sexualidade, na velhice, que não obedeçam as noções heteronormativas de sexo, pois apesar do declínio do desejo e da frequência de

¹¹ Ao vincular a sexualidade, o gênero, a idade, o corpo, o ciclo de vida e a identidade e buscar o "novo sexo por idade", nossa cultura expõe seu ideal impossível de que as pessoas vivam fora do tempo. No entanto, esta exposição crítica convida a resistência dos indivíduos idosos na forma de inventar diversas novas formas de vida que mobilizam os verdadeiros recursos do tempo - tradição, sabedoria, narrativa, memória, mudança, geração, liderança - contra as restrições que lhes são impostas por um regime de vida pós-moderna e seus códigos de funcionalidade pós-humanos sufocantes. Talvez, esses modos de vida também reivindiquem a sexualidade e o envelhecimento saudável do sofisma de uma sociedade de consumo que confunde a idade e a maturidade com risco e perda. (KATZ & MARSHALL, 2013, p. 13, **tradução nossa**).

práticas sexuais, as entrevistadas, em 80% das narrativas, atestam a importância e necessidade de intimidade com seus parceiros (as), sejam com práticas sexuais consumadas por penetrações ou não. Sejam quais forem as práticas, todas são imprescindíveis, segundo uma das entrevistadas.

O estudo sugere como uma sociedade machista e ageísta ainda está sob prerrogativas culturais, sociais, médicas e religiosas que consideram a sexualidade na velhice como um tabu. Os autores encerram reafirmando a necessidade de pesquisas e estudos como alternativa aos ataques intensos da indústria farmacológica, que patologiza a sexualidade na velhice, sendo necessária uma posição teórico-científica, que reconheça a diversidade da vida sexual e evite a reprodução das hierarquias do sexo.

Outra pesquisa a ser destacada é um estudo presidido pela sueca Sandberg (2013) do Departamento de Estudos Sociais e Bem-Estar da Universidade Linköping, que nos mostra como imagens estereotipadas e negativas em relação à sexualidade, na velhice, de homens e mulheres a prejudicam, em que as consequências são, duplamente, problemáticas e destruidoras. Segundo a autora, as mulheres sofrem uma violência de gênero, com um corpo frágil que se caracteriza pela não produtividade e aumentando a passividade e a dependência, paralelamente às caracterizações dos corpos femininos e da feminilidade.

A autora assevera a intensidade com que o corpo da mulher envelhecida é desprovido de investimentos de simbolização e desejo pela cultura e ciência pós-moderna e ainda nos questiona o que é ter uma velhice positiva ou bem-sucedida.

Dados apresentados no estudo de Carreira (2011) “Sexualidade na Terceira Idade em Portugal” articula a sexualidade enquanto uma questão de gênero, ou seja, é uma delicada questão para mulheres, enquanto que para homens é indicativo de poder e satisfação. O autor afirma que as diferenças entre homens e mulheres são caracterizadas pelos preceitos sociais e culturais transmitidos desde o nascimento e determinantes para o exercício da sexualidade durante toda a vida. De acordo com as narrativas descritas dos idosos e idosas entrevistadas a sexualidade é expressa de diferentes formas, sejam carícias, amizade, cumplicidade, intimidade, ou seja, transcende a relação sexual e não cessa com o contar dos anos.

Tal campo é complexo e vasto e não poderíamos deixar de relacionar a velhice LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros) que nos faz refletir sobre o quão recente e contemporâneo se faz essa temática. Pochy (2008) nos traz a importante problemática de relacionar a velhice ao contexto multifacetado das sexualidades. A expressão da sexualidade, no caso de velhos, também se faz enquanto posicionamento político, delineado por deveres e direitos, principalmente o de existência. É importante

ressaltar que para o movimento internacional de lésbicas, gay, bissexuais, travestis e transexuais e intersexuais (LGBTT) , cerca de 10 % ¹² das pessoas idosas têm orientação sexual homossexual (Lésbica ou Gay), bissexual e identidades de gênero como as Travestis, as Mulheres Transexuais, os Homens Transexuais, as Pessoas Transgêneros ou Intersexuais. Esta população idosa LGBTT é invisível aos governos municipais, estaduais e federal, além de não serem visibilizadas e citadas em legislações e políticas públicas para as pessoas com mais de 60 anos de idade.

Em sua pesquisa, Henning (2015) constata:

Nosso desafio, portanto, é auxiliar a ampliar o escopo das reflexões e investigações no entrelaçamento de velhice, gênero e sexualidade de modo a dar conta desta diversidade e evitar que categorias abrangentes impeçam ou limitem a aceitação, a complexidade e proliferação das diferenças. (HENNING, 2015, p. 28).

Com esse percurso etnográfico concluímos, juntamente, com Debert (1999), Simões (2011), Motta (1998) e Brigeiro (2000) que o campo da sexualidade na velhice é multifacetado e vai muito além do sexo. Compreendemos que perdas físicas e sexuais, declínio do desejo e até a assexualidade estão entre os principais fatores que causam repulsa e medo ao corpo velho.

Da velhice feminina que se liberta de suas obrigações, passando pela masculina que se espelha no modelo viril e a LGBTT permeada pela invisibilidade, o objetivo aqui foi mostrar o quanto a erotização da velhice também é capturada por discursos normatizadores e por questões mercadológicas, como a indústria farmacêutica e a mídia. De uma velhice assexuada passamos para a inclusão da sexualidade como forma de saúde física e psíquica. Para um envelhecimento “saudável”; “positivo” e “bem sucedido” – atendendo os preceitos da Organização Mundial de Saúde (OMS) para um “Envelhecimento Ativo”¹³ - os velhos e velhas devem fazer sexo. Tornou-se um imperativo, quase que uma prática higienista!

A busca por estudos e teorias sobre a sexualidade, conceituada por diferentes olhares científicos, permite-nos entender de que modo se torna indispensável o posicionamento ético e político neste campo e, para tanto, ainda se faz indispensável o conhecimento da história,

¹² Fonte consultada: <http://artgays.blogspot.com.br/2015/06/idosos.html>

¹³ Vide cartilha Envelhecimento Ativo no endereço eletrônico: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf

das histórias e das lacunas e anonimatos registrados sobre as mulheres, seus corpos, seu sexo e sua sexualidade.

Perrot (2005) nos introduz a problemática que vamos percorrer quando diz que “as mulheres são feitas para esconder sua vida, na sombra do gineceu” (PERROT, 2015, p. 10) e à procura de seu lugar ao sol, retrata-nos com sua obra que:

Como aquelas mulheres velhas fechadas em um mutismo além-túmulo, que não se pode discernir se ele é uma vontade de se calar, uma incapacidade em comunicar-se ou uma ausência de pensamento que foi destruído e tanta impossibilidade de se expressar. (PERROT, 2015, p. 11).

Portanto, cultura e história formam identidades que se fomentam no exercício da sexualidade e exprimem suas origens históricas no contemporâneo. As relações e os desejos são construções sociais, e esse itinerário por trilhas foucaultianas, permitiu-nos a partir de sua filosofia nos valer de pequenos trechos de obra densa e provocativa, sustentando nossas reflexões acerca das histórias de nossas participantes, dotadas de um passado e um presente engendrado por diversos fatores que, coletivamente, produziram efeitos em suas vivências tal como a sujeição e o silêncio. Mas também podemos apresentar como cada uma dotada de uma força estranha e potente se fizeram, enquanto uma obra de arte, transformando suas feridas e aventuras em estéticas da existência.

E aqui o que buscamos foi contar histórias de mulheres idosas, no contexto brasileiro. Histórias sobre a percepção de cada uma sobre a passagem do tempo em seus corpos, seus pensamentos, seus desejos. Na tentativa de trazer alguns ideais, que moldaram ou influenciaram o comportamento de mulheres ao longo do tempo, a seguir faremos um breve resgate histórico sobre os processos envoltos no “tornar-se mulher”.

3. O ENVELHECER E SEUS ASPECTOS SUBJETIVOS: TEMPORALIDADES NARRADAS POR VOZES FEMININAS.

*Ponho o ouvido à escuta de um encontro ao mundo:
 Ouço-me para dentro. Mal posso
 Dar no mundo um passo
 Sem tremer: sinto-me
 Balouçado num sonho imenso, ando.
 Nas pontas dos pés.
 (Heberto Helder¹⁴. Poesia toda II, p. 62).*

O contemporâneo se faz como um grande palco para as questões sobre o envelhecimento humano. Estudos demográficos apontam que o Brasil é um “novo” país de idosos. O aumento da expectativa de vida, do brasileiro, acompanha a tendência mundial, reconfigurando o cenário social com novas demandas e novos desafios, trazendo a velhice para uma posição privilegiada nos lócus das discussões científicas.

Pesquisas (BERQUÓ, 1999; DEBERT, 1994; MINAYO, 2011; VERAS, 2001) realizadas em diferentes campos – Medicina, Antropologia, Psicologia, Sociologia, entre outros – apontam que os principais protagonistas do saudável envelhecimento da população são as inovações tecnológicas e científicas, com destaque para a indústria farmacêutica e as ciências da saúde, as quais contribuíram para uma maior longevidade humana. Dados demográficos também apresentam o impacto da longevidade na realidade brasileira tanto na economia como no campo social. Além de mais envelhecido, as estatísticas mostram que o Brasil está cada vez mais urbano, feminino, mestiço, e com maior diversificação familiar. (IBGE, 2010).

A expectativa de vida média da população brasileira mais do que dobrou no século XX, passando de cerca de 30 anos, em 1900, para 69 anos em 2000 e cerca de 73 anos em 2010, e as probabilidades estatísticas indicam uma média entre 72,7 e 74,2 anos no território brasileiro. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), a velhice se inicia aos 65 anos, nos países desenvolvidos, e aos 60 anos, nos países ainda em desenvolvimento.

As projeções dos dados do IBGE (2010) já demonstravam a elevação do índice de envelhecimento no Brasil no período de 2000 a 2060. Em 2010 o índice era de 27,77% no entanto as projeções mostram que em 2060 este valor pode chegar a 206,16%. Na prática os dados nos exemplificam que para cada 100 jovens haverá 207 idosos. Em números absolutos

¹⁴ HELDER, H. Poesia toda. 2 v. Lisboa: Plátano, 1973.

serão mais de 58 milhões de pessoas com 65 anos ou (58.411.600) para um pouco mais de 28 milhões de jovens (28.332.752) (IBGE, 2010).

Uma importante ressalva realizada pela OMS (2005) condiz no reconhecimento de que a idade cronológica é importante marcador para a construção de políticas públicas e conhecimentos científicos, contudo devemos nos atentar que “não é um marcador preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento, em que fazer revigorar políticas sociais abrangentes, somente na idade cronológica, pode ser discriminatório e contraproducente” (OMS, 2005, s/p). Assim a conjunção entre tempo, experiência e a reflexão sobre ambos abriga uma visão heterogênea de velhice – que vai muito além de números e cronologias.

Bem como define Minayo (2011):

Pois, a velhice não constitui uma propriedade substancial que os indivíduos adquirem com o avanço do tempo biológico. As marcas do tempo são reais e podem ser reconhecidas por sinais externos do corpo. Mas tais sinais são apropriados e laborados simbolicamente por todas essas sociedades e pelos próprios sujeitos, em rituais que definem nas fronteiras etárias, um sentido político organizador do sistema social. (MINAYO, 2011, p. 11).

De acordo com Silva (2008) conceitos e representações sobre o homem e os ciclos de vida foram condicionados aos ideais científicos e sociais da modernidade. Contudo, sob a perspectiva do ciclo vital, o envelhecimento é definido pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005) como um processo biopsicossocial com mudanças complexas a níveis biológicos e fisiológicos (com consequências nos processos moleculares e celulares que aumentam a probabilidade de doenças), psicológicos (com possíveis processos de lutas e perdas) e sociais (com a aposentadoria, por exemplo). A complexidade do processo de envelhecimento se caracteriza pelo fato de que “essas mudanças não são lineares ou consistentes e são apenas, vagamente, associadas à idade de uma pessoa em anos”. (OMS, 2005, s/p).

Ou seja, o envelhecer é multideterminado, multifacetado. Para Beauvoir (1990, p. 345), “(...) é o que acontece as pessoas quando ficam velhas, impossível encerrar essa pluralidade em um conceito, ou mesmo uma noção”. Contra qualquer expressão reducionista e homogênea, a concepção de velhice da autora e seus estudos apontam que o tempo e a maneira de viver são moldados pela sociedade a que se pertence. Neste sentido, Beauvoir (idem), sublinha a necessidade de pensarmos na totalidade do indivíduo, em que os processos fisiológicos, psíquicos e históricos são inseparáveis e se influenciam mutuamente.

Segundo essa concepção, construir uma história linear da velhice seria uma tarefa impossível. Em suas palavras,

Estudar a condição dos velhos através das diversas épocas não é uma empresa fácil. Os documentos que dispomos só raramente fazem alusão a esse assunto: os idosos são incorporados ao conjunto dos adultos. Das mitologias, da literatura e da iconografia destaca-se uma certa imagem da velhice, variável de acordo com tempos e lugares. Mas que relação essa imagem sustenta com a realidade? É difícil determinar. A imagem da velhice é incerta, confusa, contraditória. (BEAUVOIR, 1990, p. 109).

E, ainda, incluindo uma questão de gênero, no caso do envelhecimento de mulheres, Beauvoir (1990) destaca:

As sociedades que têm uma história são dominadas pelos homens; as mulheres jovens e velhas podem até disputar a autoridade na vida privada; na vida pública, seu estatuto é idêntico; são eternas menores. Ao contrário, a condição masculina modifica-se ao longo do tempo. O rapaz torna-se um adulto, um cidadão, um velho. Os machos formam classes de idade cuja fronteira natural é imprecisa, mas a sociedade pode atribuir a essas classes limites precisos. (BEAUVOIR, 1990, p. 111).

Como vimos, as concepções sobre o envelhecimento são culturais e também sociais. A maneira como os valores são transmitidos ao longo do tempo corroboraram para uma visão estigmatizante e um ideal preconceituoso de velhice significada, somente, por perdas e ausência de prazer e desejo, doenças e/ou dependências, ou seja, a visão que empregamos tem sua história.

Do estigma à compaixão (PEIXOTO, 1998) a velhice foi retratada nos escritos bíblicos com anciãos abençoados e respeitados. Da cultura Greco-romana eram prestigiados em suas funções políticas e financeiras. No século XIX temos a categorização entre idades e as especificidades a cada etapa do ciclo vital: infância, juventude, vida adulta e senescência eram marcadas por rituais, sendo a aposentadoria o marcador para a nascente categoria da velhice.

Debert (2004) salienta que o grande acontecimento do século XX na história da velhice é a inclusão das conquistas que este período da vida permite, visto que, anteriormente, retratavam-se apenas suas perdas. A geriatria, gerontologia, a promulgação do Estatuto do idoso (2003) e da Política Nacional do Idoso (1996) são saberes que compõem uma visão especializada da velhice, atribuindo-lhe um status social.

A autora supracitada (2004) relaciona que os fatores que levaram a esta mudança se concentram na década de 1970, como o aumento do poder aquisitivo do idoso com a aposentadoria (por isso reforçamos o eixo econômico como agente de transformação), em comparação aos jovens que estão iniciando no mercado de trabalho e ainda aqueles que nem conseguiram o primeiro emprego, sendo reconhecida como um expoente em potencial para o mercado de consumo. Ainda destaca as novas concepções sobre a saúde e a permeabilidade

corporal amplamente difundido pela medicina e pelo campo da estética, que propaga que os sinais do tempo imperativamente devem ser combatidos.

Neste sentido, procedimentos, cirurgias, e manuais de conduta estética conduzem os códigos de um envelhecimento bem-sucedido e reconduzem à culpabilização, exclusivamente, ao indivíduo que não investe em tais protocolos, negligenciando assim toda uma dimensão simbólica do envelhecer, congelando temporalidades, desejos, impossibilitando quaisquer capacidades de escolha sobre seu próprio envelhecer.

Há neste sentido uma responsabilização integral ao indivíduo que envelhece – excluindo as responsabilidades sociais e políticas da qual está inserido, com a “reprivatização da velhice”, nas palavras de Debert (2004). Ainda neste sentido destacamos a questão de gênero, pois tais prerrogativas são impostas em sua grande maioria às mulheres.

3.1 Velhas: pluralidades de narrativas.

A velhice brasileira se apresenta por sua heterogeneidade, visto que a extensão de nosso país o faz rico em diversidades territoriais e existenciais. Neste capítulo, associamos referências bibliográficas e dados demográficos com diálogos enriquecidos de mulheres participantes da oficina “Encontros com a Terceira Idade”, realizadas em 2017. A essa heterogenia abre-se um leque de fatores significativos a serem apresentados e, principalmente, refletidos por meio de uma análise crítica, tais como: gênero, classe social, nível educacional, status civil. Assim, temos uma construção de um reflexo de velhice partindo de particularidades do envelhe-ser de algumas mulheres e buscando trazer conhecimentos a uma temática ainda, insuficientemente, tratada na literatura científica. Trouxemos em tópicos as temáticas que juntos elencamos nos imprescindíveis para a reflexão dessa densa temática.

Neste grupo¹⁵ tínhamos 15 mulheres, com uma média de 10 participantes por encontro. Era um grupo, exclusivamente, feminino devido a demanda¹⁶ e não como exigência dos que o organizaram. Este já é um fator de análise que justifica nosso recorte de gênero e os dados demográficos compilados por Camarano (2003) indicam essa tendência nacional de um maior número de mulheres com 60 anos ou mais e uma maior participação de mulheres em programas voltados à velhice, indicando uma grande transformação social com a saída das mulheres do ambiente doméstico (CAMARANO, 2003; RODRIGUES E JUSTO, 2009).

¹⁵ Neste trabalho trouxemos parte das oficinas realizadas e não a descrição integral.

¹⁶ Apesar da particularidade de gênero o grupo também contava com a participação de dois estagiários e sempre esse balanço e questionamento sobre os papéis destinados a homens e mulheres eram abordados.

As integrantes tinham entre 62 a 84 anos, com diferentes níveis educacionais – de semianalfabeta a pós-graduada. Entre separadas, viúvas, solteiras e casadas – a viuvez era mais recorrente. Também tínhamos diferentes níveis sociais, fator este que apesar de ser muito importante se diluía ou aproximavam diante os enfrentamentos de gênero na sociedade e entendemos que este aspecto é uma questão particular desse grupo. Um dado interessante é que todas contribuía, financeiramente, em suas famílias, seja com trabalhos dentro ou fora dos ambientes domésticos, em consonância com a análise de Cavenaghi e Aves (2018).

A escolha e inserção em um grupo terapêutico têm particularidades de acordo com a trajetória de cada um e um desejo coletivo por diferentes encontros. Segundo Deluze procuramos por bons encontros. Para o autor, “não há obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho entre as pedras”. (DELEUZE, 1990, p. 179)¹⁷. Como já mencionado, o grupo (que aqui qualificamos como terapêutico), acontecia nas salas de aula do *campus* da Universidade, mas apesar de estarmos no espaço acadêmico não tínhamos como intenção a privatização de conhecimentos e/ou propagação de saberes hegemônicos. Se havia alguma especialidade era a busca por uma construção de um campo de contingências e possibilidades para a vida independente da idade. Ou, especialmente, para os que viveram mais.

Superfícies arquitetadas pelo modernismo e o encontro de diferentes gerações formaram um abrigo para intervenções e micro revoluções. As grandes vidraças das salas de aula nos contemplaram com uma paisagem inspiradora: a mata nativa, com suas grandes árvores sombreando o caminho de passantes, o canto de pássaros, de gente e uma atmosfera que até poderia ser descrita como acolhimento¹⁸.

“Estar aqui é um privilégio. Privilégio do reencontro, de mim e das nossas lembranças” (Carlota, 82 anos). Todos os privilégios trazidos pela participante nos mostram uma complexa rede de fatores sobre a velhice e suas representações ao longo da história. As particularidades desse grupo nos permitiram explorar análises e reflexões das relações sociais da velhice feminina no contemporâneo.

A presença feminina na universidade, nos espaços públicos, o incremento de programas voltados à velhice, a formação de um grupo voltado a este público em específico, a

¹⁷ DELEUZE, G. Conversações. 1972-1990. São Paulo: Ed 34, 1990.

¹⁸ O acolhimento é uma postura ética que implica na escuta do usuário em suas queixas, no reconhecimento do seu protagonismo no processo de saúde e adoecimento, e na responsabilização pela resolução, com ativação de redes de compartilhamento de saberes. Acolher é um compromisso de resposta às necessidades dos cidadãos que procuram os serviços de saúde. Este conceito faz parte de resoluções criadas pelo Ministério da saúde e podem ser consultadas em: <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/dicas/167acolhimento.html>

possibilidade de refletir, dialogar e compartilhar sobre suas histórias de vida e também de sua sociedade são questões de uma velhice permeada por parcos privilégios ao pensarmos que estamos em um município no interior de São Paulo com cerca de 100.000¹⁹ habitantes. Destes, 17,4% (17.432 em valores aproximados) são compostos por idosos e apenas 2,29% de idosos participando do referido programa. Estamos cientes de que são muitas as variáveis que devemos considerar para o crescimento da população idosa no município e nossa análise fez em termos absolutos, mas este é um fator deveras importante para a reflexão crítica da diversidade da velhice brasileira.

Neste sentido, a pesquisa de Rozendo (2010) nos assevera sobre a necessidade de estudos que de fato olhem e escutem a velhice e a partir de suas demandas para construirmos juntos, intergeracionalmente, um campo de saber e prática. O autor nos expõe:

Para tanto, não bastará produzir conhecimentos específicos sobre a clientela em questão, tal conhecimento ‘emancipador’ não seria suficiente para promover mudanças significativas. Deve-se sim investir na formação de cidadãos críticos, que consigam viver e pensar fora dos modelos hegemônicos capitalistas, enfim pessoas habilitadas a conviver e aceitar suas singularidades e as dos outros. Trata-se na verdade de uma mudança social, nos níveis micro e macro político, que depende da iniciativa popular. A proposta de mudança social, aqui esboçada, demanda a participação da própria população idosa, tanto no processo de construção de saberes e imagens sobre o envelhecimento, quanto na própria atuação de gestão política. O idoso deve fazer parte dos cenários onde devem ocorrer estas transformações, exercendo o papel de protagonista na construção social do envelhecimento. (ROZENDO, 2010, p. 95).

Em consonância a reflexão de Rozendo (2010) fomentamos uma construção coletiva de um conceito de velhice e um retrato desse grupo de mulheres que envelhecem no interior do estado de São Paulo. Trouxemos o nosso primeiro encontro em que propusemos as participantes que se apresentassem. Cada uma poderia se apresentar como quisesse. Trouxemos os relatos.

“Estou aqui para me ocupar. Trabalhei por 50 anos e se persistir em ficar em casa terei que cuidar dos netos. Também venho por que muitas coisas que quero fazer meus filhos proibem, não me permitem que faça. Também acho importante conviver com os mais jovens, assim entendo os da família”.

“Estou em busca de alegrias, gosto muito de surpresas, minha mãe era muito certinha, proibia até a felicidade”.

“Tenho parentes no grupo: minha filha”.

¹⁹ Dados consultados e por nós analisados ao site da Fundação SEADE em 1 novembro de 2018 no respectivo endereço eletrônico: <http://www.perfil.seade.gov.br/>.

“Gosto do exercício da reflexão e estar aqui me faz sentir-me mais nova”.

“Estou aposentada há 3 anos e procuro novas amizades”.

“Estou aqui para aprender e conversar sobre os direitos dos idosos”.

“Estou na UNATI há muitos anos e já presenciei muitas coisas, gosto muito de estar aqui”.

“Estou aqui para ampliar meus horizontes”.

“Vim para trocar experiências, aprendo com as histórias dos outros”.

“Venho para ouvir e aprender e falar pouco”.

Após a apresentação pessoal e objetivando a proposta das oficinas pedimos que atribuíssem significados aos termos encontro, terceira idade e grupo. Os adjetivos elencados foram:

- Encontro: reunião, novidade, troca de experiência, participação, acolhimento, aprendizado, alegria, risada, amizade, ideias, movimentação, afetos, pessoas, confraternização, confrontos.
- Terceira Idade: mais passado que futuro, vivência, privilégios, conhecimento, experiência, inquietação, expectativa de vida, saudades, conflitos, conflito social, limitações, aceitação, barreiras, interdição.
- Grupo: união, aconchego, aproximação, seleção, amizade, satisfação, interação, diálogo, cumplicidade, harmonia, entusiasmo, aceitação, individualidade, respeito, partilha, agrupamento, escolhas, reciprocidade.

As associações de uma velhice, chamada por terceira idade, são permeadas por aspectos positivos e negativos, bem como as outras fases da vida. Gostaríamos de destacar o termo “movimentação” e por meio dele fecundarmos um conceito de velhice concebido pelo grupo. A escolha dessa palavra é de extrema importância, pois contrasta com a ideia difundida no contemporâneo que preconiza a velhice como doente e imóvel, empobrecendo as questões vitais e simbólicas. Ou seja, na ideia de movimento não há categorizações estáticas e homogeneizantes, rejeitando classificações e involuções.

Neste capítulo nos colocamos à escuta do mundo²⁰ de mulheres com mais de 60 anos. Com encontros marcados, uma vez na semana, contando o calendário da Universidade, nos dedicávamos a escuta de narrativas e memórias ávidas pela busca de si, do outro e do mundo.

O andar nas pontas dos pés representava a experiência vivida em anos, expurgando conhecimentos e saberes possíveis a quem os viveram. O balouço dos sonhos reconhecia o

²⁰ Assim como sugere a epígrafe desse capítulo.

passado e transformava lembranças e nostalgias em esperanças na vida que seguia seu curso, como a ilustração²¹ de uma participante composta somente de “verbos” – haviam muitos tempos verbais a serem conjugados. Como o envelhecimento definia nossas participantes? Ou melhor, como nossas participantes definiam o envelhe“ser”?

Compreendemos a importância da dimensão temporal para a constituição do sujeito e focamos o processo de envelhecer em sua multiplicidade e singularidade. Uma dimensão que respeite a heterogeneidade de velhos e velhas, que de fato atendam suas necessidades e para tanto buscamos dados demográficos que compõem a velhice que movimentam o perfil socioeconômico e cultural brasileiro.

3.2 *Elas são a maioria...*

O estudo do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Estatística (IBGE) destaca uma maior predominância de mulheres e igualmente mais envelhecidas. Elas representam 55,7 % dos idosos: um dado comparativo ilustra que, para cada 100 mulheres idosas, há 81,6 homens idosos, ou seja, correspondem a aproximadamente dois terços da população (IBGE, 2010).

Esse fator é denominado por estudiosos como a “feminização da velhice”. Este conceito sinaliza que um dos motivos para uma média de vida superior de mulheres se deve a um possível maior cuidado feminino com a saúde, principalmente relacionado à maternidade e também “diminuição das taxas de mortalidade infantil e materno-infantil, urbanização, o declínio das taxas de fertilidade e natalidade, as mudanças na estrutura das famílias e o crescente acesso das mulheres ao mercado de trabalho” (NERI, 2007, p. 28)

Este fenômeno da feminização da velhice enfatiza a necessidade de estudos focados na questão de gênero, devido ao caráter multifacetado do envelhecimento (CAMARANO, 2003; NERI; 2004). Apesar de ressaltarmos que as mulheres estão em maior número, não podemos adjetivar a velhice exclusivamente enquanto feminina.

Homens e mulheres envelhecem de maneiras diferentes em um mesmo contexto social. Com o objetivo de caracterizar a mulher idosa ou velha e justificar nossa pesquisa reunimos alguns estudos que compõem em alguns aspectos o cenário social brasileiro atual em relação a elas.

Pesquisas realizados por Camarano (1999; 2003; 2004; 2009) retratam a existência de um maior número de viúvas em comparação a outras faixas etárias, evidenciando um dado

²¹ Em uma de nossas oficinas solicitamos às participantes uma imagem, frase ou palavra que retratasse sua experiência de velhice. Uma participante compôs uma ilustração com vários verbos como um rio sinuoso. A mesma guardou seu desenho, impossibilitando sua publicação.

arraigado a nossa cultura: o de que a maioria das esposas são mais jovens que seus cônjuges. Esse dado também se associa a maior taxa de mortalidade masculina, devido a maior exposição a diferentes tipos de violência e de trabalho que envolvem maiores fatores de risco. Culturalmente, há uma maior aceitação social para que homens estabeleçam novos laços afetivos, após a viuvez. Por outro lado, esse fato muitas vezes, ainda, é visto de maneira preconceituosa no caso de mulheres (DEL PRIORE, 2005).

Entre o contingente de viúvas existe uma alta proporção de mulheres idosas que moram sozinhas nos domicílios particulares, unipessoais ou em domicílios com outros parentes ou agregados, mas sem a presença de um companheiro. Este fato foi denominado, no passado, de “pirâmide da solidão” (BERQUÓ, 1999). Contudo, devemos ressaltar que morar sozinho não significa ser solitário, este termo indica apenas a existência de um crescente número de mulheres idosas sem cônjuges, apesar da terminologia sugerir o contrário.

3.3 Viuvez.

Outra característica das idosas brasileiras se concentra nos questionamentos de alguns papéis sociais. Segundo Goldani (1999), atualmente há um importante movimento de libertação dessas viúvas que não mais permanecem em um luto eterno, isoladas socialmente. Cada vez mais, elas conquistam uma velhice ativa, que ocupa espaços públicos e programas voltados à terceira idade, além de viagens, cursos e trabalhos remunerados temporários, busca por novos relacionamentos e também por prazeres na velhice (GOLDENBERG, 2014).

Fomos testemunhas de narrativas de Cecília e Clarissa sobre as aventuras e conquistas após a viuvez. Clarissa, sempre que possível, assim se apresentava: “*Meu nome é Clarissa, tenho 70 anos e sou viúva graças à Deus*”. Não sabemos a qual Deus agradecia, mas suas palavras eram carregadas de dor, embargavam na garganta quando se lembrava de episódios de mais de 20 anos de um relacionamento abusivo e destrutivo: “*Estou muito mais feliz que antes, minha infância e adolescência foram drásticas, fui poder estudar com 64 anos, por que mulher não podia, agora que sou viúva, estou mais feliz, livre, leve e solta*”. Dona Cecília, por sua vez, já havia se separado quando houve o falecimento de seu cônjuge. Contudo, ao voltar no tempo, suas lembranças eram povoadas por um cerceamento de desejos com o matrimônio, como nos mostra sua fala: “*Por obediência à minha mãe, casei e por obediência fiquei casada no cabresto do marido, por obediência*”. Continua: “*Fui trabalhar fora de casa com 40 anos quando me separei, me libertei, foi quando meu marido saiu de casa e senti pela primeira vez conhecer o trabalho*”. Ao ler esses parágrafos posso lembrar a satisfação e o sorriso de Dona Cecília em proferir essas palavras.

A viuvez, na maioria dos casos brasileiros representa ainda um importante fator no quesito econômico, com a expressiva proporção de mulheres que possuem a aposentadoria ou pensão herdadas de seu cônjuge. As que possuem a própria aposentadoria ganham um valor menor comparado ao sexo masculino (CAVENAGHI E ALVES, 2018). A exemplo temos as falas de Cassia Maria, que mesmo trabalhando horas a mais que seu esposo, sua aposentadoria era menor que a dele. *“Quando recebo meu holerite fico perguntando: quem fez essa conta? Deve ser um homem... sempre trabalhei mais e ganho menos, a desvalorização da mulher é humilhante”*.

Tais fatores - viuvez e aumento de mulheres morando sozinhas - explicam com maior intensidade a chefia feminina que ocorre nos grupos etários acima de 60 anos, em que cerca de 50% das famílias são gerenciadas por mulheres. Nos grupos etários acima de 55-59 anos, o percentual de mulheres chefes de família volta a ficar acima da média para o conjunto das idades. Até o ano 2000, as mulheres idosas (aquelas nascidas antes de 1940) tinham nível educacional, em média, menor do que o dos homens, refletindo a discriminação de gênero existente na educação brasileira do passado (CAMARANO, 1999; GOLDANI, 1999).

O contingente de mulheres com mais de 60 anos tem revertido a desigualdade de gênero, fazendo com que o nível de escolaridade do sexo feminino, atualmente, seja maior do que o do sexo masculino também entre a população idosa. Ou seja, as mulheres têm dado uma eminente contribuição para elevar o nível educacional do conjunto da populacional brasileiro. (CAVENAGHI E ALVES, 2018). Esse dado demográfico pode ser comprovado em nosso grupo.

As participantes viúvas recebiam as pensões de seus parceiros, contudo as que eram separadas, casadas e solteiras tinham nível superior de escolaridade, e isso se tornou uma conquista muito valorizada por elas, atestando o quanto o acesso à educação ao longo da história era um privilégio destinado principalmente aos homens, cabendo às mulheres lutar para ter esse “direito”. Como lembra Cora: *“o ensino era mais pra homem que pra mulher e as classes não eram mistas”*, corroborando no contemporâneo com seu papel na sociedade, onde a idosa brasileira, segundo Camarano (2003), apresenta-se como um agente de mudança social. Nesse cenário, muitas delas são chefes de família por meio do desenvolvimento de trabalhos fixos ou temporários, representando um suporte econômico em seus lares.

3.4 Educação, desempenho de papéis e aposentadoria como processos de subjetivação.

Nossas participantes são/foram unânimes em suas narrativas em destacar a importância do acesso à educação em suas trajetórias. Dona Carlota nos contou que foi integrante da primeira turma de Assis na classe destinada às meninas. Em suas palavras: *“quando Getúlio estendeu a turma para mulheres no colégio de freiras, tinha 11 anos de idade e a educação era machista e elitista há 70 anos atrás. Tinha uma linha imaginária que dividia os meninos e as meninas, não podíamos passar. Houve uma revolução em relação ao machismo de antes o machismo de agora, mas de maneira nenhuma isso foi superado, como por exemplo os brinquedos que ainda direcionam o papel de cada um”*.

Em cada temporalidade revisitada pela memória a escola, a universidade e o trabalho constituem espaços de emancipação de seus sonhos, desejos e necessidades. Dona Cecília nos traz que no seu primeiro emprego *“admirou-se com um mundo que considerava inexistente”*.

Clarissa considera que *“uma pessoa letrada pode ter outra visão de mundo e principalmente conhecer seus direitos para diminuir o sofrimento que colocam nas mulheres, quem pode estudar e trabalhar fora de casa teve oportunidades diferentes da minha, desde os 7 anos acordava cedo para fazer comida e arrumar marmita para meu pai. Eu era presa”*.

Cassia Maria, sempre que possível, nos dizia *“que tinha contribuído com a sociedade ministrando aulas para crianças por muitos anos e também aprendeu muito com seu trabalho”*. Maria Carolina diz que *“como sempre trabalhei, não sei quem sou após a aposentar. Fui enfermeira por quase 30 anos”*. Para Catarina *“sempre trabalhei por necessidade, fui psicóloga em uma instituição, foram grandes lutas, mas também venci. Agora que me aposentei preciso me reorganizar”*.

Cláudia lecionou por muitos anos para o ensino fundamental e neste cenário relata que *“sempre lutou por suas convicções políticas na escola, lutando contra as desigualdades sociais que aquelas crianças estavam expostas”*. Cora nos revela que o Magistério foi uma escolha e que *“pode alcançar cargos de autoridade que eram ocupados por homens”*. Conceição relaciona o prazer com o trabalho e que *“sair do ambiente doméstico era importante”* e que com seu adoecimento *“lutou muito para se aposentar”*.

A escolha pela aposentadoria também é um privilégio no movimento do envelhecer. Retomando a trajetória histórica o momento de recolher-se aos seus aposentos enquanto um direito é fruto de lutas e reivindicações da classe de trabalhadores na transição do século XIX e XX. A transformação moderna do significado do trabalho, sob a égide do positivismo, expressa como a mais valorizada das atividades humanas se consolidou com o modelo capitalista de produção. Para Hanna Arendt (1993):

Desde a mais humilde e desprezível posição à mais alta categoria, como a mais

estimada de todas as atividades humanas, começou quando Locke descobriu que é a fonte de toda a propriedade; prosseguiu quando Adam Smith afirmou que era fonte de toda a riqueza, e atingiu seu clímax em Marx quando o trabalho passou a ser a origem de toda a produtividade e a expressão da própria humanidade do homem. (ARENDETT, 1993, p. 113).

Neste sentido, os registros passados nos indicam um contingente de violências: o indivíduo era expulso do trabalho mediante sua força física, exilando-o, socialmente, e matando seus direitos enquanto cidadão, caracterizado por Barros (2006)²² enquanto uma morte social. No cenário brasileiro, mais especificamente na década de 1930 com a maior responsabilização do Estado e criação das Caixas de pensão e posteriormente o sistema de aposentadorias, houve uma visão ambígua sobre a velhice: de um lado velhos estavam fadados a carência, improdutividade e dependência e por outro ganha-se em termos políticos com a garantia de direitos.

Nossas participantes, sejam em quaisquer temáticas refletidas durante os encontros, a “lida”, como descrevia dona Cintia, sempre permeava as lembranças de outrora. Os movimentos corporais, construção de pensamentos e sonhos eram povoados com cenas do obrigatório ofício.

Ainda mais no particular universo feminino, pois nossas participantes narram suas lembranças de infância com obrigações domésticas - desde cedo as meninas eram ensinadas ao tão desvalorizado afazer doméstico – que na verdade não era considerado um trabalho de fato, como as narrativas de Cora e Clarissa “*A mulher era ensinada a casa e a fazer corte e costura. Na minha família era o único diploma que valia, eu reprovei, essa foi a única reprova que tive na vida*”, relata Cora. Por sua vez, Clarissa: “*Fiz o magistério e meu pai só me deixava sair de casa para trabalhar. Quando lecionava à noite podia voltar as 22 h, mas para ir ao cinema só podia ir na sessão das 18. Mas foi a única reprova – mas também se eu tivesse o diploma de costureira e não costurasse ia me sentir muito mal*”.

Clarissa nos denuncia que conseguiu o diploma de Corte e costura, mas também não teve nenhum reconhecimento, com a aposentadoria: “*Eu costurei por 25 anos, costurava de madrugada e fazia pão pros meus filhos comerem quentinho quando acordassem, me aposentei sem êxito*”. E ainda com Clara que reflete: “*Mulher que é doméstica não permite sentir o envelhecimento, é ofício*”.

²² BARROS, Myriam Moraes Lins de. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. *Sociologia, Problemas e Práticas*, **Oeiras**, n. 52, p. 109-132, 2006.

E Carlota conclui: *“Nasci na revolução de 1932, e as obrigações que cabiam as mulheres naquela época, ainda são de responsabilidade das mulheres hoje, os homens cabem ajudar, mas quem é obrigada a fazer é a mulher, a mulher é o pivô de tudo”*.

Mesmo as décadas passando, com a rapidez das automações industriais e a aposentadoria como um ganho e um direito adquirido, a relação com a desobrigação do trabalho causa espanto e culpa em nossas participantes: *“Mas como posso não trabalhar, tenho saúde, fico procurando preencher o tempo, me sentir útil”*, relatou-nos Cintia. Adjetivar-se enquanto útil é resultado de toda uma moralidade voltada ao trabalho que emprega diferentes atributos: do salário, ao status social e sua identidade – seu ofício emprega, cotidianamente, sua vida em termos objetivos e subjetivos, segundo Ecléa Bosi (1994).

E ainda destacamos o quanto a aposentadoria pode trazer um sentimento contraditório de não pertencimento, como nos trouxe Maria Carolina: *“sempre trabalhei, preciso me encontrar”*. Ela sentia-se estrangeira nas terras que enterrava suas raízes. Bosi (1994) já antecipava há tempos que *“a noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. (...) Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido”*. (BOSI, 1994, p. 81).

Com esse ponto de análise aproximamos as diferenças entre classes e as suas relações com o meio social. Tínhamos uma maioria de mulheres que se ocuparam de profissões em ambientes públicos e duas participantes que se mantiveram ao ambiente doméstico, com o cuidado dos filhos. Como no caso de Cristina, que mesmo com acesso à educação até o ensino superior, decidiu (houve o privilégio da escolha) voltar-se ao cuidado dos filhos. Como não trabalhou fora, relatava-nos que *“sua aposentadoria veio com o crescimento dos filhos”*. A participante era viúva e recebia o benefício de pensão de seu esposo, podia ter acesso a bens de consumo que lhe asseguravam uma velhice confortável. Contudo, seus medos e dilemas frente ao envelhecimento dissolviam as diferenças de classes, em que as questões com os limites impostos pela sociedade e por seus filhos estavam em sintonia com outras participantes.

3.5 Relações Familiares e Relações Intergeracionais.

Outro aspecto do envelhecimento feminino refere-se ao ambiente familiar. É neste espaço que são reproduzidos, em sua grande maioria, violências e maus tratos a pessoas idosas, concentrando as estatísticas em mulheres idosas, cujo perfil dos agressores se

concentra nos filhos e noras das vítimas (BRITO DA MOTTA, 2009). Durante a realização de nossas oficinas não nos testemunharam nenhum caso de violência física e maus tratos no ambiente familiar. Todavia, assim como nos alertaram duas participantes, logo no primeiro encontro igualmente importante é a violência simbólica: *“Quero aprender sobre o direito dos idosos”* e *“Trabalhei por 50 anos e se persistir em ficar em casa terei que cuidar dos netos. Também venho por que muitas coisas que quero fazer meus filhos proibem, não me permitem que faça”*.

Convidamos o leitor, novamente, para se atentar para a escolha do termo “movimento” para a conceituação de velhice, como uma ação contra as diferentes formas de interdição (que também pode ser interpretada como uma forma de violência), como o desejo de aprender seus direitos e de se opor aos cuidados de netos e proibições familiares. Nesses dois casos, tais participantes gozavam de saúde física e mental, mesmo assim estavam sob o jugo da curatela, e “aí está a dura novidade na condição dos idosos: viver deixa de ser algo normal” (BEAUVOIR, 1990, p. 372).

Ecléa Bosi (1994) ao pesquisar sobre a memória e socialização de velhos em diferentes cenários - famílias, trabalho e asilos, conclui que na sociedade industrial apenas os bens acumulados representam a velhice. Em suas palavras,

A sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor. Se a posse, a propriedade, constituem, segundo Sartre, uma defesa contra o outro, o velho de uma classe favorecida defende-se pela acumulação de bens. Suas propriedades o defendem da desvalorização de sua pessoa. O velho não participada produção, não faz nada: deve ser tutelado como uma menor. Quando as pessoas absorvem tais idéias da classe dominante, agem como loucas por que delinham assim seu próprio futuro. (BOSI, 1994, p. 77-78).

Compilei em 2014 alguns trabalhos científicos brasileiros que exploravam as relações intergeracionais entre avós e netos. As pesquisas permitiram “comprovar que no contemporâneo há mudanças nas estruturas das cadeias geracionais que demandaram aos avós os ofícios cunhados pela autoridade, pelo afeto, educação e cuidado dos netos” (SILVA, 2014, p. 103). Estamos circundados pelas novas configurações familiares e diferentes formas de relacionamento entre diferentes gerações, contudo há de se observar o quanto o cuidar dos netos passou a ser uma necessidade, fundamentalmente, econômica no contemporâneo.

Os avós são um suporte para os filhos, netos e até bisnetos que estão enfrentando maiores dificuldades para se estruturarem, financeiramente, e ainda em algumas regiões onde há a falta de vagas em creches e escolas públicas. Em nosso grupo, a fala de Cora nos

despertou o quanto o desejo é suprimido na velhice, quais seriam os critérios que seus filhos validavam para impor-lhe o cuidado dos netos?

Quando essa indagação foi realizada, carinhosamente a participante nos respondeu “*eu gosto muito de ficar com meu neto, não é questão de não gostar, mas eu também gosto de vir aqui*”. O grupo todo se envolveu nesta temática e posso testemunhar o quanto emancipador foi este encontro – pudemos lembrá-los²³ o quanto são detentores de direitos e deveres, principalmente no desejar.

Dona Carlota nos narra que o convívio com seus netos a faz refletir sobre o que aprende com tempo, “*dia e noite, que o respeito aos avós deve ser seguido de presença: de olhar no olho, ouvir, perguntar. As histórias de família e seus heróis devem ser contadas as crianças, elas precisam de imaginação e raízes, tempo para ler romances, aventuras e principalmente precisamos de afeto, escrevi minhas memórias, fiz um livro e não sabia o título, até que meu neto mais novo me pediu para contar a história daquele ontem... surgindo seu título*”, sabiamente sua narrativa destaca a importância da transmissão das heranças simbólicas e legados psíquicos entre gerações que nos compõem subjetivamente, socialmente e culturalmente.

3.6 A invisibilidade social como violência.

Outro tipo de violência que Cassia Maria sempre que possível fazia questão de destacar é a invisibilidade social: “*Trabalhei por 50 anos, tinha uma escola, a vendi, e hoje sinto que tudo que construí não tem ressonância nem compromisso, eu cuido de tudo, mas a sociedade não me vê como compromisso*”.

Os movimentos desejantes dessas mulheres nos indicam o quanto a velhice do século XXI ainda está permeada pela cólera da incapacidade e insuficiência. Beauvoir (1990, p. 387) nos lembra que “o moral e o físico estão estreitamente ligados”. Nossa sociedade é herdeira de discursos e práticas higienistas e da geriatria do século XIX que difundia a ordenação, regulação e o gerenciamento da vida dos idosos pelo núcleo familiar. Apesar das grandes transformações nas composições familiares, recentemente, ela ainda continua e talvez ainda mais forte como instrumento de ações do Estado e das práticas de saúde utilizados como ferramenta de gestão social e da subjetividade.

²³ Gostaria ainda de registrar nossa indignação de como em pleno século XXI temos que “lembrar” nossos velhos que eles são sujeitos.

Recorremos ao pensamento foucaultiano (1979) que descreve que as sociedades disciplinares se constituíram entre os séculos XVIII ao XX onde tiveram seu ápice com a implementação de instituições e saberes especializados, ganhando função social na educação (a psicologia também se inscreve) dos indivíduos utilizando mecanismos de punição, visando a disciplina e organização da sociedade. Desta maneira, a vida torna-se objeto de poder, conceituada enquanto uma Biopolítica. Para o autor (idem, p. 128), esse tipo de poder “(...) era, antes de tudo, nesse tipo de sociedade, direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava com o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la”. Neste interim, o governar a vida também cabiam estratégias para se impedir a morte.

Costa (1979) assinala que o século passado foi marcado pela difusão de uma família nuclear, higienicamente, caracterizada pela medicina e pelo Estado. “As condutas física, intelectual, moral, sexual e social de seus membros com vistas a sua adaptação ao sistema econômico, político e social” (COSTA, 1979, p. 33). Neste contexto, a mulher surge com um protagonismo social – sua função consistia em garantir que os preceitos médicos e estadistas fossem aplicados à sua família, com o cuidado com a proteção e cuidado com as crianças e guardiã dos enfermos.

Os dados estatísticos, em um primeiro momento, parecem-nos trazer uma visão otimista do envelhecer feminino, especialmente do ponto de vista da maior longevidade da mulher. Entretanto, apesar de muitas conquistas, no contemporâneo, ser mulher e velha representa uma dupla estigmatização e violência.

Salgado (2002) conceitua que “a mulher idosa é, universalmente, maltratada e vista como uma carga. É parte de uma maioria invisível cujas necessidades emocionais, econômicas e físicas permanecem, em sua maioria, ignoradas”. (2002, p. 9). A autora afirma, ainda, que a imagem de velhice desperta uma aversão aos mais jovens em relação ao envelhecimento, tanto por seus desafios físicos quanto sociais, culturais e econômicos, construindo assim uma sociedade orientada somente para a juventude, sexista e ageísta.

3.7 Corpo que envelhece: A beleza do tempo impressa em corpos femininos.

Outro ponto de discussão eleito enquanto primordial a ser refletido foi a beleza. Somos reféns de ideais de uma estética da eterna juventude que associa felicidade, saúde e bem-estar a cremes e procedimentos de congelamento do tempo. Com eles temos a desvalorização da velhice concretizada no corpo mediante inovações tecno-científicas de

poder, que controlam de corpos e subjetividades. (DEBERT, 1999; TÓTORA, 2010; POCAHY, 2011).

Um dos efeitos que a passagem do tempo pode trazer é contornar caprichosamente os corpos, imprimindo-os rugas, lembranças, marcas, cicatrizes. Mudanças concretas de um tempo que também é simbólico e complexo, tal como os questionamentos de Cassia Maria: *“Como aprender a envelhecer? Esse processo de velhice é triste! Qual a beleza da pele enrugada? Mas pra mim o grande aprendizado é não se comparar, querer ficar adaptando o corpo a um modelo de juventude, de beleza, acho que o grande pecado da humanidade é a velhice”*.

Como apresentado, os efeitos do tempo tornaram-se sintomas para nossas participantes, dentre tais, foram unânimes as prerrogativas que associavam o envelhecimento corporal a questões discriminatórias e preconceituosas. Após muitas análises, nos questionamos: quantos desafios a subjetividade feminina enfrenta ao longo da vida? Essa questão nos levou também a refletir acerca dos processos de luto – sejam concretos ou simbólicos – frente a uma sociedade contemporânea que cultua a juventude. (GOLDENBERG, 2008).

Perdas e ganhos no processo de envelhecimento são questões que envolveram e afetaram muito as participantes. As narrativas de Cora e Cláudia imprimem e reproduzem discursos produzidos sociais e culturais de uma velhice permeada por dissabores e sofrimentos, definindo o envelhecer com perdas intensas e frequentes: *“O meu envelhecimento, pelo menos hoje como eu vejo, como eu me preocupo muito de como as pessoas estão me vendo e o que pensam de mim como velha”*, nos revela Claudia. E, de acordo, com Maria Carolina: *“Me identifico muito com mulheres que são guerreiras, mas no fundo ainda tenho muita insegurança com o envelhecimento, não queria ficar velha, chorei muito, por que quem quer uma velha por perto?”*

Indagamos se equalização entre perdas e ganhos pode ser possível. Se de um lado alguns atributos são perdidos outros só podem ser somados por meio da experiência vivida em anos, como nos conta Clarissa sobre suas vivências: *“Sou muito mais feliz e livre na velhice, minha juventude, casamento e vida adulta foram de proibições agora sou livre e essa liberdade me faz ver beleza no meu corpo envelhecido”*. Torna-se importante ressaltar que Clarissa ainda falou de limites e perdas, contudo com o passar dos anos pôde simbolizar e interpretar os sinais do envelhecimento.

O envelhecimento masculino e o feminino são vivenciados de maneiras distintas, ainda que vivam em um mesmo contexto social e cultural. Contudo, podemos observar que as

experiências do envelhecer feminino se tornam mais complexas e problemáticas do que a de homens velhos. Tal questão, inclusive, nos traz registros históricos de padrões de beleza e culto à juventude impostos desde a infância de nossas entrevistadas, em que cabe à mulher obedecer ao imperativo de não envelhecer recorrendo a produtos e procedimentos que lhe garantam uma aparência bela, ou seja, uma aparência jovem.

Fatos estes comprovados e elucidados pelas participantes de diferentes faixas etárias: *“Os homens se ficam com o cabelo branco está charmoso, se a mulher ficar está desleixada, doente, feia. A cultura é machista e com velhos é pior”* – Cora. O tom de pesar impregnado na voz de Cecília ao pronunciar sua experiência nos alerta para a violenta reprodução de discursos que caracterizam o corpo envelhecido enquanto abjeto e ainda para o sofrimento causado pela ditadura da beleza jovial: *“Um homem me olhou e disse você está velha e feia, era tão bonita. Somos cobradas pelos outros, pelo social, use isso, use aquilo, mas não me perguntam se estou me sentindo bem?!”*. Tótorá (2015) nos traz uma estética da existência na velhice que compreende a liberdade para novos modos de existência, contrariando, justamente, este olhar reprovador e crítico que vê a velhice somente com perdas e feiuras.

Cora, Cecília, Clarissa, Maria Carolina, Cassia Maria, Catarina, Cintia, Charlote, Clara, Claudia, Cristina (assim como tantas) são retratos de uma sociedade ageísta, que desencanta os corpos de suas potências simbólicas visando códigos de “boa aparência”. De acordo com Sibília (2012), apesar de tantas evoluções e aumento da expectativa de vida “novos tabus e pudores converteram a velhice num estado corporal vergonhoso (...) as rugas constituem uma afronta à tirania da pele lisa sob a qual vivemos” (SIBILIA, 2012, p. 83).

Os olhares e falas dirigidos a Cassia Maria nos fazem questionar o quanto é o olhar do outro – seja um indivíduo ou até de uma sociedade – que lhe atribui o envelhecer. Como já nos apontou Simone de Beauvoir (1990) em sua construção, velho “é sempre o outro”, ou seja, é o exterior que nos demarca enquanto envelhescentes e, ainda ressaltamos, o quanto este olhar pode ser estigmatizante e estereotipado. Assim nos relata Conceição: *“As rugas são sociais, tenho sempre alguém que me colocar no lugar de velha, não no lugar de respeito, mas de defeito”*.

Suas histórias nos auxiliam a contrapor o quanto as experiências de envelhecer são singulares, em que cada uma imprime seu universo interno, mas também múltiplo, em que a realidade objetiva se concretiza. Contudo, o estranhamento de se “ver” envelhecida se dá justamente pelo desencontro entre as realidades interna e externa (BEAUVOIR, 1990).

E nossas participantes representantes da velhice transmitiram que o envelhecimento pode ser belo, saudável e prazeroso. Nas palavras de Clarissa: *“Meu corpo gordinho me*

mostra o quanto sou feliz hoje, e o quanto no envelhecimento que conquistei minha liberdade e o prazer em viver de acordo com o que quero, com minhas escolhas". Já Cassia Maria encontrou na velhice seu conceito de beleza: *"Tem dias em que eu acordo e me olho no espelho e penso estou bonita, aliás, acho que o tempo me fez bem, estou muito bem hoje"*. Suas falas vão de encontro com pesquisas (GOLDENBERG, 2014; VERAS, 2014) que militam e consolidam o processo de envelhecimento com olhares transformadores, capazes de buscar soluções, políticas, públicas e alternativas para a conquista do bem-estar de velhas e velhos brasileiros. Afinal, assim como poetiza Clarissa: *"Temos que agradecer por chegar a velhice, antes eu só tinha necessidade, agora tenho vontades... os contratemplos me ensinaram que idade é apenas número... encontro satisfação. Não tenho tempo para rugas"*.

Cabelos brancos, marcas de expressão, ter a pele mais flácida podem trazer surpresas e sustos para as nossas participantes, mas o olhar do outro, como nos assevera Beauvoir (1990) é que deixa marcas profundas na subjetividade. Nos dias atuais envelhecer é um sintoma a ser combatido. O corpo para algumas ciências e para a indústria do consumo segue um padrão estético de perfeição e jovialidade que destroem e encarcera subjetividades e, principalmente, não aceita as velhices, que por sua vez são estigmatizadas e colocadas à margem da sociedade. Como nos traz uma participante: *"O pecado da humanidade é envelhecer"*.

3.8 Desconstruindo barreiras e construindo projetos de vida.

Como proposta de enfrentamento ao contexto estigmatizador exibimos, em um dos encontros, e o vídeo de Miriam Goldenberg, intitulado "Bela velhice"²⁴. Nossa proposta era assistir aos 10 primeiros minutos do episódio e discutir o sentido da velhice para cada participante do grupo e que compartilhassem conosco suas ideias sobre e/ou projetos de vida. Cecília inicia a discussão relacionando que na velhice tanto o homem quanto a mulher voltam-se para fazer o que não fizeram, anteriormente.

Clarissa relata: *"Meu pai me tirou da escola, mas eu retornei aos 64 anos e estou realizando o meu sonho de estudar"*. Cora nos traz dificuldades e possibilidades: *"Considero que limitações e interdições podem impedir um projeto de vida"*. Ela exemplificou sua experiência com a tecnologia e relatou estar aprendendo mais para não ficar refém de quem entende disso e/ou das pessoas que consertam computadores. Ela conta também que agora

²⁴ Reproduzido através do YouTube no endereço eletrônico: <https://www.youtube.com/watch?v=O3-7d0zQ0zU>

tem oportunidade de viajar, *“mas não com aquela fissura que muitas pessoas têm”* e que a *“Oficina Encontros é um projeto de vida”*.

Cristina relata as adversidades em relação ao corpo, a flexibilidade, a pele. Quando fez 68 anos entendeu que não poderia mudar e passou a *“trazer coisas positivas para a idade que tinha”*. Cecília reiterando sua idade (80 anos) relaciona: *“pra quem zela muito o corpo, é difícil aceitar a velhice, a pessoa assusta mesmo”*. Maria Carolina nos conta que, recentemente, havia realizado um curso sobre terceira idade na universidade Mackenzie e diz *“isso prova pra mim mesma que estou no caminho certo, procurando informações e conhecimentos, ocupando meu tempo para me enriquecer”*.

Nestes encontros tivemos mais participantes que não quiseram falar e nos foi solicitado para assistir ao vídeo completo. Após assistirem ao vídeo, Clarissa reflete: *“as coisas só acontecem quando começamos a fazer, falo pras minhas amigas e tento fazer esse exercício eu mesma, de ser minha prioridade, mas eu vejo que elas ficam resistentes em fazer isso, às vezes até eu mesma”*. E Cláudia concluiu: *“A complexidade está também em ser jovem, ser magra, gorda, pobre, não só na velhice”*.

3.9 Ter a si mesma como companhia: considerações sobre o envelhecer.

Desmitificar práticas e enunciados sobre a velhice tornou-se um importante aliado em nossa construção de velhices junto ao grupo. Assim, a temática de um dos encontros foi o silêncio e seus desdobramentos, em especial a solidão. Propusemos uma meditação inicial que consistia em alongar-se, andar e tocar-se. Em seguida foi sugerido que ficassem em silêncio pelo *campus* universitário sem conversar por meia hora, como estava um dia de clima frio, algumas ficaram caminhando dentro da sala.

Após o tempo estabelecido e retorno de todas, pedimos para que relatassem as experiências vivenciadas com a meditação e com o silêncio. Clarissa e Cláudia nos disseram o quanto o tempo ficara em suspenso, parecia que não tinha fim. Contudo, a maioria das participantes se disseram surpresas com a temática e com os pensamentos dela oriundos. Em conformidade associaram o silêncio com a solidão, pontuando que ser sozinha e estar sozinha não são sinônimos, exemplificado pelas participantes que moram sozinhas por opção. Cláudia, mesmo não *“gostando”* da temática, concluiu que *“às vezes, mesmo acompanhada, falta companhia!”*

Em relação à caminhada em silêncio, Cecília contribuiu: *“estar só também é bom, a melancolia não é boa, é triste e podemos estar solitárias em um monte de gente”*. Cora fala o quanto a solidão não é atributo restrito e/ou natural da velhice, exemplificando com um

episódio observado quando saiu para almoçar e notou que um casal da mesa ao lado não interagiu, ficavam apenas cada um com seu celular. Para ela, isso é típico dessa juventude, dessa época *“não estamos sós, mas estamos”*.

Com o exemplo de Cora perguntamos ao grupo por que, mesmo estando com os outros, ainda nos sentimos sozinhos? Catarina relata que a falta de contato físico e olhar nos olhos faz muita falta; Clarissa concorda com a colega e exemplifica: *“Fui casada e nem sempre estive acompanhada, hoje moro sozinha e não me sinto só, é que para casar fui conduzida e a ser outra pessoa, só encontrei minha felicidade quando fiquei só”*.

Dentre os medos relatados com a velhice, a solidão ou morar só não amedronta tanto quanto a perda de autonomia e com ela a perda de liberdade, pois com tais perdas a solidão pode se instalar com o abandono ou tutela da família e ainda com o abandono social, aonde não seriam mais reconhecidas como cidadãs. Catarina pontua que nesse sentido o maior desafio está no equilíbrio: *“Estou sozinha (sem companheiro) é uma escolha, quero estar só e ter minha autonomia, mas alguém precisa falar comigo”*.

Diante da difícil estabilidade no equilibrar-se no movimento de envelhecer, questionamos se a velhice trouxe algum tipo de exílio, e elas acreditam que não e que participar de programas voltados à terceira idade e ainda os que promovem a intergeracionalidade são fundamentais na interação tanto pessoal como socialmente.

E comprovando o movimento como um passaporte para um saudável envelhecer apontam como conselhos: participação na sociedade, seja no seu bairro, em seu núcleo religioso, fazer parte de um grupo, conhecer um processo terapêutico, a leitura, a escrita, a música como ótimas companhias e como nos trouxe Conceição que até este momento estava calada: *“a gente não pode parar, mesmo em repouso!”* Terminamos mais uma oficina com mais verbos para o curso da vida... que embora fosse substrato de planejamento estratégico, pôde nascer da trama das palavras em circulação e de seu registro com nossas escritas. Cabe ressaltar que tudo isso que elas descreveram se configura enquanto sexualidade.

Na semana seguinte nosso encontro ainda estava afetado pelo movimentar-se e aproveitamos para explorar as ocupações na velhice: quais atividades vinham se ocupando, como as escolheram e por que, quais as possibilidades para quem está na terceira idade, quais as dificuldades e planos. Investigamos esses pontos por meio da pergunta: o que mudou em relação ao tempo, sua percepção e ocupações na velhice?

Contávamos com 10 participantes e todas relatavam suas tarefas diárias que incluíam cuidado da casa, da família e, principalmente, o cuidado de si com participação em diversos grupos: terapêuticos, esportivos, musicais, convivência, línguas estrangeiras, alimentação,

artesanatos, religiosos. Dentre tais atividades ressaltamos que são de caráter gratuito e aberto a toda a população, fato este que apesar das diferenças econômicas existentes no grupo, as vivências e busca por aprendizados e ressignificações na velhice, de forma que, ultrapassem o quesito econômico. Estamos cientes que as questões econômicas gerem toda a nossa vida, contudo, o grupo pode ser um exemplo de alternativa a velhice pobre e até a excluída socialmente, visto que o curso de Psicologia (*campus* de Assis) contém em seu programa de atividades de extensão e estágios voltados à velhice asilar.

Outro ponto de destaque dessa oficina é que as participantes relatavam com muito entusiasmo as ocupações e refletiam que a temporalidade trazida com a velhice era combustível na busca de realizações e no enfrentamento de limites e dificuldades, como descreve Catarina: *“não tenho tempo pra perder, se alguém precisa de mim tem que marcar horário”* ; Cláudia continua: *“sei que perdi a agilidade que tinha, mas agora faço uma listinha para lembrar de tudo, assumi tarefas novas, quero estar em todas”*.

Clarissa divide sua semana com seus compromissos e cuidados com seus filhos, netos e bisnetos, mas enfatiza *“às segundas-feiras tiro pra mim e não me acordem cedo no domingo”*. Charlotte nos lembra que pratica esportes todos os dias, mas que o descanso e o ócio são necessários: *“gosto de dormir a tarde e ficar sem fazer nada”*. Conceição, que sempre observa em silêncio e quase não se coloca, deu-nos o privilégio de sua reflexão sobre os papéis femininos e sua desconstrução na velhice e no contemporâneo: *“Vou na yoga, no centro de línguas, nesse grupo, vou visitar meus filhos a cada 15 dias em São Paulo, e vou ao clube conversar com minhas amigas”*, e nos pergunta: *“vocês notaram que ninguém mais toma conta da casa”* arrancando suspiros e risadas de todo o grupo.

É evidente que as funções de cuidado com a casa e a família estão dentre as atividades, contudo, não são mais primordiais ou exclusivas. Nossas participantes nos relatam o prazer e novamente o privilégio de pertencer a tais grupos, em que salientamos sua importância e contribuição a um ideal de velhices.

3.10 Aproximando um pouco mais as velhices e as sexualidades.

Com a descrição das oficinas pudemos construir, com cada análise e com cada referencial bibliográfico consultado, um retrato de velhice para além dos estereótipos à ela condicionados, durante sua história. De fato, a velhice é complexa e registarmos alguns de seus feixes de composição vinculando paradigmas sociais e culturais a narrativas e por meio delas foi possível a aproximação de um conceito à realidade, em que lançamos mão da ideia

de movimento. Este termo foi escolhido pelo próprio grupo como um dos possíveis adjetivos para a velhice.

Nos concentramos neste conceito e aproveitamos para dialogar com algumas leis da física que pressupõem o movimento, enquanto mudança que respeita o tempo. Apesar de toda exatidão e rigor dos substratos físicos seus pressupostos se tornaram simbólicos ao potencializar ações e subjetividades.

A cinemática nos ajuda a calibrar o olhar com a observação dos fatores, que propiciaram ou impediram uma movimentação, como forças que se movem ou paralisam em conjunto, coletivamente e a dinâmica que nos atentam para as causas dos fenômenos e em ambas são regidas pelo astro rei²⁵ do tempo que de tão simbólico não se prende a cronologias. Assim os movimentos registrados se dinamizaram em esferas públicas – da economia à política, com as temáticas do trabalho, aposentadoria, protagonismo social, direitos e deveres e emancipação feminina.

E com os movimentos da coreografia do tempo e a melodia do envelhecer, a sexualidade despertou em vibrações corpóreas, na primeira oficina, em que propomos essa temática, após todo o processo de escuta e trocas mencionados, anteriormente. Nesse encontro, que foi conduzido por um estagiário, foi feito um convite à escuta silenciosa do corpo. Chegamos a tempo de presenciar um despertar de sonos profundos, de memórias escondidas abarrotadas de poeira e afetos não nomináveis. A mim o tempo ficara em suspenso, meu corpo regido por suas próprias leis vibrava.

Clarissa não quis participar (não se sentiu à vontade, estava vestindo saia) mas ficou observando e relatou que tais vibrações seriam inesquecíveis. Catarina e Charlotte desistiram dos movimentos. Cassia Maria, Cristina, Conceição, Cora participaram em silêncio. Fui convidada a participar: “*mas como uma moça fica sentada?*”, intima-me Clarissa.

Corpos em movimento de respiração e conexão consigo mesma. As participantes de olhos fechados foram convidadas por Vitor a pensar na função de cada parte do corpo, além da função sua constituição, com partes duras, moles, secas, úmidas – com um vocabulário provocativo e cuidadoso, sua temperatura, sensibilidade, cheiros. Contornadas pela sala de aula e também pela permissão que cada uma se deu, a emoção transpirava pelos poros e suspirava profundamente. No espaço compartilhado foi configurado o espaço de cada um/uma, com o silêncio que abrigava sensações intensas.

²⁵ Em alusão à canção Tempo Rei de Gilberto Gil.

As dimensões temporais cronologizadas pela modernidade desapareceram com a entrega, como nos disse Clarissa ao final da atividade: “*Corpo é corpo, escuta a mente, seja a minha ou a sua*”. Mais uma vez, assertivamente, conceitua suas experiências, lembrando que vibrações possuem intensidades e temporalidades, mas não idades. Convidadas a voltarem para o presente e relatar como foi a experiência, houve um silêncio contemplativo e barulhento. Pergunto ao grupo: “O que é sexualidade para você?” Clarissa disse que o corpo precisa ser domado que nossos instintos são traiçoeiros, explica suas raízes religiosas para suas crenças e viaja para o passado contando que foi proibida de casar com seu amor da juventude e depois repete que “*me entreguei ao destino, a obediência*”. Catarina nos dá (literalmente) uma aula sobre o funcionamento corporal com bases biológicas e psicanalíticas com manifestações inconscientes. Quando perguntada por sua experiência pessoal, relata sua gravidez precoce e suas consequências, mas que no presente não poderia contribuir com as discussões sobre sexualidade, pois estava separada há muitos anos.

Cora considera essa pergunta muito íntima, mas revela que foi surpreendida por seu corpo que estava dormente. Cristina nos diz que foi uma oficina surpreendente e que após anos de análise descobriu que mesmo compartilhando 20 anos com seu esposo ela tem uma “bolha” difícil de acessar. Charlotte disse não ter contribuições, já que não se casou. Conceição também não se pronunciou, mas conseguimos nos comunicar mediante suas expressões.

Diante de uma oficina tão potente pedimos “licença poética científica” para denominar o desejo que brinca com as dimensões temporais e não envelhece. Mucida (2007, 2009) com uma leitura cuidadosa relaciona o envelhecimento à psicanálise. A atemporalidade do registro inconsciente, os impulsos carregados de desejos e as representações verbais resultantes desse processo, permitem-nos afirmar que o terapêutico nesse encontro orquestrou as vibrações corporais e verbalizaram desejos abrigados pelo inconsciente.

O corpo – representante *sui generis* – as convidou para dançar com uma trilha sonora conhecida, mas que as desafiou com alguns descompassos: a sexualidade. Beauvoir (1990) nos ajuda a nomear algo tão clandestino e estrangeiro.

É que essa sexualidade é algo inteiramente diferente de um conjunto de reflexos que geram um mosaico de sensações e imagens. É uma intencionalidade vivida pelo corpo, visando a outros corpos, e que abraça o movimento geral da existência. Ela se insere no mundo, ao qual confere uma dimensão erótica. Interrogar-se sobre a sexualidade dos velhos é perguntar-se como fica a relação do homem consigo mesmo, com os outros, com o mundo, quando desapareceu na organização sexual o primado da genitalidade. (BEAUVOIR, 1990, p. 390).

Como já exposto, fazíamos parte de um conjunto de oficinas pertencentes à UNATI e estávamos sob direção da mesma. Neste mesmo dia recebemos a informação que o calendário de atividades havia sido reorganizado e tínhamos apenas mais um encontro. Envoltos na avalanche de informações e sensações, apenas conseguimos firmar um compromisso de que todos estivessem presentes para a nossa despedida e fechamento do processo grupal.

Apresentar as surpresas e descompassos do planejamento de uma pesquisa aqui se faz necessário para a reflexão da elaboração do conhecimento científico. Como já destacamos no início, a construção desses parágrafos está conduzida pelos vínculos, sensações, emoções, angústias e prazeres de todo processo, como conceitua Deleuze (1997, p. 73), “o mapa exprime a identidade entre o percurso e o percorrido. Confunde-se com seu objeto quando o próprio objeto é movimento”. A sexualidade, nosso foco, não foi trabalhada da maneira exclusiva mas apareceu em muitos contextos, contudo, em apenas um encontro uma das participantes define: “*A sexualidade existe e vibra, a ponto de ser inesquecível*”.

A gratidão por estar ali me impedia de reclamar por seu término. Cada integrante fez seu relato particular sobre as experiências como grupo, e ainda pudemos ouvir as participantes. Em uma retrospectiva, vivenciamos as lições do tempo vivo da memória. Guimarães Rosa nos lembra o quanto é importante conversar desarmado – apenas me entrego a aventura de ouvi-las e também de termos construído juntas uma transformação de uma imagem de velhice, abrindo mão de uma visão uniforme para uma visão integradora de diferentes aspectos. Tal qual as forças físicas que integram um movimento, o curso da velhice do mesmo modo se faz como resistência perante aos conflitos sociais e culturais. A fala de Cora ilustra nossa articulação no movimento da velhice: “*antes eu tinha necessidades a serem superadas, agora eu tenho vontades*”!

A velhice foi movimentada em nosso grupo por desejos, diferenças, criações, potências, deslocamentos, partilhas de uma política subjetiva ligada à vida, lembrando que um movimento, segundo as leis da física “é uma mudança de posição em respeito ao tempo”. Orientados por uma Psicologia crítica (NARVAZ e KOLLER, 2006; AZERÊDO, 2013) que constrói o saber junto com seus pares, neste caso, nossas participantes, enaltecemos a experiência de dona Carlota: “*Simplicidade na vida! Se você não simplificar, você não constrói nada*”. Salientamos o quanto o simples pode ser complexo e nossa visão científica pode ser borrada por paradigmas que a inviabilizam de construir conhecimentos e saberes.

Continuamos com Carlota: “*Estava com meu neto e disse a ele que eu não tinha brinquedo comprado, fazia os brinquedos. Fiz um boizinho de chuchu que tentei mostrar para meu neto, mas para ele não fez sentido, ele viu apenas como chuchu mesmo*”. Silva (2014)

nos ajuda no diálogo entre gerações e destaca que na infância se inicia o respeito e cuidado pela velhice e pelas transmissões simbólicas entre gerações. Que façamos da simplicidade e da potência de Carlota um instrumento metodológico para as ciências.

As falas de nossas participantes, cada uma à sua maneira, nos possibilita a integração de fatores de toda uma genealogia da velhice. Assim como destacou Beauvoir (1990) somos todos privilegiados – pois poucas as mulheres que tiveram meios e tempo para dar um testemunho sobre si mesmas. Atribuímos à dinâmica grupal dos encontros um instrumento potente de descobertas e ressignificações do que é ser velha no contexto atual, bem como reverbera Correa, Justo e Rozendo (2013).

Mediante a diversidade de contextos e biografias, uma podia se espelhar ou se confrontar na imagem da outra. “Essa visualização opera-se por meio de uma imagem: tentamos representar quem somos através da visão que os outros tem de nós” (BEAUVOIR, 1990, p. 357). Como um espelho captando inúmeros reflexos e projetando imagens, a velhice das mulheres da oficina, Encontros com a Terceira Idade, representam “belas velhices”²⁶ construídas com incessantes vitórias e derrotas ultrapassadas.

Transpor barreiras concretas, simbólicas e temporais: respeitar o tempo do outro, as diferentes formações intelectuais, políticas e religiosas, o quanto há de vida na velhice, com desejos e sonhos, projetos de vida. O compartilhar suas trajetórias, as hesitações frente às mudanças e avanços sociais, falas por vezes emotivas e fragmentadas, esquecimentos e perdas, como a morte social com a aposentadoria, a condução da maestria do tempo com a busca de informações sobre seus direitos e também sobre o empoderamento feminino, as tênues e tão necessárias relações familiares e ainda nos atestaram a importância da Psicologia.

Contudo, essas foram as temáticas que as participantes elencaram como inesquecíveis no processo grupal. Desde a primeira oficina pudemos, juntos, compor uma definição de velhice, pois como já mencionamos, não estávamos de acordo com definições que aproximavam a velhice de doenças, solidão, morte e tantos outros aspectos que faziam desse conceito um insulto e como arqueólogos escavamos profundezas de nostalgias produzimos esperanças sob forma do conceito de velhices.

²⁶ Termo utilizado por Beauvoir (1990) para designar o belo enquanto uma possibilidade de uma vivência digna a velhice, reconhecendo-as enquanto sujeitos e assegurando-lhes direitos.

3.11 O grupo e sua construção particular do conceito de velhice.

Ao relembrar o trajeto trilhado pelo grupo nos questionamos, mostramos a ele, o quanto não poderíamos sucumbir ao desejo de um novo conceito fechado em si mesmo. Mas o grupo reuniu palavras e compuseram uma definição de velhice que para elas faziam sentido: “Velhos e velhas são homens e mulheres que possuem mais passado que futuro, ávidos em ensinar, aprender e trocar experiências, movidos pelo desejo de se manterem sujeitos de direitos e deveres”. Aqui sublinhamos o quanto este conceito também carrega em si a sexualidade empreendida neste trabalho, visto que, a sexualidade ainda é composta por experiências, trocas, aprendizagens, libido, vínculos, em diferentes idades na trama do tempo.

Ousamos complementar que este conceito está em permanente construção e desconstrução por cada um e cada uma em diferentes temporalidades e vozes verbais. Ele não se fecha, apenas se movimenta nos ritornos do tempo como a vitalidade de D. Carlota: “tenho 82 anos, criei 7 filhos, tenho medo, coragem, confiança, ainda sonho, acredito e luto”.

Escrever sobre a velhice foi um desafio. De um lado minha memória sorri e se alegra com a partilha do grupo e por outro lado me invade a impotência e indignação ao buscar informações do cotidiano da velhice brasileira e ela ser tão desrespeitada, enfrentando dificuldades em todos seus setores: saúde, economia, segurança, previdência, social e cultural. A escrita se fez enquanto uma atividade complexa ao relacionar essas duas realidades. Segundo Deleuze (1997) tal complexidade se torna fundamental para que a experiência seja fértil, tal qual o movimento da velhice, pois “o trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio, mas com a subjetividade do próprio meio” (DELEUZE, 1997, p. 73).

Neste interim Beauvoir (1990) nos expõe que a escrita é “uma atitude difícil” e nos exige doses de “vivas paixões e para sustentar-se por muito tempo, exige força”. (BEAUVOIR, 1990, p. 493). Impulsionados pelo movimento da vida, nossa escrita se concentra na vanguarda da militância por uma velhice que se movimenta de maneira livre e barulhenta, que seu movimento se direcione na quebra de paradigmas, vencendo barreiras concretas e simbólicas e que as transformações trazidas pelo contemporâneo protejam nossos velhos e velhas da conspiração do silêncio e de todas as formas de precarização da vida, evidenciando sua pluralidade e diversidade.

Entregamos na despedida uma flor a cada participante com um cartão que dizia: “Para cuidar de uma flor é preciso um encontro com quem lhe de água, encontro com a chuva, com o sol e acima de tudo um olhar atencioso de quem passa pelo jardim. Assim como essa flor,

ossos encontros foram regados de afetos, carinhos e cuidados, até que fosse construída a beleza do jardim - que é o vínculo e as vivências que compartilhamos até então... É com muito carinho que agradecemos também a participação de vocês e a potência que o grupo nos proporcionou, porque já dizia Vinicius de Moraes “viver é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida”. Um abraço e até breve!”. Assim nos despedimos com a certeza que continuaríamos procurando caminhos, possibilidades e muitos encontros com a velhice.

3.12 Refazendo trajetos: Do grupo à dupla.

Ao traçar caminhos para a execução de sua pesquisa a autora-pesquisadora faz um recorte de uma realidade e pressupõe o exercício de suas funções. Entretanto, nem sempre as vias planejadas estão abertas para circulação e trazer à cena tais empecilhos são vitais para que o narrador e o leitor construam juntos um cenário, um enredo em uma mesma sequência temporal.

Tendo em mente a vinculação com as participantes da pesquisa por meio das oficinas terapêuticas, audaciosamente presumi que assim conseguiria entrevistar todas as que frequentavam o grupo. Não consegui. Mas com essa negativa pude perceber que era preciso gerar a possibilidade do encontro de uma dupla e construir um “nós” enquanto unidade e não de um grupo como havia sido realizado.

Como após tanto tempo de entrega, ansiedade, estudos e sonhos não teria como realizar a pesquisa? Sou grata a cada negativa, pude neste tempo de mudanças²⁷ me desfazer de pressupostos, pensamentos, de controles, me encontrar e perceber que minha vontade era tamanha que amedrontava, que meu convite era um presságio que deveria seguir um rigor científico. Reencontrei com a pesquisadora que me habitava e que buscava ser – a que se comove, admira, entristece e com afetos brotaram espaços possíveis para os encontros.

As vivências nos Encontros com a Terceira Idade me permitiram a observação e a descoberta de uma velhice plural: com corpos que, caprichosamente, foram marcados pelo efeito do tempo e com experiências pessoais e narrativas tão bonitas que, soaram feito poesia, como a de Cristina uma das participantes: “*Quanta beleza existe em um corpo, o tempo é meu parceiro íntimo*”. Ou ainda como França²⁸ (2005) traz os efeitos do tempo:

As marcas que um corpo traz são formas de expressão de vida e, como ritornelos do

²⁷ Van Gogh descreve em uma carta o tempo de muda: “O que é a muda para os pássaros, a época em que trocam de plumagem, é a adversidade ou a infelicidade, os tempos difíceis, para nós, seres humanos. Uma pessoa pode ficar neste tempo de muda; também pode sair dele como que renovada”. (VAN GOGH, in MEZAN, 1998).

²⁸ Prefácio ao livro: TEIXEIRA FILHO, F. Do Estigma à exclusão. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

tempo, servem para sustentar um sentido, um abrigo diante das forças do caos; combinando materiais de expressão, as marcas desenvolvem paisagens territoriais para fixar um limite e traçar uma linha nas experimentações ilimitadas da vida (FRANÇA, 2005, s/p).

Desta maneira o corpo do pesquisador precisa estar a serviço de suas cartografias seja enquanto presença e também como simbolismo. PocaHY (2011) disserta sobre o discurso que esse corpo evoca:

Produzimo-nos como sujeitos reconhecidos socialmente não unicamente pela materialidade visível de nossos corpos, mas pelo traçado discursivo (enunciados discursivos) que ficionam o corpo como matéria de inteligibilidades engendradas em idade, aparência corporal, classe social, gênero e sexualidade. (POCAHY, 2011, p. 205).

E quanta intimidade seria necessária para falarmos sobre sexualidade? Não que possamos medi-la ou tampouco encurtá-la em um substantivo, mas mesmo após meses de encontros, defrontei com recusas veementes ao meu convite. Rilke (1903) traduz em palavras o que se fazia necessário, era preciso um “relicário de sentidos” que resgatasse a trajetória partilhada e então:

Tudo está em levar a termo e, depois, dar à luz. Deixar amadurecer inteiramente, no âmago de si, nas trevas do indizível e do inconsciente, do inacessível a seu próprio intelecto, cada impressão e cada germe de sentimento é aguardar com profunda humildade e paciência a hora do parto de uma nova claridade: só isso é viver artisticamente na compreensão e na criação (RILKE, 1903, s/p).

A sexualidade era muito clandestina para nossas participantes. Como falar de algo que durante tanto tempo lhes fora proibido, silenciado, podado.... Onde encontrar palavras para descrever o que se entendia como sexualidade, o que havia sentido? Ainda mais quando trazia lembranças indigestas de traumas, violências, dores e fraquezas. Como descrever algo que foi tão, secretamente, reprimido? Agora que era possível, quanto estava preparada para esse momento? Éramos espiadas pelo silêncio do desconhecido. O coração pensativo ruborizava algumas faces, como a minha e a de Conceição.

Da menina curiosa à mulher e seu amante, a temática da sexualidade (sob a ótica psicológica) me revelou continentes e destinos tão particulares e férteis que me comprovam o quanto envelhecer para as participantes é um ato revolucionário. Nesse sentido,

A Psicologia como movimento político-epistemológico deve nos conduzir a um compromisso ético. E isto inclui pensar as tramas discursivas que cercam a sexualidade e o gênero em suas interpelações geracionais, como as juventudes e as formas de envelhecer. Nós precisamos refletir muito e constantemente sobre o papel que exercemos como operadoras e operadores psi e que tipo de epistemologia do mundo estamos construindo ou reproduzindo, enquanto signatárias/os de um campo de saber produzido nas injunções modernas acionadas no dispositivo da sexualidade e de controle da vida. (POCAHY, 2011, p. 208).

À deriva busquei dispositivos, assim como o pai que constrói sua canoa e adentra o rio²⁹, lançando águas nas dificuldades. Recorro ao arcabouço dos vínculos que criamos. Percebi que, talvez, a minha ânsia em descobrir sobre a sexualidade de nossas velhas participantes precisava ser comedida (tanto que a densidade e complexidade das narrativas colhidas já anunciam a necessidade de uma sutileza para o encontro).

Despi-me de meus sentimentos, afetos e conhecimentos. Foi necessário calar minha voz, ficar de mãos vazias e com a mente nua para vivenciar cada encontro, e com cada um fui me vestindo e potencializando meu corpo para a entrega e a cada ressignificação que relembrar histórias passadas permitiam. Acredito que fui revestida por uma pele tão sensível e tão resistente que foi tatuada com o podar e o florescer da passagem do tempo.

Para além do que está registrado, essa experiência me parece estar sempre aquém das palavras. Mas se vale para contar que, após um intervalo do término do grupo, voltei com os convites e três integrantes aceitaram participar das entrevistas individuais, em que cada uma tem seu capítulo específico: Clarissa, Conceição e Cecília. Gostaria de destacar a importância do coletivo, nesse processo do trabalho, no qual cada supervisão e encontro com orientadores e alunos foram catalizadores de transformação – do desconhecido ao lançar-se e mergulhar em narrativas tão extraordinárias.

Que as narrativas aqui registradas suscitem em você, leitor e/ou leitora, o apreço pelas questões dos efeitos do tempo. E, artesanalmente, parto para a escrita com o olhar povoado de descobertas. “ (...) depois, procure como se fosse o primeiro homem, dizer o que vê, vive, ama e perde” (RILKE, 2001, p. 27).

²⁹ Em alusão à obra: A Terceira margem do Rio de Guimarães Rosa. (ROSA, G. Primeiras histórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1988).

4 CLARISSA³⁰: ENCONTRO COM UMA NARRATIVA DE VIOLÊNCIAS, VAZIOS, ESPERANÇAS E POESIAS.

*A voz das mulheres estava sob a terra,
vinha de caldeiras fundas onde só o diabo
e gente a arder tinham destino” (MÃE³¹, 2010, p. 11).*

Minha ânsia e angústia em apresentar a entrevistada e colaboradora dessa pesquisa, Clarissa, que tinha na data da entrevista 70 anos, vem da vontade, ou melhor, da necessidade de denunciar a violência doméstica que a acometeu durante muitos anos de sua vida. Não que esteja livre das formas de violências cotidianas, mas segundo a mesma: “*Estou livre do poder de um macho!*”. Havia um alívio e um prazer em suas palavras que seu olhar distante e frio se aquecia com um sorriso, caprichosamente, contornado por batom vermelho. Esse sorriso também continha a esperança de ter muitos anos de vida e muitas histórias de superação, busca de conhecimentos e realização de sonhos.

Woolf (2018) nos lembrou no início desse trabalho que a escrita para as mulheres foi um subterfúgio para aplacar suas dores, amores e questionamentos, bem como para Clarissa, que encontrava em músicas e leituras (as que eram possíveis e permitidas) uma forma de sublimar seu continente de violências. Hoje, na velhice, as elabora sob formas de poesias, como a que ela me presenteou um dia, entregue em um singelo e delicado pedaço de papel:

**“Para Camila:
que o frescor do seu sorriso
te acompanhe na tua
velhice”.**
(Clarissa, 2017)

Penso que ela via em mim um sorriso fresco, acho que daqueles que carregam uma fé, inexperiência e uma gratidão em trabalhar com velhos e velhas e, aprender a ressignificar a vida em cada acontecimento e em cada etapa da minha caminhada, seja profissional ou pessoal. Agradeço a cada tempo que dividimos, cada lágrima, cada encontro, cada sorriso - acompanhado de batom vermelho que desabrocha em esperança.

³⁰ Clarissa é um nome fictício, a fim de preservar a identidade de nossa participante, mesmo que ela tenha permitido sua identificação optamos por esse cuidado e em singela homenagem à Virginia Woolf e sua personagem de *Ao farol* (2017).

³¹ MÃE, V, H. O remorso de Baltazar Serapião, São Paulo: 34, 2010.

Ainda no campo cultural, o mundo artístico circense encanta multidões há tempos. Espaço artesanal destinado a levar alegrias do palhaço; aos limites da elasticidade e vigor dos corpos; da força e disciplina disseminando a cultura. O equilíbrio na corda bamba e as mágicas soam ao inacreditável. Assim como a trajetória de Clarissa, nascida no ambiente circense, que recorre à música e à poesia para elaborar suas dores e agradecer aos anos que lhe trouxeram possibilidades de vida, como a possibilidade de estudar, conhecer seus direitos e de falar sobre suas experiências. Ao romper com tantos silêncios se viu a sonhar com o futuro.

Expurgando tamanha dor nos leva a um mergulho nas profundezas de seu oceano de experiências. Após muito tempo submersas em águas turbulentas e lamacentas consegue emergir sua história, tal qual um movimento artístico circense e nos permite dividi-los com todos vocês.

E, com ela trouxemos as anotações do diário de campo, o relato literal de nosso encontro em que a narrativa está transcrita seguindo a temporalidade de sua memória. Optei por respeitar a cronologia por ela escolhida: começamos na velhice, vamos para infância, juventude, vida adulta e voltamos a velhice, em uma ciranda temporal produzida por conteúdos subjetivos. Também recorremos à literatura para nos amparar, metodologicamente e apresentamos alguns trechos do trabalho de Virginia Woolf (2017), como demarcação de temáticas tão intensas e singulares.

Respeitável público temos a honra de apresentar-lhes: Clarissa!

4.1 Clarissa e Camila.

Encontramo-nos na residência de Clarissa no dia 21/05/18. O local foi proposto por mim, especialmente por poder adentrar no mundo das imagens e dos conteúdos não verbais: como enfeites, cacarecos e fotografias. Provida da literatura de Bosi (1994) busco contaminar meu olhar em “enxergar as coisas nas proporções do passado” – bem como aconselhou a autora, e, ainda, enxergar os vestígios do cotidiano, das relações, em que pensamentos e histórias se concretizam em paredes, janelas e simbolismos como uma casa-corpo, com raízes, folhas e frutos que se desdobram e constituem significados ao longo da vida.

Já havíamos marcado por telefone. Há meses que a entrevistada tentava (sim, ela me ligava) marcar um horário, mas devido a problemas de saúde fomos prorrogando o encontro. Chegou em sua casa no horário marcado.

Com certa estranheza ao me receber na porta disse que eu não era a Camila. Falou que não me reconhecia, que se confundiu, pede desculpas e me convida para entrar. Estava muito

arrumada, realmente à espera. Clarissa está com um olhar triste e vago, “pois o mundo inteiro parecia ter se dissolvido, nesta primeira hora da manhã, numa poça de pensamento, numa bacia profunda de realidade” (WOOLF, 2017, p. 154).

Começa a me contar toda sua saga para conseguir fazer exames e marcar uma cirurgia de reparação no ombro que está com três ligamentos rompidos. Faz importantes denúncias sobre o atendimento a idosos pelo Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual (IAMSP) e toda a dificuldade de depender de um sistema de saúde como o dela.

Mesmo falando sobre os processos de sua cirurgia, traz--me elementos importantes sobre sua história familiar, como o vínculo com os irmãos, cunhada e filhos. Sua casa não a reflete. Não há sinais e vestígios de um cuidado com a casa. Ainda em construção, a casa é dividida entre paredes de madeira e concreto, sem cores, enfeites, em anunciação a sua trajetória.

Na sala onde a entrevista ocorreu havia sofás, a televisão e um quadro com escritos bíblicos. A parede em ruínas reforça o clima melancólico e, altamente, sofrido de sua narrativa. Apesar de ter ficado uma média de tempo considerável, nossa conversa foi difícil, pois o assunto da pesquisa mexeu de forma concreta com lembranças que estruturavam uma vida permeada por uma sexualidade cruelmente violenta, machista, moralista e que reverbera e aflora feridas que a passagem do tempo não cicatrizou, mas que formou e ressignificou sua subjetividade enquanto mulher.

Saio de lá com o corpo dolorido, questionando-me até onde poderia ter perguntado, investigado a serviço de uma pesquisa.... Como ir embora sem um acolhimento para mim e para ela? Saio também com um desejo latente de transformar sua narrativa como um baluarte para denúncias e dar visibilidade ao combate aos diferentes tipos de violência, atestando o quanto não importa a idade: seus efeitos se cristalizam ao efeito do tempo e se tornam vitalícios. A quem Clarissa falou? Quem a ouviu? Como viver 40 anos de uma liberdade aprisionada? Menina, mulher, senhora: narrativas indizíveis de uma mulher invisível.

4.2 Clarissa.

“Desde 17 (dezessete) de julho que não vou no grupo de Encontros com a Terceira Idade da UNATI, não dava pra ir, não consigo subir na circular. Faz um ano que eu caí, tive que ir para o hospital do Servidor. Fiquei 55 (cinquenta e cinco) dias pra lá agora. No ano passado não tinha médico...fui no médico aqui (em Assis) e o médico disse que não tinha nada e me mandou para a fisioterapia, mas estava me matando, com ela a dor era muito pior”.

Como estava mexendo em uma articulação rompida, questiono. *“Não, estou com três tendões rompidos e parei por minha conta e fiz ultrassom por minha conta, o médico disse é uma cirurgia grande, de risco e não faço, olha o tamanho da agressividade, respondo a ele: sei que o senhor não faz! Já estou sabendo! Falei e agora? Como sou pensionista liguei para o Hospital do Servidor, tenho cadastro lá e tudo, aí liguei mas para o ombro precisava ser especialista, outra agressão não tem vaga, só para dezembro ... estava em março! Liguei no IAMSP (Instituto de Assistência Médica ao Servidor Público Estadual) em outra cidade e consegui mais rápido pela Universidade de lá. Marquei e fui encaminhada para São Paulo. Depois de 3 (três) dias já fui agendada e fui para consulta com exames, foi confirmado a cirurgia e fui para os exames. Tinha a ressonância: outro direito violado, precisei pagar. Percorri a grande cidade para fazer os exames. Ia sozinha, percorro muito bem de metrô, durante minha vida andei muito por lá”.*

Por meio de nossa conversa sobre sua história de vida aproveito para explicar a pesquisa. *“Ah, me lembro sim!”*. Só gostaria de dizer que não há certo ou errado, o que gostaria de ouvir é um relato sobre sua vida tendo a sexualidade como foco de suas lembranças. Continuo com a explicação sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³² (TCLE) e pedi para que assinasse e o pedido foi atendido prontamente. Ainda reforcei que o nome não ia aparecer na entrevista como maneira de resguardá-la e ela exclamou: *“Mas pode aparecer, não tem problemas, não tenho nada para esconder, tenho cabeça aberta e sempre tive! Eu sempre fui muito presa durante 40 (quarenta) anos de minha vida, não podia abrir a boca para falar nada, então... desde os 19 (dezenove) até 59 (cinquenta e nove) anos que eu não falava nada, depois que eu sofri um acidente que cai de bicicleta, cai, me machuquei, tenho um ligamento cruzado do joelho, faz 14 (catorze) anos, que mudei minha cabeça, mudei não por que minha cabeça sempre foi evoluída. Não aceitei mais, nem que chegasse perto de mim”.*

Como ela havia trazido a questão do contato físico questionei o que ela entendia por sexualidade. *“Ah, sempre odiei, era um contato que nunca me trouxe prazer, por que era um ato forçado. Nunca representou algo natural, que todas as mulheres têm, procuram satisfazer, nunca senti nada, tive 5 (cinco) filhos e nunca senti nada, nunca senti nada (sua*

³² Esta pesquisa segue todos os padrões estabelecidos pelo Comitê de Ética da Unesp – Campus de Assis, por meio do CAE: 74708817.6.0000.5401

voz tinha agressividade tão necessária como uma denúncia). *Era tudo feito na marra, uma obrigação de esposa e eu cumpri meu papel perante a sociedade e a família, só Deus, não, acho que nem Deus, só eu mesmo sei a dor dessa obrigação*". Emociona-se e seu olhar fica ainda mais vago, as pernas trêmulas. O silêncio da voz faz barulho com o corpo. Seus olhos dançam expressando um espanto de uma confissão. Perguntei se gostaria de continuar, fez um gesto afirmativo com a cabeça. Esse momento me remeteu à seguinte passagem,

Nunca ninguém pareceu tão triste, amarga e sombria, a meio-caminho da descida, no escuro, no poço que ia da claridade do sol à escuridão das profundezas, uma lágrima se formava, talvez; uma lágrima escorria; as águas se mexeram, para um lado, para o outro, receberam-na, e voltaram ao repouso. Nunca ninguém pareceu tão triste. (WOOLF, 2017. p. 27).

Peço para que então me conte como era sua família, ainda com seus pais e irmãos, como a sexualidade era trabalhada ou não. *“Ah... eu sou mais velha de 9 (nove) irmãos, só tinha eu de mulher e depois 6 (seis) homens e quando fiz 15 (quinze) anos minha irmã nasceu, só eu e ela de mulher e depois ainda nasceu o caçula depois que eu já tinha 18 (dezoito) anos, no dia do meu aniversário. Só que toda a vida fui proibida de tudo, meu pai me proibia de tudo. É que eu tinha uma irmã só por parte de pai, meu pai era de circo e a mãe dela também era de circo, eram bem liberais com suas relações, bem hipócrita. Essa irmã veio morar com a gente, nas férias ela vinha, passava as férias em casa, minha mãe sabia, que já tinha essa filha aceitou, fazia roupa igual para nós duas, aí quando ela tinha 14 (catorze) anos, ela ficava mais com a mãe dela, tinha sete filhos cada um de um pai, morava em Pinheirinhos³³ – SP, e eu morava em São Lucas. Um dia ela veio de trem escondido com o namorado e já estava grávida com 14(catorze) anos por que a mãe não cuidou, ela morava com a mãe, ainda era uma criança, ela veio eu vi ela na esquina de casa conversando com um rapaz, aí contei pro meu pai, meu pai ainda não sabia nada, foi saber. Eu lembro até a roupa que ela estava porque foi uma coisa que me marcou minha vida, porque por causa dela perdi toda minha juventude, meu pai...já me proibia de todas as coisas, nada era permitido: mulher não podia pintar a unha, não podia passar batom, mulher não podia ser sócia de piscina por que ficava falada, era tudo isso sabe, mas não era uma forma de não descobrirem as coisas deles sabe, porque só tinha eu de mulher, meus irmãos sabiam, os homens podiam saber, eu fui saber as coisas do meu pai eu já tinha 19 (dezenove) anos”*.

Seu pai tinha como profissão ser artista circense? *“Sim, ele foi palhaço, mágico, depois que ele perdeu o braço ele fazia mágica com um braço só, quando tinha os comícios*

³³ Todos os nomes e localidades são fictícios.

ele sempre abria, ele era a favor de Jânio Quadros e a minha vó, mãe da minha mãe, era de Ademar de Barros, os dois tinham lados opostos. Era uma briga. Minha mãe era do teatro amador, tinha um centro espírita que era da minha bisavó que era um teatro lá, eu vim de um meio cultural por isso que eu gosto muito de música e poesia, tenho sobrinhos que tem banda, tem os que tocam instrumentos, então tem um casal de primos que são do circo, ela tem uma escolinha de circo”. Pergunto: e mesmo neste ambiente tendo contato com diferentes pessoas e culturas, interrompe-me: “mas fui criada pelo machismo, meu pai era: faço com a filha dos outros, mas não faça com a minha, o maior erro do mundo”.

Voltamos a sua irmã... “ela grávida com 14 (catorze) anos meu pai faz casar, eles combinaram de fugir. Neste dia eu tinha dentista, fazia um tratamento dentário para a gengiva (de piorreia) sangrava muito, estava marcado e ela ia me levar, fomos nos duas, ela foi beber água e não voltou mais. Fiquei umas 4 (quatro) horas sozinha. Volto pra minha casa. Era longe. Fui procurar na minha avó, minha avó disse: a Cassiane não apareceu aqui, aí foi aquele desespero”. Quantos anos a senhora tinha? “Tinha 10 (dez) anos. Ela não tinha 14 (catorze) ainda e meu pai que já era bravo, foi um rebuliço, me cobrou por que não falei nada mas ela disse que ia beber água, não sabia. O dentista não tinha chegado, fiquei lá fora esperando minha hora e eu tinha visto ela conversando na esquina, mas nem passava pela minha cabeça, aí quando vimos que ela fugiu e tinha que dar conta. Meu pai conhecia o chefe de trem e foi na estação que passaram um telegrama se tinha passado uma moça que estava com um rapaz. Ela estava com uma saia marrom de faïre de tafetá, uma blusinha branca tudo bordadinha com laise e tudo e sandalhinha branca. Passaram um telegrama para o meu pai que estava trabalhando em Iperó e daí ele volta com aquele desespero e com isso foi saber que um casal estava em um trem rumo ao interior. E de lá fez voltar e fizeram o casamento e com isso estragou a vida dela, por que o marido dela não valia nada também”.

E nessa época com a gravidez da sua irmã se falava sobre sexualidade na sua casa? “Imagina! Era só homem em casa, não se podia falar, era eu de mulher e minha mãe também não foi ensinada a falar, aliás quem podia falar? Até quando eu me casei tinha 19 (dezenove) anos e quando foi nascer meu primeiro filho, nossa quanto sofrimento, para mim cortava e costurava a barriga com linha de roupa, por que como meus irmãos nasceram em casa era só isso que a parteira usava era linha era para amarrar o umbigo mas nunca me explicaram e as roupas da minha mãe ensanguentadas era eu que lavava, mas nunca explicaram pra mim, ainda bem que graças à Deus meus filhos nasceram todos de parto normal e eu morava em outra cidade e avó do meu marido também era parteira e como era o primeiro já estava

passando da hora, mas também nem dava tempo de o médico e preencher a ficha ver já tinha nascido”.

Como já apontado, a maternidade era um destino intransponível (BADINTER, 1985). Quase um submundo guardado a sete chaves, produzindo fantasias e medos a qualquer jovem no contexto da sua narrativa. Junto com o sangue do parto lavou-se toda a possibilidade de acesso à educação e conhecimento sobre si, seu corpo e seus desejos.

E na sua juventude? *“Meu pai não deixava sair, ir no cinema, quando saía eu que levava meus irmãos, me perguntavam: são seus filhos ou seus irmãos? Tinha obrigação de cuidar, ainda minha mãe ficou doente uns 3 (três) anos e eu tinha que fazer tudo, era a única mulher, meu pai trabalhava, não me incomodo de fazer serviço, isso não, o bom é que se aprende e se ensina. Também gosto de cozinhar, assim como minha mãe e minha vó, então isso por trabalho não, mas por ser sempre privada, seja de ser privada de ir a uma formatura das amigas, do baile da formatura do colégio. Nunca pude ir”.*

E a senhora estudou? *“Que nada até a quarta série só, meu pai não deixou, mulher não era pra estudar. Tinha que aprender a costurar, com 14 (catorze) anos entrei no corte e costura, mas comecei a namorar meu vizinho, parede e meia com a minha casa, a mesma parede dividia as duas casas”.*

“Depois que sai aos 12 (doze) da escola foram 2 (dois) anos de luta de tanto insistir, para entrar na antiga Admissão e tudo o que aprendi eu sei até hoje: matemática, história, eu sempre gostei, então foi o que me ajudou depois com 64 anos que entrei no SESI e conclui meus estudos. Com 68 (sessenta e oito) anos já fiz vestibular para duas faculdades, passei, era uma coisa que sonhava, mas acabei só cuidando dos outros, porque queria ser enfermeira, aí meu pai me tirou do corte e costura quando soube que comecei a namorar pelo linguarudo do vizinho. Sabe. Daqueles que têm a língua maior que a boca. E, nessa época meu pai me tirou da escola me deixou só metade do ano e me tirou da Admissão”. Esse namorado foi seu esposo: *“Não! Esse foi o namorado que amei, amo até hoje, a gente se fala até hoje. A gente se encontrou depois de 40 (quarenta) anos também. O primeiro e o único”.* Só Woolf (2017) poderia dar conta da intensidade dessa lembrança.

Seus olhos, embaciados de emoção, desafiadores, com uma carga de intensidade trágica, encontrara os dele por um segundo, e tremularam, à beira do reconhecimento; mas, depois, levantando a mão, a meio caminho do rosto como que para evitar, para descartar, num paradoxismo de caprichosa vergonha, o olhar normal deles, como se lhes implorasse que suspendessem por um instante o que ele sabia ser inevitável, como se lhes remarcasse seu próprio ressentimento pueril pela interrupção, contudo, mesmo no instante da descoberta, ele não ia se deixar destroçar inteiramente, mas estava determinado a se aferrar a algo dessa deliciosa emoção, dessa rapsódia impura de que se envergonhava, mas com que se deleitava (...) (WOOLF, 2017, p. 25).

“Eu só casei para sair de casa, não podia ir pra lugar nenhum. Antes tivesse aguentado e ficado em casa. Aí sai da cadeia e fui pra penitenciária, fiquei reclusa por 40 (quarenta) anos. Com tantas privações, fui para meu primeiro emprego, era caixa em um açougue, a sorte de meu pai que comecei a trabalhar porque logo depois ele perdeu o braço e a ferrovia cortou alguns benefícios, nem pra pagar aluguel não tinha. Ele perdeu o trabalho na ferrovia e ficou 8 (oito) dias esperando no hospital, apodreceu e teve que cortar o braço, mas eu gostava muito de meu pai, mas ele tirou a pessoa que eu gostava. Fomos tirados um do outro por que ele era italiano e não tinha sido naturalizado brasileiro, com 17(dezessete) precisou embora. Lembro como se fosse hoje, o dia que começar a esquecer as coisas vai ser muito triste porque me alimento dessas lembranças, de toda uma vida eu lembro, desde os 3 (três) anos de idade. E trabalhando conheci meu marido, ele estava trabalhando no comboio que estava construindo a Castelo Branco e ele trabalhava e cada vez estava em uma cidade. A janela do hotel dava na porta do açougue. Isso em São Lucas, saí de lá com 19 (dezenove) anos e vim para o fim do mundo, morei com minha sogra em Maracá por dois anos e meio, aí vem morar nessa rua de cima e de lá estou ha 45 (quarenta e cinco) anos aqui”.

E mesmo casando com 19 (dezenove) anos a senhora não tinha conhecimento sobre sexualidade? *“Não, não tinha. Nem escutava falar, mas depois que me casei piorou”.* [fica muito emocionada, em silêncio]. (...) ela sentia, muitas vezes, que não passava de uma esponja encharcada de emoções humanas (WOOLF, 2017, p. 30).

“Logo que casei tive meu primeiro filho, era uma vida de obrigações, o marido nunca respeitou nada. O mais velho tem 50 (cinquenta) anos e o mais novo 41(quarenta e um), com 28 (vinte e oito) anos eu tinha 5 (cinco) filhos, em 9 (nove) anos tive 5 (cinco) filhos, tenho uma filha, ela é a quarta. É tanta tristeza... não sei o que é receber carinho de um homem, sempre com brutalidade, violência e depois que começou a beber conheci o inferno. (Fica muito emocionada). E eu sempre dentro de casa. Costurava, fazia esfirra, pão e paçoquinha pra vender, aí minha coluna já estava mal, tinha 3 (três) filhos de colo, costurava a noite quando eles dormiam. Olha a diferença de idade de meus filhos, olha como eu era respeitada: engravidei enquanto ainda sangrava do último parto, mulher não pode negar, não pode nada, não pode perguntar e muito menos sentir nada. É a continuação do meu pai”.

A senhora ficou viúva? *“Graças à Deus. Quando fiz 40 (quarenta) anos de casados. Dia 18 (dezoito) de maio agora faria 50 (cinquenta) anos. Dia 22 (vinte e dois) de maio, fui pra casa da minha mãe, meu irmão ainda morava lá. Mas teve uma vez que fui pra casa da minha mãe, surtei”.*

“Estava sempre cuidando da minha sogra, com 70 (setenta) anos caiu fraturou o fêmur, ficou toda torta, carregava ela no colo, dava banho, fazia comida, ela morava em Minas, ficava aqui e lá. Aí trouxe lá pra Assis”. Nesse momento fica confusa nas datas.

“Meu cunhado também cuidei até morrer, era esquizofrênico, morreu aos 40 (quarenta) anos, tinha que levar no médico psiquiatra. O irmão dele nunca deu um passo, ficou internado em Garça e fugiu, tinha muita culpa ao ver o estado dele. Ele pedia para sair, se não se matava. Depois de 15 (quinze) anos com o diagnóstico errado foi medicado e não deu mais trabalho. Consegui internação em Hortinho, eu que assinava tudo. A idiota que tinha que ir em dia de visita. Quando meu marido morreu estava em São Lucas. Pra pegar ônibus lá era difícil. Cheguei em Assis ele morreu, estava no ônibus, até escutei ele me chamar”. “Tinha trabalhado como faxineira, comprei minha passagem e fui para rodoviária de taxi, tudo com meu dinheiro. Quando fui pra São Lucas ele disse que estava abandonando minha casa, disse que aquela casa nunca foi minha. Se ficasse ia enlouquecer. Meu marido não cuidei não. Sonhei que ele ia morrer. Fui antes que eu enlouqueça (sic). Cuidei de todo mundo, pra quem sonhava em ser enfermeira, fui sem querer ser, sem escolhas. Todos que precisam de mim eu cuido; disso não reclamo, mas o sofrimento de vegetar, eu vegetei durante 40 (quarenta) anos, eu não tinha alegrias, se me ver nas fotos não se vê alegria, parece aqueles olhos daquelas pessoas que está distante... minhas fotos eram desse jeito”.

Já que estamos na vida adulta, como foi o contato com seus filhos? *“Com eles consegui ter uma mente aberta sem interdições, mas tudo longe do pai, tentei que com meus filhos fosse diferente, mas as escolhas deles, são deles. Com minha filha principalmente, mas os vínculos são frágeis. Sempre ajudei meus filhos com meus netos. Mas vou operar e vou ficar na casa da minha cunhada, tenho contato com toda a família. Ela é sozinha, solteirona, cheia de manias, mas vai me hospedar durante a cirurgia e depois na recuperação. Acho que ela é grata por ter cuidado da mãe dela, tenho meus irmãos, mas eles são de uma cidade próxima a São Pedro, trabalham tudo fica difícil”.*

Retomo perguntando sobre a sexualidade na velhice, ela me diz: *“que tem sensação de liberdade, mas também de concretização de que acabou, fiquei fechada pra isso, porque só queria se fosse com o italiano. Não suporto o contato, não suporto que coloquem a mão em mim. Com o italiano poderia até sofrer, mas seria uma escolha minha... [emociona-se]. Ele está na Itália, está doente, faz 13 anos desde o último encontro. Minha esperança ainda era ficar com ele. Ele tem 71 (setenta e um) anos. Pra mim sexualidade tem que ter amor”. Mas com a viuvez veio uma liberdade, uma autonomia e até alguns prazeres, como a escrita, a*

poesia... *“ah sim, saio com minhas amigas, vou a bailes, tudo tem que ter respeito”*. Neste sentido o questionamento de Woolf (2017) faz todo sentido.

Qual é o significado da vida? Isso era tudo – uma questão simples; uma questão que tendia a nos envolver mais com o passar dos anos. A grande revelação nunca chegara. A grande revelação talvez nunca chegasse. Em vez disso, havia pequenos milagres cotidianos, iluminações, fósforos inesperadamente riscados na escuridão; aqui estava um deles. (WOOLF, 2017, p. 139)

“Mas não danço, não aceito ninguém por a mão em mim. Quem colocou, agrediu. Desde os 17 anos (15 de março de 1965) não desejei que relassem em mim, fechei meu coração... Era violento, como sofri, tinha nojo, chorava a noite inteira. Hoje eu sei, antes não sabia, era estupro... fazer contra sua vontade, na marra, bêbado, só Deus sabe... são escolhas que a gente faz e que sente agora na velhice, aliás a vida toda né... A vida cobrou muito caro de mim... [suspira profundamente...] mas tá bom, quando saí de casa ele dizia que eu precisava de tratamento psiquiátrico, só mulher vazia e louca que saía de casa, ia ficar louca mesmo. Minha sogra dizia que eu não tinha direito a pensão dele, por que não tive paciência, cuidei dela 3 anos depois de falar isso. Ela morreu no dia do meu aniversário, olha que marcante”.

Clarissa está exausta, pronunciar cada palavra trouxe à tona muitas sensações. Em respeito ao momento, sua história e sua visível afetação, mudo de assunto falando que conquistou o poder estudar e adquirir conhecimentos... com um suspiro profundo, exclama sorrindo: *“Ah é minha neta se orgulha da avó, diz que é sabida... Meus filhos, só 2 estudaram e os outros não quiseram, escolhas deles. Sofreram muito com o pai. Não podiam brincar, viram muita dor. Sempre cuidei sozinha... pré-escola, vacina. Gosto muito de crianças, amo meus netos. Transmito minha infância e as brincadeiras pra eles, sempre prezo pelo lúdico. Única felicidade vinha dos filhos, meus tesouros. Sempre ensinei o respeito a pessoas mais velhas. Acompanhei minha neta no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), fizemos juntas, ela amou. Esse orgulho nutre. Mas estou cansada, meu braço dói. Mas a cada dia a gente aprende, por isso sempre gostei dos encontros do grupo, é muito importante trocar experiências, aprendia muito lá, não tenho problemas de falar, tem gente mais reservada. Minha vida tem datas marcadas pela tristeza, mas não choro mais, aquele fardo pesado já aliviou...”*. Mas conseguiu sublimar na poesia... *“Sim, na arte... com poesia, música, livros, vou me inspirando e eles vão me ajudando”*. O olhar estranho de Clarissa se desfez, a minha face se tornou familiar e as lembranças desabrocharam, encerro nossa entrevista desejando muita saúde e externalizando muita gratidão por tantas memórias.

4.3 Clarissa, Camila e os diálogos possíveis entre temporalidades, sociedade, cultura e ciências.

A violência é conceito polissêmico e está presente em toda a história da Humanidade. À medida que o indivíduo se constituiu e se desenvolveu coletivamente foram utilizados meios e instrumentos de organização através do controle de seus participantes e do meio natural, justificando o uso da violência para a sobrevivência – como a caça. A dominação da natureza pelo homem, tanto para exploração como defesa, é um dos vieses para entendimento de dominação de territórios e a geração de conflitos (ARENDR, 2009).

A violência social é uma das formas mais antigas de sua polissemia. Com a separação entre classes sociais e a criação de conjuntos de leis segregadoras, a desigualdade aparece como sendo um estopim de violências desde a Antiguidade Clássica. Escravidão, genocídios, punições sangrentas em praças públicas: a violência se tornou um espetáculo desde período feudal, com o respaldo de juízo sob proteção do Estado e da Igreja. O lucro, mais valia e o poder movem as engrenagens da violência no sistema capitalista. Antes justificada como autodefesa passa a ser instrumento de organização coletiva. Eis a supressão do homem pelo homem (ARENDR, 2009).

Através dos registros históricos, sabe-se que a grande maioria das ações desvavradoras foram praticadas por homens. Por tempos isso foi explicado devido à constituição física e biológica de seus corpos, como maior força e inteligência em relação às mulheres, Para Saffioti (1987, p. 11), “a história oficial pouco ou nada registra da ação feminina no devir histórico e isso não se passa apenas com mulheres. Ocorre com outras categorias sociais discriminadas, negros, índios, homossexuais”.

A hostilidade sob forma de discriminação atravessa os calendários e neste trabalho se apresenta como fenômeno de violência narrado por uma mulher idosa, no contexto brasileiro. Seguindo a sequência temporal de sua história, a primeira denúncia é a relação entre médico e paciente e as lacunas e desrespeito da Saúde no Brasil com os idosos e idosas. No mínimo contraditório, tal prática desrespeita além de pacientes as premissas instituídas pelo Ministério da Saúde em suas próprias leis que regem a Política Nacional de Humanização (HumanizaSUS). Esta consiste³⁴ em:

A humanização é a valorização dos usuários, trabalhadores e gestores no processo de produção de saúde. Valorizar os sujeitos é oportunizar uma maior autonomia, a

³⁴ Dados obtidos em consulta ao site: <http://www.saude.gov.br/saude-de-a-z/projeto-lean-nas-emergencias/693-aco-es-e-programas/40038-humanizasus>. Acesso em: 03 de agosto de 2019.

ampliação da sua capacidade de transformar a realidade em que vivem, através da responsabilidade compartilhada, da criação de vínculos solidários, da participação coletiva nos processos de gestão e de produção de saúde. (SAÚDE, 2003, s/p).

É fato que o programa estabelece padrões continentais ao relacionamento da equipe e seus usuários, contudo, Clarissa denuncia a distância entre a prescrição e a atuação médica prestada. A agressividade na fala do médico se tornou um sintoma. Por sorte é uma detentora de seus direitos e conseguiu por vias próprias ter acesso a um benefício que já lhe era adquirido.

Neste sentido acreditamos que um dos papéis possíveis do profissional de psicologia em saúde pública consiste no seu caráter político, justamente ao ouvir tais queixas (nos prontos atendimentos, por exemplo), informar os usuários de seus direitos e deveres e conduzi-las de modo que as necessidades sejam atendidas em sua totalidade. Para isso precisam estar atentos à dinâmica dos processos subjetivos e sociais, em que se encontram, na interpelação e na multiplicidade de fatores que são, relacionais, científicos, organizacionais, políticos, micro e macroestruturais.

A transformação da velhice em questão social e não como um problema social é um dos avanços necessários para a situação de violência enfrentados, entretanto como apresenta Britto da Motta (2014) precisamos ir além.

A violência contra o segmento social idoso é expressão direta das relações de poder entre as gerações, imersas em um contexto forte de relações de gênero. Mas não se costuma discuti-la assim. Como já referido, nem no âmbito geral da teoria sociológica, nem no âmbito teórico/político da discussão feminista. (Britto da Motta, 2010) - certamente não por coincidência, duas dimensões temáticas de análise que via de regra não alcançam as relações entre as gerações. (BRITTO DA MOTTA, 2014, p. 484-485).

As frases iniciais de Clarissa nos apresenta espiral de violências, como a violência psicológica a que ela ficou submetida por anos. Descrita como grave violação aos direitos humanos e considerada crime no sistema legislativo brasileiro, esse tipo de violência deixa sequelas profundas no corpo, tanto físico quanto psíquico, um espiral de violências, como a violência psicológica e sua prisão de anos. A lei Maria da Penha³⁵ define:

A violência psicológica [é] entendida como qualquer conduta que lhe cause [à mulher] dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz,

³⁵ Esta definição pode ser consultada no endereço eletrônico: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/496319/000925795.pdf>. Acesso em 03 de Agosto de 2019.

insulto, chantagem, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação” (LEI MARIA DA PENHA, 2011).

Conhecer o significado de sexualidade para Clarissa nos levou às funções da memória coletiva e de algumas formas de violência psicológica, quando consideramos os contextos sociais reais, como recomendou Halbwachs (2003) e ainda como nos descreveu a participante: *“lembro como se fosse hoje, o dia em que começar a esquecer as coisas será muito triste, me alimento de algumas lembranças”*. A especificidade da violência de gênero está ligada, diretamente, às narrativas do ambiente doméstico e/ou familiar e nos levam à análise das relações entre seus membros. Dos rococós do vestido de sua irmã que sacudiu as regras e se lançou “às aventuras do amor”, selando seu destino no contexto político da época, a participante a elege como exemplo de fatores, que são enozados em sua subjetividade, com atores familiares, sociais e culturais – subjetiva e coletivamente. O conhecimento precedeu da dor.

Consciente de sua história, nossa participante entoa suas memórias que interagem com o campo da sexualidade com uma representante de todo um processo que engendrou sua subjetividade com obediências e gritos de liberdade. Mediante suas narrativas buscamos dados e reflexões acerca da violência de gênero, em especial, a violência sexual. A violência de gênero é conceituada como:

Todo ato de violência de gênero que resulte em, ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico da mulher, incluindo a ameaça de tais atos, a coerção ou a privação arbitrária da liberdade, tanto na vida pública como na vida privada” (OPS, 1994, p. 3)³⁶.

Nas palavras de Clarissa as violências vividas ocorreram ainda no início de seu casamento. Porém, não podemos deixar de mencionar que sua condição familiar, enquanto filha já era violada pelas relações desiguais, ou seja, as violências se repetiram na trama do tempo. Em suas palavras: *“fui criada pelo machismo”*. As relações familiares descritas apontam para a assimetria entre os papéis sociais atribuídos entre homens e mulheres. O pai é figura central no estabelecimento e cumprimento de regras, como Clarissa pontua. Educa seus filhos com pressupostos machistas, ou seja, com permissões e proibições de acordo com o sexo, sua identidade social na infância é conduzida pelas diferenças entre si e seus irmãos, que detinham o privilégio de conhecer as histórias antepassadas de seus pais.

³⁶ Heise L, Pitanguy J, Germain A. Violencia contra la mujer: la carga oculta sobre la salud. Washington DC: Organización Panamericana de la Salud/ Organización Mundial de la Salud; 1994.

Quantas de nós temos em nossa família histórias de discriminação contra mulheres e outras categorias? Lembro-me de muitas vezes ouvir com pesar de familiares: “cumpri minha sina”. A naturalização de um destino programado comprova que uma suposta superioridade masculina se reproduz no tempo. Histórica e ideologicamente construída, a subordinação feminina foi conceituada por muitos filósofos e escritores ao longo dos séculos, como Diderot, Montesquieu, Rousseau, etc.

O acesso à educação e ambientes que me permitiram a reflexão, através do conhecimento de estudos feministas, de um contexto histórico e social me possibilitam refletir sobre o quanto essas relações são, culturalmente, contemporâneas e, lamentavelmente, comprovadas por pesquisas científicas e demográficas. No campo científico encontramos expoentes da literatura sobre a constituição de subjetividades de homens e mulheres, como a Heleieth Saffioti, que vinculava a mulher como trabalhadora na sociedade de classes

A produção capitalista alija as condições de trabalho, em especial, para mulheres e também afirma que a leitura de uma sociedade só pode ser feita mediante as contradições existentes entre capital e trabalho, são relações entre gêneros e entre as diferentes raças e etnias. (SAFFIOTI, 1979). A autora em seus estudos sobre violência postula que o espaço doméstico é feminino, de um trabalho não visto e não remunerado.

“Mulher não era pra estudar”. O casamento era um organizador da obrigação do exercício da sexualidade, o espaço doméstico seu exercício de poder. Regulado por leis que eram destinadas ao casal que legislava sobre o débito conjugal, contudo sua obrigação recaía sobre as mulheres, ou seja eram obrigadas a satisfação sexual de seu marido independente de seu consentir, isto é, o estupro era, legalmente, civilizado pelo Código Civil (criado em 1917 e validado até 2013).

A objetificação sexual é o processo primário de sujeição das mulheres, segundo Mackinnon (1979), que nos afirma que o controle da sexualidade é um recurso histórico de análise de subjetividade de mulheres no Brasil e no mundo, tendo sua origem nas sociedades de tradição patriarcal. Assim configurou mediante a história uma “violência invisível”, em que podemos descrever como aquela, cujos elementos incorporam-se à cultura, com tamanha destreza e normalidade que se perde a percepção de sua existência, banalizando-a. E na banalização encontramos a matriz das diferentes formas violências contra a mulher. Segundo Arendt (2009), seus desdobramentos são, incontrolavelmente, impetuosos, destruindo todos os meios de sobrevivência. Neste sentido encontramos-nos com a questão política da violência que afeta grupos sociais, instalando-se no vazio de pensamentos e reflexões.

Como apontam os dados estatísticos apresentados pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada³⁷(IPEA, 2019), os maiores índices indicam a prevalência da violência doméstica, que é praticada entre os membros que habitam em um ambiente familiar comum, entre pessoas com laços de sangue (como pais e filhos), unidas de forma civil ou por afinidade (como marido e esposa, pai e filha, namorado e namorada, e relações entre homossexuais). Ainda cabe neste conceito a violência intrafamiliar que vai além dos limites do domicílio, como parentes que não residem no local e funcionários e funcionárias. Como aponta Saffioti (1999, P. 83), “o processo de territorialização do domínio não é puramente geográfico, mas também simbólico”.

A violência de gênero ganhou visibilidade social com a Lei Maria da Penha, o que torna oportuno a discussão de gramáticas sexuais, como menciona Saffioti (1987). A violência é um fenômeno sexuado e pode ocorrer entre mulheres e entre homens, mas em uma cultura falocêntrica que tolera, socialmente, comportamentos violentos não é demais lembrar tais possibilidades. A autora reflete, ainda que, o conceito de gênero precisa ser entendido enquanto modelador de subjetividade de homens e mulheres, em seu caráter histórico e analítico e, como sugere Lauretis³⁸ (1987), como aparelho semiótico e enquanto símbolos culturais formadores de identidades como define Scott (1988).

Com a categorização da violência doméstica houve uma tentativa de rompimento com a visão patriarcal de família, como um modelo, com a exposição de seus componentes como agentes da violência. Essa transformação debatida e difundida por movimentos feministas (como o slogan: “Em briga de marido e mulher se mete a colher) trouxeram visibilidade para a violência familiar como um assunto de toda a sociedade, quebrando as barreiras e muros domésticos.

As maiores ocorrências são como a narrativa de Clarissa, em que o parceiro condiciona o relacionamento violentamente às suas ordens, desejos e prazeres, causando marcas e cicatrizes físicas, psíquicas, simbólicas e sociais. Neste sentido podemos subdividi-la em agressões de natureza física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Cabe ressaltar que também é considerada violência doméstica o abuso sexual de uma criança e maus tratos em relação a idosos.

³⁷http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=1226&Itemid=68

³⁸ Teresa de Lauretis (1987) entende gênero como: “gênero não representa um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras representa um indivíduo por meio de uma classe” (LAURETIS, 1987, p. 211). Tal relação abarca a representação de questões culturais, econômicas, políticas, valores e hierarquias.

Há estudos que indicam uma invisibilidade das violências praticadas em âmbito privado no Brasil. Invisibilidade ocorre quando um indivíduo ou um fenômeno que não pode ser visto a olho nu, ou seja, não há luz sobre o objeto para que possa refletir-se ou existir. Berger e Giffin (2005) nos atentam para a invisibilidade contida nas relações conjugais e ainda em ambientes públicos, como o feminicídio. Entendemos e concordamos com as colocações das autoras e nos perguntamos: o que faz com que tais crimes sejam invisibilizados?

Em 2017 foi divulgada a pesquisa³⁹ “Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil”, realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e Instituto Datafolha, que contém dados muito importantes a serem analisados, inclusive sob a óptica dos grupos geracionais. A pesquisa foi novamente aplicada e a segunda edição de seus dados foram divulgados em 2019⁴⁰, nos mesmos moldes da anterior. Como algumas questões são apresentadas na primeira versão e não divulgadas na segunda apresentamos, resumidamente, as duas edições.

(...) as baterias de vitimização indicam que, de modo geral, não houve redução na vitimização sofrida no período. Dito de outro modo, quando questionadas sobre experiências de assédio e violências física e psicológica sofridas ao longo do último ano, a proporção de mulheres vitimadas nas pesquisas de 2017 e 2019 se manteve estável, 28,6% e 27,4% respectivamente. (BUENO & LIMA, 2019, p. 6).

Seus dados apontam que 27,4% das mulheres entrevistadas, com 16 anos ou mais, disseram ter sofrido algum tipo de violência (verbal, física ou psicológica) nos 12 meses anteriores à entrevista, ou seja, no ano de 2018. A pesquisa também traz um dado inédito que nos faz pensar sobre urgência de medidas a serem tomadas: 59% da população presenciou uma mulher sendo agredida física ou verbalmente no último ano. Gostaríamos de utilizar a comparação entre os anos: em 2017 essa percepção era de 66%, contudo os números gerais de violências sofridas não reduziram. O que nos faz questionar: a violência está mais banalizada em nosso cotidiano a ponto de não nos surpreendermos? Contemporaneamente, estamos dentro de um paradoxo: quanto mais conhecemos (e sentimos) as faces múltiplas de violências, menos efetivamos medidas para suprimi-las.

³⁹A pesquisa está na íntegra no endereço eletrônico: <http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>. Acesso em: 02 de agosto de 2019.

⁴⁰<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2019/02/relatorio-pesquisa-2019-v6.pdf>.

De acordo com o Relógio da violência⁴¹ 536 mulheres foram vítimas de agressão física a cada hora (4,7 milhões no ano) em 2018. A cada 9 minutos uma mulher é violentada, sexualmente e a cada 3 horas uma mulher é mantida em cárcere privado. As mulheres de classe C são as mais vitimadas tanto em 2017 como em 2019. As regiões Sudeste seguida da região Centro-Oeste, ambas com 29,8% são as mais violentas. Os dados sobre etnia indicam que 24,7 % são brancas; 27,5% são pardas; 28,4 % são negras.

Segundo Loponte (2000), há uma pedagogia do desejo em que mulheres são expoentes de hierarquias raciais, etárias e tipos de corpos a serem desejados, como nos apontam os dados estatísticos. Os corpos negros são hipersexualizados e alvos de maiores índices de violência. A carne mais barata do mercado é a carne negra, como cantou Elza Soares.

As mulheres jovens relatam maiores níveis de vitimização: 42,6 % de 16 a 24 anos afirmam ter sofrido violência nos últimos 12 meses; 33,5 % de 25 a 34 anos; 27,1 % de 35 a 44 anos; 17,8 % de 45 a 59 anos; 13,6 % de 60 anos ou mais. As solteiras e divorciadas são mais vitimadas do que as casadas. Neste quesito, podemos presumir o quanto a violência doméstica não é denunciada, visto que esta é uma das mais praticadas. Uma importante ressalva se encontra na subnotificação e subrelação pelas mulheres por inúmeras razões, como a vergonha, culpa e medo de uma nova violência, dependência financeira e emocional do agressor.

Das mulheres entrevistadas pela pesquisa de 2018, 66,1% relataram que já sofreram algum tipo de assédio no último ano. As que apresentam maior índice de vitimização são as mais jovens (16 a 24 anos); 53,99% de 25 a 34 anos; 32,5 % de 35 a 44 anos; 40,6% de 45 a 59 anos; 7,2% com 60 anos ou mais.

Os assédios são exemplos de amplitude e intensidade dos custos da violência exercida contra as mulheres, bem como as implicações sociais e individuais resultantes, como a quebra das redes sociais e interpessoais, absentismo escolar, dificuldades na conquista de promoções, dificuldades em arranjar emprego, desligamentos, assim como despesas variadas com a saúde física e psicológica. Alguns põem em risco a vida dessas mulheres e ainda relacionamos o quanto a violência contra a mulher ainda é um assunto intergeracional, integrando implicações futuras por meio das novas gerações.

Como apontado verifica-se que a maioria os agressores são pessoas conhecidas da vítima (76,4%), houve um aumento de 25% em relação à pesquisa realizada em 2016, quando 61,2% das mulheres disseram conhecer o agressor. Dentre os conhecidos, 23,8 % são

⁴¹ Neste dado incluímos dados do Mapa da Violência contra a mulher de 2018. https://pt.org.br/wp-content/uploads/2019/02/mapa-da-violencia_pagina-cmulher-compactado.pdf

cônjuge/companheiro/namorado (aumento de 23%) e 15,2% ex-cônjuge/ex-companheiro/ex-namorado, aos quais seguem familiares, como irmãos (as), pais/ mães, e pessoas próximas, como amigos (as) e 21,1% são vizinhos (as).

O local da agressão (2018), a casa responde por 42% dos casos seguida pela rua, com 29% (com uma queda de 10% em comparação a pesquisa anterior). Outros ambientes públicos, como local de trabalho e bar/balada, respondem por 3% cada, e o trabalho escola/faculdade, por 8%. A pesquisa identificou ainda a internet (rede social, aplicativo, celular) como meio da agressão para 8% dos casos, neste quesito houve um considerado aumento em comparação a 2017, cujos os dados eram de 1, 2%.

Das entrevistadas que reconheceram ter sofrido algum tipo de violência, 52% afirmam não ter feito nada após o episódio (os dados publicados são os mesmos tanto em 2017 como em 2019), 15% procuraram ajuda da família; 10,3% procuraram uma delegacia da mulher; 8% disseram ter procurado uma delegacia comum; 5,5 % ligaram para 190. As buscas por órgãos oficiais não mudaram. Mulheres com maior grau de escolarização são as que menos procuram algum tipo de ajuda após a situação de violência: 58,6 % do ensino superior; 50,7 % do ensino médio e 47,2 do ensino fundamental.

Traduzido em números a situação da violência vivida pelas mulheres e as formas pelas quais, nós, como sociedade, enfrentamos ou invisibilizamos essa questão. Como mulher, posso dizer em consonância com a pesquisa e com Castañeda (2006) que vivenciamos, experienciamos e formamos tais situações comprovadas numericamente. Nós, mulheres, de diferentes maneiras conhecemos e sentimos no cotidiano o que as estatísticas comprovam, mas que em sua maioria não denunciemos e, de certa forma, contribuimos para seja imperceptível.

Portanto, o silêncio é cúmplice da violência. Nosso trabalho, assim como propõe Hanna Arendt (2009), acredita que é por meio das palavras que as experiências humanas possuem sentido, e este, torna possível a construção de nossa vida e atuação no mundo. Nas palavras da autora citada, “a violência é muda, silencia a troca de opiniões e é usada como meios para obter determinados fins a fora. O uso da violência é intrinsecamente imprevisível e perigoso, por que jamais garante o resultado adequado” (ARENDRT, 2009, p. 177).

Com toda essa avalanche de dados (assustadores) podemos afirmar que as cartas estão todas na mesa. Já ultrapassamos a questão de não intervir por não conhecer a realidade. Assim como a ação do tempo, acreditamos que podemos somar conhecimentos com as multidisciplinas e com um trabalho em coletivo de informação, levando narrativas como a de Clarissa como forma de possibilitar um rompimento no ciclo de violências na sociedade.

Voltando a sua narrativa, Clarissa elege sua irmã como expoente de como uma organização familiar conduz a sexualidade de seus membros. Ela ainda na infância “nem imagina” por quais motivos sua irmã fugiu e quando sua memória busca os registros, eles são trazidos com uma riqueza de detalhes que nos fazem enaltecer o quanto as dimensões temporais subjetivas obedecem a sua própria sequência, emoldurando com imagens, sons, cores a história de uma vida, uma família e uma sociedade.

“Nunca senti nada (...) era uma obrigação de esposa e eu cumpri meu papel perante a sociedade e a família, só Deus, acho que nem Deus, só eu mesmo sei a dor dessa obrigação”. O estupro dentro do casamento, ou, estupro marital, ainda é um fator invisibilizado na sociedade brasileira. Mesmo após a promulgação da Constituição de 1988, garantindo a inviolabilidade de direitos e a igualdade de gênero, ainda há uma socialização de uma cultura de hipervirilidade masculina. Comportamentos ríspidos, sexualidade precoce e intensa, considerados insaciáveis ao prazer e não dominantes a seus impulsos sexuais. Atualmente, encontramos a temática da Cultura do estupro, e esta, diz respeito a como se constrói e reproduz o desejo hegemônico que perpetua e naturaliza o abuso de mulheres e meninas. Segundo Engel (2017):

Trata-se, em termos gerais, do compartilhamento de valores, crenças e práticas sobre os papéis de gênero e sobre as interações sexuais que não só permite como também estrutura relações desiguais nas quais o interesse sexual ativo deve conquistar e submeter o objeto de desejo. (ENGEL, 2017, p. 11).

Segundo Saffioti (1987) e Castañeda (2006) tanto homens como mulheres são participantes de um coletivo que compartilha práticas de machismo, presentes em diferentes classes e etnias, em que ambos são castrados no processo de humanização e democratização. Um dos pontos mais discutidos na cultura do estupro é que quando esse crime se torna visível procura-se uma justificativa para tal ato, como o descrédito das denúncias, fazendo que as vítimas sejam culpadas. As estatísticas nos comprovam o quanto o estupro violenta todo um universo simbólico e se concretiza em uma cultura medonha.

Os crimes sexuais recebem várias denominações e, com eles, temos problemas de conceituação que não englobam todos os aspectos envolvidos como: o psicológico, físico, jurídico e o ético (DREZETT, 2001). O estupro é um crime definido como qualquer conduta, com emprego de violência ou grave ameaça, que atente contra a dignidade e a liberdade sexual de alguém. O elemento mais importante é a ausência de consentimento da vítima. Hoje estamos diante de uma fragilização da linha que separa o consentimento e a negação, isso quando a pessoa se entende como vítima. Trago novamente as palavras de Clarissa, pois são a representação de uma dor hemorrágica, impossível de não me sensibilizar: *“engravidar*

enquanto ainda sangrava do último parto, mulher não pode negar, não pode nada, não pode perguntar e muito menos sentir nada”.

De acordo com o Mapa da Violência contra a Mulher (2018) foi reportado na mídia no Brasil 32.916 casos de estupro entre os meses de janeiro e novembro de 2018. Esse crime⁴² pode ter três variações: a primeira delas sendo o estupro comum, cometido por um único autor, presencialmente, contra uma ou mais vítimas. Foram registrados 29.430 casos desse estupro nas notícias veiculadas pela mídia brasileira neste ano.

A segunda variação é o estupro coletivo cometido por dois ou mais indivíduos contra uma ou mais vítimas de forma presencial. Segundo o informativo entre janeiro e novembro de 2018, foram identificados 3.349 casos de estupro coletivo no Brasil. E a terceira variação é a mais recente, que consiste estupro no ambiente virtual. Contudo, mesmo a distância não difere da noção de relação sexual abusiva. Como exemplo temos ameaças de expor imagens e conversas íntimas, caso não atenda às chantagens libidinosas do criminoso. Em 2018, foram reportados 137 casos de estupro virtual na imprensa.

Os dados estatísticos sobre o estupro nos dão um panorama da espantosa realidade brasileira: meninas (com menos de 14 anos) são as mais vitimadas com 43%; entre 15 e 18 anos: 18%; entre 18 e 59 anos: 35% e com mais de 60 anos: 4%. Novamente comprovamos o quanto a violência é doméstica e com laços de parentesco ou confiança: 49,8% o criminoso era companheiro ou parente da vítima; 31,2% desconhecidos; 15,3% conhecidos da família; 3,7% vizinhos. Ou seja, quanto maior a proximidade e quanto menor a idade da vítima são maiores as chances de haver um estupro. Os estados brasileiros mais violentos são: São Paulo (16,1%); Mato Grosso (10,2%); Rio de Janeiro (6,1); Alagoas (5,8%). Tais dados desmitificam uma possível relação entre violência e pobreza, com a liderança no ranking, o estado mais desenvolvido do país.

Com a pesquisa e transcrição desses dados nos perguntamos quais mecanismos engendrados, culturalmente, em nossa sociedade para que números tão expressivos e impactantes se tornassem invisíveis. Clarissa já nos tinha feito a denúncia, coube a nós torná-la visível e audível. Ao registrar o contemporâneo violento para as mulheres tentamos com

⁴² Segundo a definição do código penal brasileiro (artigo 213 na redação dada pela Lei nº 12.015, de 2009): “constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”. Sua punição abrange penas que variam de 6 a 10 anos de prisão, com agravantes no caso de mortes, lesões corporais graves ou praticado contra crianças, adolescentes ou pessoas que não tiverem condições de consentir ou resistir com o ato independentemente da idade, como pessoas desacordadas, embriagadas, pessoas com deficiências.

sua feitura romper com ciclos naturalizados por meio da informação – como por exemplo o reconhecimento enquanto vítimas de violências ou reconhecendo situações de violência.

A violência reside em muitos lares brasileiros, independente da orientação sexual de seus componentes, e, este é um importante agravante em seu enfrentamento. As tramas da violência são tão, simbolicamente, complexas que sustentam enredos que justificam tais atos: como o pai provedor atencioso que estava cansado, o marido romântico que se às vezes é agressivo, e como disse Clarissa: *“e quando bebia era pior”*. Há uma variada dinâmica de narrativas que culpabilizam as vítimas e muitas vezes as amedrontam e aprisionam cada vez mais por dependências – financeiras, emocionais e culturais, como por exemplo a participante que não reconhecia seus recursos: *“Eu sempre dentro de casa. Costurava, fazia esfirra, pão e paçoquinha para vender”*.

Nossa participante reiterou algumas vezes que “cumpria seu papel” e nos traz o exemplo de suas gravidezes para nos “comprovar” o ciclo de violências, referindo os pressupostos de deveres de uma “boa esposa”, sendo estes soterrados por um movimento machista e moralizador que fazem com muitos casamentos sobrevivam em meio à dores e sofrimentos, tão intensos, que a dessubjetivam e as tornam indignas de seus direitos, como a denúncia. *“Olha a diferença de idade dos meus filhos, olha como eu era respeitada”*.

Encontramos tantos casos (em notícias de jornais, sites, periódicos, atendimentos⁴³) de quando a denúncia realizada é alvo de uma escuta despreparada e desrespeitosa dos dirigentes dos órgãos que deveriam protegê-las. Neste sentido, os instrumentos existentes para a coibição da violência no Brasil se concentram nas delegacias de polícia (algumas com atendimento especializado a mulher) e o Poder Judiciário. A utilização de seus recursos se baseiam na repetição de violências: “violência - denúncia – punição – vingança – prisão – estigma – nova violência”, de acordo com Ramos (2017, p. 22).

Debert (2006) ao analisar os conflitos éticos que envolvem o atendimento à vítima alerta que houve uma “reprivatização da violência” com a inutilização dos direitos e deveres políticos. Segundo a autora,

É própria de contextos em que os direitos sociais e individuais são reconhecidos e legitimados e serve para caracterizar um processo em que a vítima passa a ser considerado um cidadão incapaz de requerer os direitos que lhe são garantidos (DEBERT, 2006, p. 37).

⁴³ Pude acompanhar vítimas de violência sexual quando era estagiária do Programa Pétala do Hospital Regional de Assis – SP, no ano de 2005.

No caso específico do atendimento nas Delegacias da Mulher o trabalho é cerceado por valores contraditórios e “o que fica evidente é que instituições criadas para garantir direitos sociais, paradoxalmente, redefinem sua clientela como sendo formada por indivíduos incapazes de se apoderar ou de manter direitos conquistados” (DEBERT, 2006, p. 42). A tolerância generalizada a comportamentos machistas e violentos podem ainda se comprovar com pesquisas como a do IPEA⁴⁴ (2013) que indicam que para 58,5% de homens entrevistados acreditam que o comportamento da mulher é responsável por um estupro, dentro desse comportamento esperado leia-se: desobediência ao marido e 65% responsabilizam as roupas usadas como motivadoras de estupros. É chocante pensar que estes dados são, relativamente, recentes e ainda estamos presos a celeumas de preconceitos, estereótipos e estigmas.

A pesquisa ainda retrata que para 91% dos entrevistados a violência doméstica deve ser punida, contudo para 63% tal violência deve ser discutida somente em família e para 27% concordam total ou parcialmente que a mulher tem a obrigação de satisfazer seus parceiros, independente da sua vontade. Além disso, 89% tenderam a discordar da interrogação “um homem pode violentar”? A culpa e o medo são conjugações nas subjetividades de meninas e mulheres, contaminando suas relações em diferentes contextos e projetos. A culpa pelo estupro sofrido é um dos fatores que impedem que medidas efetivas sejam concretizadas.

O estado brasileiro é conivente com a cultura do estupro, já que operadores da justiça não qualificam a violência doméstica contra a mulher como crime (OLIVEIRA, 2006; DEBERT, 2006), ou seja, o sofrimento não é tratado, desrespeitando essas mulheres como sujeitos despreparados para definir o que é violência. Desta maneira, família, parentalidade e a justiça não significam segurança ou acolhimento.

Destacamos o protagonismo de movimentos feministas e de mulheres que buscaram por uma legislação que contemplasse uma abordagem integral, intersetorial e interdisciplinar. Suas proposições buscaram e concretizaram as seguintes medidas: tutela penal exclusiva para mulheres, criação da categoria violência de gênero, redefinição da expressão da vítima, maior potencial ofensivo para a violência doméstica; contemplação de relações homoafetivas, criação de medidas protetivas de urgência e juizados especializados. Compartilhamos da análise de Campos (2017) que afirma que,

O protagonismo feminista talvez esteja na base e ajude a compreender a resistência de profissionais do direito – especialmente da magistratura e do Ministério Público – em aceitar a nova lei que se insere no ordenamento jurídico. Ao propor uma

⁴⁴ http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/SIPS/140327_sips_violencia_mulheres_novo.pdf

legislação inovadora para o tratamento da violência doméstica, o feminismo brasileiro afirma os estudos feministas sobre o tema e disputa com o tradicionalismo jurídico um lugar de fala, ou seja, quem define *que* temas devem ser abordados e *como* o sistema jurídico deve tratar a violência doméstica contra mulheres. Dito de outra forma, o feminismo desafia teórica e juridicamente os cânones do ensino do direito e do tratamento jurídico dessa violência (CAMPOS, 2017, p. 13).

Neste sentido temos dois temas de destaque: a culpabilização da vítima que no Brasil há práticas engendradas por julgamentos pessoais sendo que deveriam ser baseados em legislações e pressupostos éticos, (delegados, juízes, promotores) e segundo o lugar de fala. Ribeiro (2017) nos contempla por meio de ampla bibliografia, que o discurso que reivindica um lugar de fala é aquele inaudível à sociedade por serem formados por subalternos: negros, mulheres e homossexuais, oriundos, igualmente, de lócus sociais subalternos. E tal reivindicação é contribuída pelo feminismo. Em suas palavras,

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém, o lugar que ocupamos socialmente e nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de falar nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco como metáfora do poder (...). Ao promover uma multiplicidade de vozes o que se quer, acima de tudo, é quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com esse regime de autorização discursiva. (RIBEIRO, 2017, p. 72).

A autora nos atenta para as forças presentes em categorias e em diálogos que se entrecruzam como gênero, raça, classe e sexualidade e geram diferentes opressões (conceituado como interseccionalidade) e não devem gerar pressupostos separadamente, fragmentando indivíduos e suas subjetividades. Ela argumenta citando a autora Grada Kilomba que possui como luta a revelação de segredos coletivos e históricos, assim descrita por Ribeiro (2017):

Kilomba toca num tema essencial quando discutimos lugares de fala: é necessário escutar por parte de quem sempre foi autorizado a falar. A autora coloca essa dificuldade da pessoa branca em ouvir, por conta do incomodo que as vozes silenciosas trazem, do confronto que é gerado quando se rompe com a voz única. Necessariamente, as narrativas daquelas que foram forçadas ao lugar do Outro, serão narrativas que visam trazer conflitos necessários para a mudança. O não ouvir é a tendência em permanecer num lugar cômodo e confortável daquele que se intitula poder e falar sobre os *Outros*, enquanto esses *Outros* permanecem silenciados. (RIBEIRO, 2017, p. 80).

Salientamos a luta de autoras feministas que trazem para o campo da visibilidade e do diálogo questões não consideradas na luta por equidade entre os gêneros e neste sentido trazemos a lacuna existente do marcador etário nessas discussões⁴⁵.

⁴⁵ Discutiremos mais sobre este assunto no sexto capítulo.

Clarissa nos falou e nos tornamos seu megafone e estamos na vanguarda em busca de direitos e prevenção de violência contra as mulheres, e como contribuição trouxemos algumas possibilidades de denúncias violências de gênero no Brasil, em 2019, conta-se com os seguintes eixos:

- **Violência Sexual:** dirija-se a uma delegacia para o registro de um Boletim de Ocorrência (é um documento para sua segurança e defesa) e posteriormente a um hospital para um protocolo de cuidados e medidas medicamentosas de urgência. Em Assis/SP, cidade de nossa pesquisa, há o Programa Multidisciplinar Pétala no Hospital Regional de Assis (que atende toda a região) para acolhimento e acompanhamento das vítimas da violência sexual. Tanto para profissionais ou cidadãos nunca esqueçam: a culpa não é da vítima. Menores de 18 anos necessitam do aviso e acompanhamento do Conselho Tutelar. Também há possibilidades em Grupos de Apoio e o direito de acompanhamento e coibição de violências pelo Ministério Público.

No sistema penal brasileiro a violência sexual é um crime hediondo e com severa punição e se estabelecem enquanto: estupro corretivo, coletivo, liberdade sexual, de vulneráveis, dignidade sexual, importunação sexual e vingança pornográfica.

- **Violência doméstica:** Além de ir até a polícia, ainda, conta-se com o canal telefônico 180, em que uma equipe faz atendimento para denúncias, esclarecimentos e encaminhamentos. A ligação é gratuita e abrange todo o território nacional. Outro recurso são as Medidas Protetivas, cujas medidas promovem o afastamento do agressor, tanto da residência como da vítima, suspensão do porte de armas e encaminhamentos para serviços públicos como atendimentos especializados. Quando há o risco de morte há o encaminhamento para Casa Abrigo, juntamente com seus filhos, como medida de coibição e prevenção com atendimentos psicológicos, jurídicos, pedagógicos às crianças afastadas da escola, encaminhamentos e capacitação para o mercado de trabalho. O canal 180, também, é disponível por meio de dois aplicativos: “Aspire news” que além de notícias há a opção Help (ajuda) de recursos para quem está em situação vulnerável e ainda o “Minha voz” que concentra uma rede de apoio com recursos para escrever seus depoimentos e denúncias, trazendo visibilidade para esse fenômeno ainda oculto à olhos nus.

- Violência Virtual (ou online): Dirija-se a uma delegacia munido de uma cópia da violência virtual sofrida que seu caso será analisado e julgado pela Justiça Federal (lei 13.642/2018). Além de buscar ajuda no canal 180 também é recomendado solicitar, judicialmente, a remoção dos conteúdos causadores de violência e responsabilização criminal.

A responsabilização e culpabilização na figura feminina pelo fracasso do relacionamento recai sobre Clarissa: mais um enredo de filme transmitido por muitas famílias brasileiras. Como alternativa para não se desintegrar, subjetivamente, ela enfrentou o medo e o julgamento de familiares e da sociedade e foge, passando de uma imagem de esposa e mãe imaculada à louca e má, e, principalmente destituída de direitos na opinião da sogra, que neste caso é reprodutora de valores violentos. Uma reação em cadeia que reforça a perenidade de valores machistas. *“Quando eu saí de casa ele dizia que eu precisava de tratamento psiquiátrico, só mulher vazia e louca que saía de casa, ia ficar louca mesmo. Minha sogra dizia que eu não tinha direito à pensão dele, por que não tive paciência, cuidei dela três anos depois dela falar isso”*.

Outro fator que reforça os papéis de gênero consiste no grande número de mulheres cuidadoras da velhice brasileira (CAMARANO, 2003) e como a história de Clarissa que cuidou da sogra e do cunhado, como uma herança passada de geração em geração e ainda, sem nenhuma possibilidade de escolha. *“Cuidei de todo mundo para quem sonhava em ser enfermeira, fui sem querer, sem escolhas. Todos que precisam de mim eu cuido, disso não reclamo, mas o sofrimento de vegetar, eu que vegetei por quarenta anos, eu não tinha alegrias, se ver nas fotos não se vê alegria, parece aqueles olhos daquelas pessoas que está distante... minhas fotos eram desse jeito”*.

Clarissa nos demonstra que a sexualidade na trama do tempo também foi tecida pela desfeitura de nós e procura de abrigo na casa de sua mãe. Mas é claro que não foi uma liberdade conquistada sem conflitos. O desrespeito aos seus direitos, como alguém que não deveria receber pensão e o peso do moralismo que já era um velho conhecido não a impediram de procurar sua escolha. Poder escolher algum traço de seu destino se tornou valioso, triunfando o desejo de não ser mais vítima de quaisquer violências – nem por si e por mais ninguém. Na busca pela educação e conhecimentos diversos, nos sonhos de graduar-se e na poesia se reinventou e ressignificou sua narrativa, principalmente com o não apagamento de suas histórias, mas como herança simbólica às gerações futuras.

Contudo, afirmamos mediante a narrativa de Clarissa, que a sexualidade se fez e se faz enquanto conceito amplo: social, cultural, político, subjetivo. Valores, culturalmente, transmitidos na sociedade são matrizes de relações desiguais nos relacionamentos sejam eles hetero ou homossexuais e no contemporâneo acometem as mulheres em larga escala. Sua história de acordo com dados estatísticos pode ser reproduzida por muitas vozes que mesmo em gritos não são ouvidas e as violências sofridas são tão banais, que se tornam invisíveis. A violência é multifacetada: física, psicológica, sexual, matrimonial, virtual, além disso, atinge em sua maioria mulheres jovens, negras e com baixa renda, e ainda as que menos denunciam são as que possuem graduação e maiores salários. A violência paralisa os segmentos. Tecida em um campo minado, tal qual nosso sistema legislativo que avança em suas leis e retrocede no atendimento às vítimas. Como nos alertou Clarissa: “*Era estupro*”. Munidas de seu sensível relato vamos na vanguarda desse enfrentamento ao nefasto ciclo da violência, produzindo suas inquietações para fomentar pautas nas políticas públicas de igualdade de gênero.

E como um possível caminho na luta para direitos igualitários trouxemos o projeto “Maria da Penha vai à escola” (2017), elaborado por uma equipe multidisciplinar, com a organização de Ben-Hur Viza, Myrian Sartori e Valeska Zanello. O projeto colabora com o manejo das questões que envolvem a problemática da violência na escola, desde o entendimento de seu conceito, formas de ajuda e conhecimento de direitos pelas crianças. Sua proposta consiste em:

[...] difundir uma educação que discuta criticamente as desigualdades entre homens e mulheres, seus papéis e suas performances, torna-se instrumento prioritário na ruptura do ciclo vicioso da violência. Somente a formação de cidadãos críticos e preparados para questionar padrões normativos será capaz de romper os paradigmas da violência doméstica, repetidamente narrados em histórias cotidianas simples e aterrorizadoras pela sua dureza. (VARTORI, VIZA & ZANELLO, 2017, s/p).

Como já anteciparam Saffioti (1999) e também Debert (2006) nenhum sistema de leis sozinho garante a efetivação na prevenção da violência. Nesse sentido,

Estruturas de dominação não se transformam meramente através da legislação. Esta é importante, na medida em que permite a qualquer cidadão prejudicado pelas práticas discriminatórias recorrer à justiça. Todavia, enquanto perdurarem discriminações legitimadas pela ideologia dominante, especialmente contra a mulher, os próprios agentes da justiça tenderão a interpretar as ocorrências que devem julgar a luz do sistema justificador do presente estado de coisas. (SAFFIOTI, 1987, p. 16)

Combateremos essas violências somente com a tomada de consciência sobre a gravidade e urgência dos fatores que regem as desigualdades de relações entre homens e mulheres, seja no ambiente doméstico (entre pais, filhos, irmãos e irmãs, avós) ex-parceiros,

vizinhos desconhecidos, etc. Esse combate deve começar ainda na infância, com meninas e meninos adquirindo dimensões de um projeto social - que englobe e convoque toda a sociedade para discussões entre diferenças e equidades entre gêneros.

Entender que há uma dominação masculina reproduzida em nossa cultura e que espaços são preenchidos, hierarquicamente, são objetos de interpretação da violência sob a ótica do feminismo. Além desse reconhecimento de relações desiguais, os dados estatísticos sugerem de acordo com Miklos e Evangelista (2017) que a apatia e a indiferença frente à violência é um novo alvo para a luta feminista. A tríade composta por arbítrio, violência e sujeição é um alicerce de força bruta reproduzida através dos tempos, constituindo um mundo marcado por relações de poder de corpos e desejos aonde criaram-se submundos à penúria de um contingente de violências. Homens e mulheres ao se despirem de convenções de linguagens e comportamentos poderão desconstruir juntos lógicas deterministas, por meio da respeitabilidade nas fronteiras entre poder e desejo.

“Minha vida tem datas marcadas pela tristeza mas não choro mais, aquele fardo pesado já aliviou”. O passar do tempo não pode ser considerado um remédio exclusivo no caso de violência. Reivindicamos, trabalhamos e necessitamos que nossas demandas sejam acolhidas. Os sonhos de Clarissa, de uma sexualidade possível de ser realizada com dois sujeitos desejantes, ficou no plano do platônico e do poético. Em terras estrangeiras que serão conhecidas em seus sonhos e devaneios, ainda sim, fecundos a poesias e projetos de vida que desobedecem às normas e efeitos do tempo. Há que se desejar o futuro com muito prazer.

Descobriu que sua fuga foi um grito de liberdade, que feito faísca atravessou convenções e hoje seu imperativo pode ser colocado a sua frente, ao seu consentimento: *“Não toque em mim”*. Despida das marcas digitais deixadas durante o casamento, procura o amor possível, bem distante do amor romântico, este que sempre ocupou presença pela ausência da cumplicidade de um matrimônio. Encontrou formas subjetivas de enfrentar lutos em vida. As violências se repetiram na trama temporal, mas encontraram a resistência a tempo de se tornarem poeira e nos rastros da experiência encontramos e alimentamos nossa força.

5 CONCEIÇÃO E SEUS “PECADOS”: DISPOSITIVOS SUBJETIVOS NA TRAMA DO TEMPO.

*Dirás que o humano desejo
Não te percebe as fomes. Sim, meu Senhor,
Te percebo. Mas deixa-me amar a ti, neste texto,
Com os enlevos,
De uma mulher que só sabe o homem.
(Hilst, 2017, P. 544)*

5.1 A presença silenciosa de Conceição.

Sempre presente nas Oficinas “Encontros com a Terceira Idade” e sempre mais calada, Conceição expressava-se por um olhar atento e curioso às falas e comportamentos das demais participantes. Demonstrava sua pontualidade na chegada e na despedida com um “até semana que vem”. Em um dos encontros do grupo, surpreende contando-nos que um seus filhos havia sofrido muito na escola, por que sempre repetia aos colegas que viajaria o mundo, e especialmente, naquela ocasião, já adulto realizara o feito de explorar os cinco continentes e realizado o sonho de criança.

Curiosamente, nessa Oficina estávamos convidando os participantes a lançarem mão de suas memórias juvenis e Conceição trouxe sua realização por meio de seu filho. O grupo logo parabenizou e enalteceu a conquista, mas devolveram-lhe a pergunta: E você? Quais foram seus sonhos e feitos? Sem pestanejar, responde: “*Cuidando e oferecendo recurso (sic) e meios para que meus filhos realizassem seus sonhos*”. O silêncio se pronunciou. Neste encontro nos despedimos, com certa nostalgia e angústia, dos sonhos que se passaram sem realizações, como um papel amassado jogado nos cantos mais longes da memória, ou ainda com o imperativo dos dias que não voltar atrás – viés este, produzido pelo grupo.

Cabe neste momento, descrever-lhes Conceição, com minha visão particular. Sua presença sempre marcada por um cultivo de uma vaidade que chamava a atenção – não só a minha, mas de todos, era comum ouvirmos: “*Ah, Conceição sempre chique. Sempre bonita*”. De fato, 66 anos de uma beleza expressa em cores de suas maquiagens, olhos e roupas. Nos constantes sons dos berloques de suas pulseiras, agitadas pelo Mal de Parkinson, na construção do penteado de seus cabelos, nos silêncios em grupo.

Bosi (2004), ao confeccionar uma metodologia para pesquisas, cujo recurso se instrumentaliza por meio de memórias, nos pontua que “o silêncio na pesquisa não é uma técnica, mas pode trazer como recompensa uma iluminação para as ciências humanas como um todo” (BOSI, 2004, p. 65).

5.2 Conceição.

O convite para participação na entrevista foi estendido ao grupo e Maria da Conceição foi a primeira a aceitar. Mediante a um contato telefônico combinamos nosso encontro para aquela mesma tarde. Fui recebida em sua casa, no dia 13/11/2017, que me fez sentir como se estivesse em um cenário retratado pelo passado: enfeites, rococós, mobiliários antigos, tudo muito colorido e com os espaços, devidamente, preenchidos. A sala de Conceição concretizava uma paragem no tempo, conservada por um inconsciente atemporal e memórias afetivas que se fazem presente de maneira incontestável. Fotos da infância de seus filhos e suas decoravam as paredes. Um décor que falava com uma linguagem muda e extrapolava signos e símbolos.

Naquela tarde, de sexta-feira, cheguei no horário combinado e ela já estava na calçada à minha espera. Ansiosa, diz que achava que eu não iria mais. Impecavelmente bem vestida e maquiada, convida-me para a sala de visitas.

Preocupada em cumprir os rigores metodológicos, explicou os objetivos da pesquisa, a importância e necessidade do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e da utilização do gravador. Concordando, rapidamente, com minha fala, interrompe dizendo que seu esposo está na cozinha, fazendo sinais que não poderia falar sem seu consentimento: *“Ele está na cozinha, precisa te conhecer”*. Fomos apresentados, e seu esposo com uma expressão “desconfiada” me diz: *“Você é nova, né? Mais nova que minha filha. Vou sair pra vocês ficarem à vontade”*. Mas só foi até a cozinha ao lado e dali ouvíamos sua presença tão estrondosa que algumas falas ficavam inaudíveis e precisavam ser repetidas.

Estávamos, de forma visível, incomodadas e pedi para que Conceição se apresentasse, que contasse um resumo de sua história de vida. Com um profundo suspiro, as lembranças e memórias povoaram a sala e cristalizaram os minutos. Embarcamos, juntas, para um passado marcado e enclausurado pelo silêncio.

Pedi uma pausa. Foi até a cozinha e voltou pedindo para ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) novamente. Poucos minutos que serviram de um refrigério para sua face que estava ruborizada. Vamos lá ...

“Sou Maria da Conceição, natural de Riacho Fundo/SP, nasci dia 16 de maio de 1951 e tenho 66 (sessenta e seis) anos. Nasci em uma casa com 6 (seis) filhos e naquele tempo meu pai era muito bem de vida, tinha muitas posses e internou a gente no Santa Clara porque era muito serviço pra minha mãe cuidar dos 6 (seis) filhos, que eram 5 (cinco) meninas e 1 (um) homem. O Santa Clara era um internato só de mulheres, fiquei lá por

muitos anos. Só nos finais de semana ou a cada quinze dias, 1 (um) mês ia pra minha casa. Eu gostava de morar lá. Acho que fui pra lá com uns 9 (nove) anos ... antes dos 11 (onze), eu, a Célia e a Celma, aí eu fiquei lá até completar o ginásio (15 anos) por que depois o colégio teve uma reestruturação onde estudaria homem e mulher lá, mas não sei o que aconteceu que acabou fechando o colégio. Era uma forma de melhorar o movimento do colégio. Só me lembro de um homem estudando lá. Com isso as freiras foram embora daqui. Daí eu parei no Colegial, antes chamado ginásio, daí fui estudar em uma escola que tinha o Magistério, não, fui primeiro para o Instituto e depois terminei na Escola de comércio com o Magistério, mas aí já tinha conhecido meu marido, já namorávamos, já tinha casado na conclusão do curso. Mas namoramos tudo certinho. Com o diploma do Magistério, ingressei na faculdade, cursei Letras, me especializei em Língua Portuguesa e Italiano e estava tudo dando certo, comigo com meu marido, com meus filhos.

Assim que me formei já comecei a trabalhar, daquele tempo tinha mais campo de trabalho que agora, as mulheres eram valorizadas como professoras. Fui dar aulas lá no Dom Ângelo, uma escolinha que tem lá longe... acena com as mãos. Trabalhei lá e fiquei 5 (cinco) anos trabalhando. Mas consegui uma vaga no Instituto, eu nunca fui concursada, naquele tempo depois de 5 (cinco) anos você tinha o direito de se efetivar na vaga, fiquei 20 (vinte) anos naquela escola. Mas adquiri um problema de saúde chamado Transtorno Bipolar e sempre tinha que ficar internada, fui trabalhar na biblioteca, não fiquei na sala de aula. Fiquei mais 15 (quinze) anos trabalhando ali e dava assistência na casa com três filhos.

Cuidar dos filhos é o mais difícil. Nesse tempo abri uma boutique e tinha uma espanhola que vendia as peças pra mim, ela era muito ativa e vendia muito bem, tanto que ia quase toda semana pra São Paulo buscar mercadoria de tanto que vendia bem. Meus filhos foram crescendo e chegou a hora de fazerem faculdade. Foram fazer faculdade em São Paulo por que tínhamos um apartamento lá, temos ainda. Cada um fez o que queria: Comércio Exterior, Arquitetura e Urbanismo, mas o caçula ficou trabalhando no comércio da família (de seu pai) com meu marido. Ele era muito bom no comércio, vendia como ninguém, mas a loja fechou e meu filho foi trabalhar em uma empresa. Mas sempre ficava doente e precisa de internação. Ausente não pude dar assistência nessa fase. Sempre ausente”.

As lembranças desse período foram tão intensas que se ausentou daquele espaço-tempo por alguns minutos. Mergulhada em seu mundo interior não escuta seu esposo chamando-a e retoma ao nosso encontro perguntando da onde tinha parado. Aproveito para perguntar se em sua infância há recordações sobre o manejo de sua família em relação a sexualidade.

“Não se falava de sexualidade, era um assunto que não se falava em casa. É eu que quando fiquei mocinha minha irmã me pôs medo disse que iria contar pro meu pai, isso eu me lembro bem: - Vou contar pro papai que você ficou moça, vai casar”. Falei não conta! Fiquei como muito medo! (Do que, eu pergunto?). Daí não se tinha muita higiene. Tinha 13 (treze) anos. Estava no colégio de freiras, era muito rígido. Mas as meninas tinham relação (sexual) entre elas, só eu nunca tive, acho que por que era gorda (seus olhos, novamente, ausentes ficam marejados em lágrimas). Tinha vontade, muita vontade, eu via os movimentos das camas e ouvia os barulhos e pensava: por que será que ninguém gosta de mim. Eu achava que não gostavam por que não me procuravam. Eu ficava escutando os barulhinhos, só as meninas, uma curiosidade e prática entre meninas. Não se conversavam sobre o assunto. Estou conversando com você”.

Neste momento estava ávida por poder falar sobre o assunto tão secreto que fez mímicas para que eu pedisse uma água. *Você deve estar com sede.* Com minha afirmativa, além da água verifica se seu esposo estaria atento a nossa conversa. Trouxe-me um grande copo de água em uma bandeja de prata e logo retomou o assunto.

“E daí eu tinha essa curiosidade. Eu pensava assim: Por que será que não gostam de mim?! Eu achava que não gostavam por que não me procuravam. Nunca tive coragem de tomar uma atitude. Daí eu conheci meu marido e começamos a namorar”. Seus olhos tão azuis e tão vagos parecem buscar em suas memórias sentimentais e desejantes palavras para nomear e descrever sensações e emoções tão íntimas, secretas, inconfessáveis e inomináveis. Retoma.

“Com o namoro, teve um dia, daí ele começou a me “bulinar”, ver como que eu era, mas a gente não sabia o que éramos ou não. Demonstro não ter entendido. É como no caso do internato. Entendo que eu não sabia distinguir preferência sexual”. Seu esposo nos interrompe, despedindo-se de mim e saindo para um compromisso. Imediatamente continua... *“Antes de casar não tivemos relação. Namorei aos 19 anos e ele aos 20, casamos rápido, menos de um ano de namoro, foi o tempo de construir essa casa, mas ela era pequena, fomos construindo e aumentando até ficar do tamanho que ficou...”.* Faz gestos com os braços demonstrando o quão pequeno era e a grandeza de sua expansão.

“Agora eu preciso te contar uma coisa, só que ninguém pode saber que essa pessoa sou eu”. Refiz minha fala sobre o comprometimento ético, enquanto profissional e pesquisadora, e salientei o respeito e confidencialidade de suas memórias e histórias. Então ela continuou.

“Meu filho mais velho tinha nove anos e o caçula com 2 (dois) anos, eu conheci uma moça e comecei a ter relações com ela. Só que eu não gosto de lembrar disso por que não foi muito bom, ela judiou muito de mim, ela fazia assim, ela estava comigo e forçava eu largar meu marido”. Seu corpo fala por si: olhos encobertos por lágrimas, mãos tremem ainda mais e seus pulmões embalam um profundo e demorado suspiro. “Imediatamente após nosso rompimento ela já arrumou outra da faculdade. Ela era professora da faculdade. E daí ela me humilhava muito, era professora da faculdade, era isso, era aquilo, e eu? Não era nada, nada! Sei que durou uns 1 (um) ano e 6 (seis) meses. Depois eu que terminei com ela, eu que terminei, ela veio aqui na frente de casa (mostrou-me com precisão aonde tudo aconteceu) e ficou enlouquecida, gritando comigo, inconformada. Meu marido escutou tudo, mas nunca falou nada disso comigo, me respeitou. Agora meu sogro, já falecido, que já tinha descoberto antes falou se eu não terminasse tudo era pra ir embora. Mas também eu estava dando a entender que estava com ela. Saíamos de moto com muita liberdade, parávamos em um bar e tomávamos cerveja, fui muito livre e não me preocupei em esconder, parecia que estava me sentindo livre, feliz, mas dei motivos pras pessoas falarem de mim, não me preocupei.... Daí ela foi embora pra casa dela e nunca mais. Ela me ligava, mas eu não atendia, eu não quero perder meus filhos por causa dessa... dessa porcaria dessa moça aí. Daí eu fui cuidar dos meus filhos bem direitinho, viajava muito pra São Paulo, naquele tempo se eu me encantasse por algum moço durante a viagem de ônibus até podia dar alguns beijinhos, mas daí fui criando juízo. Daí eu falei que não ia ter mais nada com ninguém só com meu marido, por que a gente vivia muito bem, sempre muito atencioso, sempre muito bom pra mim. Daí nós ficamos juntos até agora”.

Pergunto: Quais os efeitos desses relacionamentos na sua sexualidade hoje? *“Só preciso te falar mais uma coisa, eu não era lésbica, sapatona, ela que era. Eu nunca fui nada disso”,* exaltando-se. Fiz um breve comentário que a mim não importava tais denominações e pergunto o que ela entendia por sexualidade.

“Era algo muito bom, era uma coisa, que não sei que palavra pode usar, mas sempre me trouxe muita coisa boa. Meu marido, sabe, eu sempre fui gorda, já fiz uma cirurgia bariátrica, mas meu marido nunca me chamou de gorda, nada disso, sempre me achou muito bonita, dizia isso sempre, me elogiava, falava que eu sempre estava muito bem vestida. Então nunca falou nada disso pra mim e eu gostava muito dele pelo cuidado dele comigo, tanto é que tivemos 3 (três) filhos. Mas eu sempre ficava doente... O distúrbio bipolar, houve uma vez que eu estava com crise do distúrbio bipolar não sei o que falei pra ele e ele me bateu, mas eu falei, eu falei”.

Fomos interrompidas pelo telefone. *“Mas quero antecipar essa conversa e contar um segredo: meu marido é impotente há muitos anos, ele teve que ser operado da próstata e faz mais de 5 (cinco) anos que eu não tenho nada, só lembranças. Ele ficou com uma seqüela na verdade faz mais de 10 (dez) anos, ele é muito carinhoso muito bom pra mim, mas não tenho nada”*. Como isso te afetou? *“Ah, depois de uma certa idade a gente não tem que ter muita vontade, não tem muita vontade... mas ele ainda me “bulina” ainda, eu deixo né... Agora eu não tenho mais nada... foi muito bom enquanto durou, me diz que minhas pernas são bonitas, deita do meu lado, me faz carícias, me toca muito. Isso é sexualidade, né?!”*

“Vamos parar de gravar?”. Atendo, prontamente, seu pedido desligando o gravador. Conceição quis ouvir a gravação e, de olhos fechados, sorria e se emocionava com a própria história. Parecia sonhar. Acorda aprovando o que ouviu e dizendo estar orgulhosa pela sua história. Quando já agradecia, pediu me para contar mais um segredo que estava se recordando (como se precisasse exorcizar de suas lembranças). Então disse: *“Quando morava na casa dos meus pais tinha uma empregada, uma mulher medonha que me violentou dos 7 aos 9 anos e só parou quando fui para o colégio interno. Ela me violentava e dizia que se eu contasse para alguém eu apanharia e ia pro inferno. Ela me “bulinava” muito, mas eu deixava, eu deixava. Não me esqueço daquela mulher. Será que por isso tive fobia? Depois que terminei meu relacionamento sentia muita culpa, ia no grupo da igreja e do clube e tinha muito medo do que falavam de mim, por que tinha uma das integrantes que havia traído o marido, nunca esqueciam a história dela. Por que eu fui muito livre e fiz muitas aventuras, não me preocupei em esconder, com isso tinha medo de me aproximar de outras mulheres e elas acharem que eu estava interessada. Sempre tive muito desejo. Mas ela deve estar no inferno. Mas não era isso que queria falar... você me fez pensar muito na minha filha Consuelo que me disse há pouco tempo que sabia que eu tive um relacionamento com outra mulher. Eu e ela nunca fomos íntimas. Esse quarto aí da nossa frente, ela disse que se lembra de nos duas trancadas no quarto do barulho que fazíamos, da minha risada, dos gritos. Tentei falar que não era verdade, mas ela sabia, pedi perdão a ela pela minha falha. Você acha que ela me perdoou?”* Sorrio e respondo: Será que temos que ser perdoadas por nossas memórias e experiências?

Conceição levanta-se despedindo-se com um caloroso abraço. E o tempo que ficara suspenso, retornou ao relógio desdobrando-se em horas, deixando muitas perguntas sem sentido e importância...

Após alguns meses desse encontro fui comunicada do falecimento de Conceição. E em sua homenagem trazemos poemas de Hilda Hilst (2017), fazendo da literatura um arsenal para

enfrentar as amarras de seu tempo e atestando para seu público a militância com palavras poéticas, que traduzem seu corpo. Seu texto carnaliza-se como uma reivindicação à expressão de sua sexualidade e reafirmação de sua subjetividade. De acordo com Heringer⁴⁶ (2017, p. 550), “o eu poético de Hilst pode afirmar, desafiante: sou sujeito. Como em toda sua obra, é uma palavra de carne atirada na história. Escutemos seu novo chamamento. Com menos altivez. E mais atentos”.

5.3 Camila e Conceição.

Ser convidada para entrar no território construído pela família de Conceição, suscitou-me questões que muito fizeram refletir sobre o pesquisar em Psicologia. Assim como exposto, carregou comigo a construção de um olhar clínico, e foi possível dar as mãos ao vivido. A produção textual de diferentes vozes, que compuseram o encontro em seu infinito particular, concretizada em sua casa, fez-se como exemplo literal do quanto a formação da tríade: sexualidade – desejo – sociedade é, complexamente, formada por fios subjetivos de seus membros: cônjuge, filhos, sogro, pais, trabalho, internato.

A pesquisa em Psicologia nos permite adentrar em meandros e ranhuras das historiografias, percorrer diferentes espaços geográficos, períodos cronológicos e por meio deles apreender processos e concepções de homens e mulheres, sua sociedade, valores, normas, moral e moralismos. Tal empreitada nos requereu a sapiência de um arqueólogo em busca de pequenos vestígios em escavações profundas: um mundo de descobertas se abre à pesquisadora. E, no presente, abrindo-se à potência do lacunar (GARFUNKEL, 2004) nos sugere uma desconstrução da ideia moderna de sujeito e de sua engenharia que construiu e cimentou identidades.

Em particular, escolhemos temáticas a serem refletidas independente da cronologia das lembranças de Conceição. Nos permitimos alterar essa ordem por entendermos que lembranças inconscientes não obedecem a cronogramas. Mas, não por acaso, a elegemos como a segunda narrativa a ser conhecida e problematizada pelo leitor, visto os temas acima elencados.

O espaço reservado a nossa conversa, a sala de visitas não foi uma obviedade, mas de fato um território subjetivo de suas experiências emocionais. Meus olhos dançavam no ambiente, a estética se pronunciava, assim como as flores de plástico que enfeitam sem requerer que as raízes estivessem nutridas. O clima estava árido e seco, mas com previsão de

⁴⁶ In: Hilst, H. Da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

chuvas de verão, assim como seu esposo que participou, ativamente, mesmo a uma certa distância com os ruídos da cozinha, que marcaram presença. Sua função familiar se demarcou logo no início: ele precisava consentir com minha presença, afinal a sexualidade de Conceição se desenrolou em maior parte com sua interação e/ou com seu silêncio. Como versa Hilst (2017),

**Não há silêncio bastante
Para o meu silêncio.
Nas prisões e nos conventos
Nas igrejas e na noite
Não há silêncio o bastante
Para o meu silêncio.
Os amantes no quarto.
Os ratos no muro.
A menina
Nos longos corredores
Pelos quais tenho sofrido
Quero que saibam:
O meu silêncio é maior
Que toda solidão
E que todo silêncio.
(HILST, 2017, p. 81)**

Fui apresentada ao marido por necessidade da dinâmica do casal e foi notório que seu incomodo com minha presença foi desfeito ao me ver: “*Ah, você é jovem*”, como se quaisquer ameaças caíssem por terra, o que já nos revela que as tramas da sexualidade, apesar de subjetivas são, também, relacionais e estão entrelaçadas na conjugalidade. Esta comunga desse território comum, relativizada pela construção pessoal de cada um e pelo alívio de seu esposo. A juventude que eu retratava, em sua visão, não representava nenhuma ameaça, já que eu não possuiria conhecimentos suficientes na área da sexualidade e, portanto, ele continuaria protegido pelos tabus que obrigavam a cultivar a temática com pudor.

Com memórias habitadas de lembranças da infância, a participante traz uma linha sucessória do tempo com as instituições e seus dispositivos que a subjetivaram: família, internato, casamento, trabalho. Para Bosi (2004, p. 9), “a memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora”. Nas entrelinhas das narrativas evocadas repetiram a violência sexual e psíquica que marcou sua infância e que a agitaram na velhice, com uma ânsia raivosa de delação. Uma “mulher tão medonha” que habitava sua casa que produziu tantos quanto os efeitos colaterais causados:

medo, culpa, angústia, sobrepeso. Durante 3 anos teve seu corpo, ainda, em formação invadido e machucado, infligindo suas descobertas infantis e contaminado-as de dor.

Fui testemunha do comportamento de seu corpo ao pronunciar cada palavra. Pareciam objetos pontiagudos que lhe rasgavam a garganta e perfuravam a realidade com projéteis de violências inenarráveis. Os estilhaços também me alcançaram, mas o vínculo que nos protegia estava forte o suficiente para dar continência para a atualização de questões pairadas sobre anos, aonde a importância do contexto grupal anterior se revelou. A elaboração, enfim, foi pronunciada. Era tempo de perdoar-se, de deixar emergir o que estava no subterrâneo, de poder expressar sua raiva e indignação a uma mulher que além de lhe violentar a ameaçava. E ainda, com uma violência acometida dentro de sua própria casa – a qual sentia-se estrangeira. Com uma educação familiar descrita como rígida e distante não haviam recursos, concretos e, principalmente simbólicos, para fugir de agressões, medos e principalmente culpa por “permitir” tais repetições.

A interpretação aqui foi construída a partir do que foi vivido: um encontro de subjetividades que refletem dados da realidade brasileira, no contemporâneo. Ao trabalhar com a violência sexual de crianças é impossível não trazer fagulhas de vertigem. É conceituada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), (2003)⁴⁷ como:

Abuso sexual infantil é todo envolvimento de uma criança em uma atividade sexual na qual não compreende completamente, já que não está preparada em termos de seu desenvolvimento. Não entendendo a situação, a criança, por conseguinte, torna-se incapaz de informar seu consentimento. São também aqueles atos que violam leis ou tabus sociais em uma determinada sociedade. O abuso sexual infantil é evidenciado pela atividade entre uma criança com um adulto ou entre uma criança com outra criança ou adolescente que pela idade ou nível de desenvolvimento está em uma relação de responsabilidade, confiança ou poder com a criança abusada. É qualquer ato que pretende gratificar ou satisfazer as necessidades sexuais de outra pessoa, incluindo indução ou coerção de uma criança para engajar-se em qualquer atividade sexual ilegal. Pode incluir também práticas com caráter de exploração, como uso de crianças em prostituição, o uso de crianças em atividades e materiais pornográficos, assim como quaisquer outras práticas sexuais. (OMS, 2003, s/p)

Em consulta ao endereço eletrônico do Disque 100⁴⁸, canal de comunicação sobre violências, informamo-nos que eles receberam durante o ano de 2018 um total de 17.093 denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes no país, sendo 13.418 relacionadas a abuso sexual e 3.675 à exploração sexual. As meninas são a maioria das

⁴⁷ WORLD HEALTH ORGANIZATION. (Organização Mundial da Saúde) Documentos e publicações da Organização Mundial da Saúde. Geneva, 2003. Disponível em http://www.who.int/topics/child_abuse/en/ Acesso em: 23 de ago. 2019.

⁴⁸ www.disque100.gov.br

vítimas de exploração sexual (75,10%) e de abuso sexual (73,44%) e quase a totalidade dos abusos acontecem dentro de casa, sendo que 70% dos casos têm como autor o pai, o padrasto ou a mãe da criança.

Os silêncios impostos pela violência são perversos, e são recorrentes os casos que mães e/ou outros familiares sabem das violências praticadas e são criminosamente coniventes, visto que, os órgãos de pesquisa indicam que a prevalência de casos deva ser, assustadoramente, maior que apontados pelas estatísticas. De acordo com o relógio da violência, ocorre uma violência sexual em crianças a cada 9 minutos, no Brasil. Mais uma vez atestamos a importância de se combater tais crimes por meio da educação de nossas crianças no que tange ao conhecimento de seu corpo, aos limites que devam impor, reconhecendo os abusos e violências, bem como questões culturais de gênero e padrões adotados de feminilidade e masculinidade. A educação é de responsabilidade tanto do Governo como da sociedade civil e, especificamente, de psicólogos e psicólogas atentos aos sinais enviados por crianças e jovens em situação de violência. Também se faz importante que o profissional esteja munido de conhecimentos, leis (como o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA) e programas brasileiros para melhor atendimento e condução de tais alarmantes situações, que envolvam toda a família e ainda toda a sociedade, com ampla rede de acolhimento.

Não cansamos de repetir: falar de sexualidade não é falar somente de ato sexual. Eis aqui Conceição para nos reafirmar que tanto a família quanto a sociedade são complôs de silenciamentos, mediante segredos familiares. Entendi que meu papel era de ouvinte de uma confissão de segredos que, sem julgamentos, compreendesse suas dificuldades interpessoais, sexuais e afetivas. Os abusos geram traumas severos que se reeditam, ou seja, em diferentes momentos da vida são associados a novas experiências.

Minayo (2002) nos assevera que as lesões e traumas mais graves são aqueles que oferecem menor resistência, que para Conceição foi acometido na infância e nos levou às suas relações familiares. Partimos das conceituações das fases da vida, do nascimento à velhice, e destacamos o quanto a infância também foi uma construção social para atender determinados fins, sendo estes ideológicos ou religiosos: Igreja Católica, Medicina, especialistas. Criou-se um arsenal de cuidados a sua sobrevivência.

A palavra infância, etimologicamente, é derivada de *infant* que significa: “que não fala nem de si mesmo e nem por si”, traduzido como aquele que não tem condições de se defender e atribuir sentido as suas experiências. Tais cuidados foram acompanhados com a intimidade familiar e a visão moderna de Psicologia contribuiu com o destaque para os laços vinculares afetivos dos psiquismos em formação. (ANZIEU, 1992). No âmbito familiar a classe social

que a entrevistada pertencia era reforçado e reproduzia a dinâmica familiar: seus pais enviam seus filhos para internatos, que devido a seus custos era destinado a famílias abastadas, financeiramente. Ao considerar que era muito trabalho (nas palavras da entrevistada) para uma mãe a educação de seus filhos, configurava um privilégio para essas mulheres poderem de certa forma dividir as tarefas e a responsabilização pela educação de seus herdeiros. A classe social destacada por Conceição afasta a pobreza ou ignorância na escolha de seus métodos educacionais.

Benelli (2003), munido das leituras de Foucault e Goffman, disserta o quanto a vivência em instituições denominadas como totais são limitantes para o indivíduo. Os internatos foram criados no correr dos séculos XIX e XX e tinham brechas inerentes a toda forma de poder disciplinar. De sua dissertação extraímos a seguinte passagem:

O convento e o mosteiro são criações institucionais que realizaram plenamente a figura do espaço fechado, pleno e saturado de regras e disciplinas, onde a ruptura com o mundo exterior era um meio de maximizar, em seu interior, as regras disciplinares. Esses estabelecimentos podem ser vistos como máquinas de poder admiráveis e sistemáticos agenciamentos institucionais, como autênticos laboratórios de experimentação sobre o homem, que visam à produção e à modelagem da subjetividade (BENELLI, 2003, p. 290).

Tais instituições foram a escolha de muitas famílias para a educação de crianças, onde as práticas discursivas de gênero estão expostas com a separação de meninas e meninos. Como apontado por diversos autores, dentre os quais trazemos Bento, 2011; Butler, 1990; Beauvoir, 1990; Foucault, 1979, o gênero é um conceito construído, socialmente, em constante mutação, ou seja, é um tornar-se atravessado pelas relações entre os indivíduos em um determinado contexto. Isso implica a instauração de regimes e atos políticos que regulam identidades e subjetividades entre si. Dessa maneira, a concepção de gênero também se modifica ao longo da história e parte-se de uma naturalização biológica entre os sexos, com um binarismo entre masculino e feminino. Esse sistema divisor foi e, ainda, é um potente organizador de práticas sociais que se tornou combustível para as engrenagens de dominação, segregação e silêncio nas biografias femininas⁴⁹.

Foucault (1979) descreve que ao debruçarmos sobre a categoria gênero é possível revelar as relações que compõem os corpos e por meio deles a reproduzem. Corpos que são agentes de uma biopolítica parasita, assim como o imperativo contemporâneo: não envelheça! As primeiras experiências humanas de interação com o mundo são corpóreas. Segundo a

⁴⁹ Salientamos que esta temática foi apresentada na narrativa de Clarissa, contudo, faz-se como baluarte da história de homens e mulheres.

teoria filosófica e fenomenológica de Merleau-Ponty (1999, p. 108), “o sujeito que eu sou concretamente tomado é inseparável; deste corpo aqui e deste mundo aqui”. Sua concepção é de um corpo sujeito, que conseqüentemente aponta como pensamos a existência, a política e o conhecimento. A história de Conceição é a história do agenciamento de seu corpo que, na trama do tempo, foi marcado por regras, convenções, resistências e prazeres.

Assim como categoria de análise, temos nas relações de gênero um sistema complexo de interpretação social. Na definição de Scott (1995),

Como elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, o gênero implica quatro elementos relacionados entre si: primeiro – símbolos culturalmente disponíveis que evocam representações múltiplas (frequentemente contraditórias) [...] segundo – conceitos normativos que colocam em evidência interpretações do sentido dos símbolos que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. [...] O objetivo da nova pesquisa histórica é explodir a noção de finidade, descobrir a natureza do debate ou da repressão que leva a aparência de uma permanência eterna na representação binária dos gêneros. Esse tipo de análise tem que incluir uma noção do político, tanto quanto uma referência às instituições e organizações sociais. Esse é o terceiro aspecto das relações de gênero. [...] O quarto aspecto do gênero é a identidade subjetiva. [...] O gênero é, portanto, um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana. Quando os (as) historiadores (as) procuram encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, eles/elas começam a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e das formas particulares, situadas em contextos específicos, como a política constrói o gênero e o gênero constrói a política. (SCOTT, 1995, p. 21-22).

Recorremos à construção bibliográfica de Beauvoir e sua produção histórica do papel designado às mulheres para compreender que o ser mulher não é um dado natural. Não há um destino único e fechado em si, seja psicológico ou biológico que a defina como tal. A obra “O Segundo Sexo”, originalmente publicada em 1946, ecoou com uma potente voz do movimento feminista, que lutou por mudanças profundas para um mundo mais igualitário.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino”. (BEAUVOIR, 2016, p. 9).

O controle sobre os corpos e a sexualidade se impunha conforme a idade. Meninas já estavam à mercê de pressões e práticas discriminatórias; mulheres jovens regiam-se pelo controle de seus desejos e assim constituíam e transmitiam, às mais novas, suas experiências identitárias. Mulheres que não estavam em idade reprodutivas eram relacionadas à frigidez e à perda de valor. Para Diniz & Coelho (2003, p. 41), “cabe assim considerar as importantes implicações sociais dessas localizações dos corpos, das sexualidades e das identidades femininas ao longo do ciclo vital”.

Com a difusão dos saberes especializados sobre o sexo, Foucault (1988) denomina que há uma produção de verdade sobre a sexualidade - *Scientia sexualis* e a define como um dispositivo, ou seja, um conjunto de elementos que produzem e nomeiam práticas do sexo, com a função paradoxal de informar para controlar. Assim como o ocorrido com o movimento higienista, nos séculos XIX e XX, que nomeou patologias, construiu discursos e produziu sujeitos, com a histerização do corpo da mulher, pedagogização do sexo da criança, socialização das condutas de procriação e psiquiatrização do poder perverso por meio do biopoder e da biopolítica. Nas palavras do autor, “o dispositivo da sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir mas proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de maneira global” (FOUCAULT, 1988, p. 118).

Conceição simboliza suas dificuldades em seu corpo por estar acima do peso, como uma resposta concreta e automática para a não participação das atividades de seu grupo no internato, de onde era possível ouvir tais práticas e internalizar, silenciosamente, a dor de não ser desejada pelas meninas, em que atribui a culpa ao seu corpo gordo, ou seja, não atraente e agravado por experiências sexuais violentas na infância. Para Beauvoir (2016, p. 37), “compreende-se que a preocupação da aparência física possa tornar-se para uma menina uma verdadeira obsessão; princesas ou pastoras, é preciso sempre ser bonita para conquistar o amor ou a felicidade”.

Com sua subjetividade borrada por não pertencer aos padrões impostos pela cultura de um corpo magro e perfeito, demonstra na velhice a importância da instituição no agenciamento da produção subjetiva. Ainda menina apreendeu na prática a atroz lógica da ditadura da beleza, que se atualiza de tempos em tempos com modelos de padrões a serem seguidos e alcançados a qualquer custo, um mito a ser conquistado. Para Wolf (1992),

O mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens. As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável. O mito da beleza na realidade sempre determina o comportamento, não a aparência. (WOLF, 1992, p. 17).

E por falar em mitos, seu gênero lhe impunha o medo da menstruação e de que sua família soubesse, já nos anunciando que conhecia os limites impostos pelas condutas esperadas de feminilidade, assim como já havia descrito Beauvoir (2016):

É o contexto social que faz da menstruação uma maldição. (...). Em uma sociedade igualmente igualitária, ela só encararia a menstruação como maneira particular de atingir a vida adulta; o corpo humano conhece nos homens e nas mulheres muitas outras servidões mais repugnantes: eles se acomodam facilmente porque, sendo

comum a todos, não representam uma tara para ninguém. As regras inspiram horror à adolescente porque a precipitam numa categoria inferior e mutilada (...) sua feminilidade significa a seus olhos doença, sofrimento, morte e esse destino a subjuga. (BEAUVOIR, 2016, p. 63).

Imprescindível relacionarmos o quanto a ausência de menstruação, que na maioria das vezes ocorre em mulheres na maturidade, também inscreve com a finitude da sexualidade, como se taxa hormonal fosse condição inevitável ao seu corpo envelhecido, assim como as exigências de feminilidade se afrouxam, pois, quem desejaria um corpo envelhecido?

Conceição, na transição de menina à mulher vivencia a imanência de buscar realização por meio do casamento. O que mais poderia querer? Estava com 18 anos estudando para ser professora e tinha casamento marcado. Entretanto, ao ressignificar sua história, confronta-se com valores que a julgavam enquanto “correta”: sua virgindade estava preservada.

A entrevistada nos reforça que “se casaram certinho”, ou seja, que não tiveram experiências sexuais antes do casamento, expressando uma intensa internalização de moralismos, que encarceravam desejos e descobertas prazerosas. Entretanto, como temos relatos de experiências hostis na infância, entendemos como uma afirmação que na juventude com seu parceiro teria conseguido tomar as rédeas do controle sobre seu corpo, em respeito a si própria, permitindo-se a escolha de quando seria permitido tocá-lo. É notório que em seu corpo está o registro de conflitos, mas também de uma busca de uma construção de si, como uma fuga da inércia e passividade.

Neste sentido, concordamos com Beauvoir (2016) quando se atenta para o quanto a passividade feminina não é de fato inerte, pois “é solicitada a ela uma participação ativa em uma aventura que nem seu corpo virgem nem sua consciência repleta de tabus, proibições, preconceitos, exigências quer de maneira positiva”. (BEAUVOIR, 2016, p. 133). A autora continua sua análise relacionando o quanto a iniciação sexual, aqui vinculada à necessidade do casamento, não é uma experiência simples:

De uma maneira geral, toda passagem é angustiante por seu caráter definitivo, irreversível: tornar-se mulher é romper sem apelo com o passado (...) arranca a jovem do mundo imaginário em que se desenrolava parte importante de sua existência e a joga no mundo real. (BEAUVOIR, 2016, p. 133).

O casamento era uma grande conquista. Donzelot (1986) argumenta que com a possibilidade de escolha na união, o amor seria o cerne da família e por meio dele as relações seriam mantidas. A sexualidade tem cronologia própria e com o casamento a mulher cumpre papéis, de esposa à mãe. Com uma narrativa embalada pelo amor romântico (SWAIN, 2011;

DEL PRIORI, 2005) Conceição descreve que estava indo tudo certinho com sua família. Por amor quaisquer sacrifícios deveriam ser válidos.

Assim, muitas mulheres acabam por se casar com o próprio casamento, independente do parceiro que arranjam, e principalmente, da satisfação ou não que tenham com essa relação. Muitas mulheres suportam melhor o desamor do que o de não ter alguém. E adoecem. Não, pelo amor, como uma entidade metafísica, mas por um modo de entender e viver o amor como questão identitária. (ZANELLO, 2018, p. 95).

Conceição, reiterando a necessidade de não ter sua identidade reconhecida pelo leitor nos relata sua experiência de conjugar desejo e liberdade. Permitiu-se abrir caminhos e possibilidades, quebrou rotinas, absolveu deveres. E teve tempo para dizer...

**É tempo para dizer
Se prefiro seu amor
Àqueles, os doces ares
Da minha campina em flor.
Tu que te projeta e inventas
Estruturas ascendentes
E sonha com superfícies
Além desses continentes
Tu que conheces melhor
As coisas do querer bem
Por que até agora te quis
E antes não quis ninguém
Tu, bem o sei, me presentes.
E mais ainda, me vê
Tão perto do querer ser
Deste amor sempre contente...
Ah, desencantares, lamentos,
As leves coisas do tempo
Têm seu tempo e seus altares.
É tempo para escolher
O anoitecer nas planuras
E o contemplar luaceiros
E é tempo para calar
A estória dos meus roteiros.
Paisagem, tu me alimentas
De verde, de sol, de amor.
E numa tarde tranquila,
De longes, sejas onde for
Lembra-te um pouco de mim:
Que eu morra olhando as alturas.
E que a chuva no meu rosto
Faça crescer tenro caule
De flor. (Ainda que obscura).
(HILST, 2017. p. 88)**

A culpabilização trazida por suas experiências foram tão sufocantes que se tornaram doença, descrita como Transtorno Bipolar. Assim como seu nome sugere, alterna duas fases de humor: ora depressiva, ora maníaca. Seus comportamentos são contraditórios, assim como seu desejo por uma mulher, que imediatamente nos avisa: “eu não era lésbica, ela que era”. Neste ponto nos salvamos de uma questão: seria mesmo importante conceituá-la como lésbica ou bissexual ou qualquer terminologia?

A sexualidade feminina e a doença mental se entrecruzaram na literatura médica dos séculos XVIII e XIX. Angeli (2004) discorre que a medicina contribuiu para a produção de uma ortopedia dos corpos e, nas relações entre masculino e feminino, colaborou na produção de uma sexualidade restrita ao controle e desejo masculino, que além de reforçar estereótipos, são concebidas práticas normalizadoras. E ainda instituiu o casamento como um santo remédio, preconizando a maternidade como eficaz contra desvios psíquicos. A intervenção no campo da sexualidade buscou uma cura para a doença mental mediante a cientificidade com o extermínio de sintomas, ou melhor, de desejos.

O feminino foi concebido como sendo uma condição *si ne qua non* para a doença mental. A medicina sublinha o instinto materno e define a histeria, sendo está descrita como intensos desvios da não satisfação sexual, ainda são relacionados a ela menstruação, a gravidez e o parto. Para Engel (1997),

No anoitecer dos séculos das luzes, a histeria seria incorporada definitivamente ao mundo da loucura, completamente assimilada às doenças mentais. Mas nem mesmo as novas interrogações suscitadas pela histeria romperiam com a tradição de associá-la às especificidades do corpo da mulher, ao útero e, portanto, à sexualidade feminina, ainda que lhe conferissem novas dimensões e novos significados. (ENGEL, 1997, p. 343).

Assim como mais um capítulo da história escreve sobre a subjetividade inscrita no corpo feminino: a sexualidade gerida por padrões de normalidade, se inscreve na heteronormatividade, na conceituação de Louro (2007) o corpo é pedagogizado. E,

Aparentemente supõe-se que todos os sujeitos tenham uma inclinação inata para eleger seu objeto de desejo, como parceiro de seus afetos e de seus jogos sexuais alguém do sexo oposto. Consequentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais. É curioso observar, no entanto o quanto essa inclinação, tida como inata e natural, é alvo da mais meticulosa, continuada e intensa vigilância, bem como o mais diligente investimento. (LOURO, 2007, p. 17).

Zanello (2018) relaciona a construção cultural ao ensino de uma didática da sexualidade por intermédio do dispositivo amoroso. Este tem suas bases no conceito foucaultiano e sublinha o quanto a reprodução histórica hegemônica “desempodera”

mulheres. Com uma rede de regras conduz a subjetividade de homens e mulheres ao longo da história e contextualiza o amor romântico que, muito antes de ser considerado um sentimento, era uma via condutora de arranjos familiares e sociais. A pesquisadora compreende que o gênero cria caminhos privilegiados de subjetivação, o que levaria as mulheres a terem uma relação identitária com o amor e a maternidade. Já os homens, seriam levados a terem uma relação identitária com a performance sexual e do trabalho. Mas que assim como Conceição fez, há possibilidade de criação de performances subversivas.

Desde que a caixa de Pandora foi aberta, na mitologia, temos um extenso currículo de submissões femininas. Da tradição judaico-cristã, simbolizada por Eva, que leva a humanidade a expulsão do paraíso, ou pela cultura indígena que reproduz o mito de Jurupari que não encontra uma esposa para o Sol, pois nenhuma mulher teria as condições necessárias. Como ser confiável, paciente e não ser curiosa. O mito reafirma a solidão do sol. (CORSO & CORSO, 2006). Nossa entrevistada se fez como uma Pandora contemporânea, que não aceitou a interdição da sua curiosidade e, ainda que não tenha feito clandestinamente, reproduziu a identidade de uma sexualidade feminina a ser domada. Sua transgressão deixou marcas.

Entretanto, linhas de fuga, além de traçadas foram vivenciadas, intensamente, por Conceição, que explorou um território minado. Ela pode na vida adulta experimentar o que seria a liberdade: passear de moto, sentar a uma mesa de bar acompanhada de uma mulher. Sua intimidade estava escancarada a todos e não por acaso, a gramática da vigilância e da repressão do domínio público se pronunciou por meio da retaliação sofrida pela atitude ameaçadora de seu sogro e do silêncio de seu esposo. Sua experiência tornou-se assunto familiar na mesma sala, que nos encontramos no dia da entrevista.

Ainda precisamos destacar que Conceição queixou-se do poder exercido de sua parceira que consideramos enquanto uma conduta, tipicamente, machista como na comparação entre profissões e salários: *“ela era professora da faculdade e eu?”*. Neste sentido, enfatizamos o quanto o machismo está presente em todas as relações, com uma invisibilidade perpetuada e reproduzida, como descreve Castañeda (2006).

O imponderável é o que alimenta os discursos sociais sobre o amor e o sexo nos tempos modernos (FOUCAULT, 2004). Conceição foi protagonista de um rompimento simbólico de perspectivas tradicionais sobre casamento, reprodução, virgindade. Acredito que ela não teve consciência disso, devido o caráter ambíguo de suas lembranças. A renúncia ao prazer pelo medo de perder os filhos, fez com que ela cumprisse mais uma vez o esperado para uma mulher: a laborativa mecânica da manutenção do lar.

Um ponto importante destacado pela entrevistada e que se relaciona a sua construção de sexualidade ao longo da vida, é o seu trabalho. Neste sentido, o desejo em ocupar ambientes públicos era latente e ela nos narra em uma das oficinas que se orgulhava de sua aposentadoria. Um fator social a ser destacado em sua fala é a valorização do trabalho feminino no exercício do magistério. Louro (2004) destaca que a “feminização do magistério” está vinculada à função feminina de instrução e cuidado com crianças, e, a expressiva quantidade de mulheres no ofício vincula-se à crescente urbanização e industrialização que oferecia aos homens os cargos nascentes. A autora citada também afirma que deveria existir uma pedagogia entre gêneros no ambiente educacional. Segundo suas considerações,

Buscava-se assim cercar de salvaguardas a sexualidade dos meninos e das professoras. E para isso se lançaria mão de múltiplos recursos e dispositivos. De muitos e variados modos – através de proibições, de arranjos arquitetônicos, da distribuição dos sujeitos, dos símbolos, das normas – tratava-se do sexo no espaço da escola. (LOURO, 2004, p. 453).

A erotização no ambiente escolar estava sob vigilância constante, assim como no internato. As condutas da mulher eram cerceadas independente de seu cargo: mestre ou aprendiz. Contudo, a participante afasta-se da sala de aula e é remanejada para a biblioteca, devido aos seus sintomas diagnosticados como bipolaridade, oferecendo-nos mais um exemplo de toda uma máquina social que engendra histórias de mulheres, homens e crianças ao longo da história.

Conceição nos alerta: cuidar dos filhos é o mais difícil. Imprimindo a naturalização de sua total responsabilidade no futuro dos herdeiros, elabora sua culpa materna com o sustento financeiro, educacional e simbólico ao sucesso profissional de cada um. Narra-nos, em uma de suas parcas falas no grupo, que seu filho havia dado a volta ao mundo e que lhe respaldou em todos os sentidos para sua realização, um trabalho sem reconhecimentos, afinal cumpriu apenas com sua obrigação, levando-nos a refletir sobre a naturalização de características entre homens e mulheres. A profissionalização, as diferenças nas remunerações, ou melhor, a desvalorização do trabalho feminino, fator estes, que geram pensamentos e sentimentos ambivalentes e adoecedores⁵⁰.

Entretanto, com sua filha, há uma reedição de vivências: assim como no internato ouvia práticas sexuais das internas, Consuelo, ainda a ouvia, mesmo de portas fechadas. O entrelaçamento de questões subjetivas de mãe e filha são complexos e aqui se lançam como

⁵⁰ Em 2019 ainda assistimos as diferenças salariais entre gêneros que ocupam a mesma função, entretanto, além de expectadores somos responsáveis na luta pela equidade de direitos.

demonstração da repetição e se transformam em fantasmas que rondavam a memória da participante. O desfecho que Conceição e Consuelo construíram atravessa os limites desse trabalho, assim como não poderia responder se a filha lhe teria perdoado.

Despedimo-nos destacando o silêncio de Conceição nas oficinas, pois quando ele se desfez na entrevista particular, confiou-nos preciosas narrativas de suas experiências acerca da sexualidade e as ressonâncias na velhice. Assim como os silenciamentos de suas experiências dolorosas, ainda, na infância, com a educação e exclusão no Internato, o casamento e maternidade foram um destino intransponível. Não se podia falar em sexualidade nesses meios, por mais íntimas que fossem suas experiências. Segredos que lhe custaram sofrimentos físicos e psíquicos, bem como a persecutoriedade de “histórias de mulheres que ninguém esquece”, como nos disse. Segredos matrimoniais, em que a impotência masculina precisa ser verbalizada, mas falada em voz baixa, com um diagnóstico certo que o justifique, atestando-nos o quanto homens e mulheres são vítimas de um pensamento discriminatório e excludente. Contudo, a entrevistada, independentemente de seu desejo, deixa-se tocar. Afinal, na velhice já não deveria sentir tesão, vontade, mas ainda deseja narrar o quanto a sexualidade em algum momento de sua trajetória foi: “muito bom enquanto durou”.

Tal qual um relicário de sentidos e afetos que pedia uma escuta sem precedentes, mas principalmente, com o vínculo que pudemos nutrir durante os meses de oficinas, gerando e parindo as narrativas que sua memória elegeu para que se imortalizassem nessas linhas. Atendo seu pedido, com uma gratidão, que emociona ao me confiar essa tarefa tão linda quanto sofrível – tornar-se viva mesmo após à morte. E, diante das palavras que as lembranças me trazem, confesso, que gostaria de tê-las escolhido da melhor maneira, sem preconceitos, definições rasas, que assim como o silêncio da sua presença trouxeram a ousadia daquelas que se permitiram (mesmo que em um curto espaço de tempo) não se curvar as conveniências da normalidade e tentaram fazer da vida uma licença poética. No silêncio da minha meditação te agradeço e neste trabalho tem registro para gerações futuras, buscando linhas para além da finitude com alinhavos que transformam o observar do tempo sem começo e sem fim. O tempo em nossas mãos de fato se transformou no bordado da arte do encontro. Encerramos poeticamente com Hilda Hilst (2017),

**O escritor e seus múltiplos vem vos dizer adeus.
Tentou na palavra o extremo-tudo
E esboçou-se santo, prostituto e corifeu. A infância**

**Foi velada: obscura na teia da poesia e da loucura.
A juventude apenas uma lauda de lascívia, de frêmito
Tempo-Nada na página.**

**Depois, transgressor metalescente de percursos
Colou-se à compaixão, abismos e à sua própria sombra.
Poupem-no o desperdício de explicar o ato de brincar.**

**A dádiva de antes (a obra) excedeu-se no luxo.
O Caderno Rosa é apenas resíduo de um "Potlatch".**

**E hoje, repetindo Bataille:
"Sinto-me livre para fracassar".**

(Hilst, 2017, p. 530).

6 CECÍLIA: DANÇANDO CONFORME A MÚSICA E COREOGRAFANDO ALGUNS PASSOS DE SEU DESTINO⁵¹.

*Mamãe antes de se casar, segundo tia Emilia, era um foguete,
uma ruiva tempestuosa com pensamentos próprios
sobre liberdade e igualdade das mulheres.
Mas veio papai, muito sério e alto,
com pensamentos próprios também, sobre...
liberdade e igualdade das mulheres.
O mal foi a coincidência de matéria. (LISPECTOR, 2016).*

6.1 Cecília, Camila e as relações grupais.

Sempre que penso em Cecília as adjeções de profundidade e leveza se apresentam anunciando à experiência do tempo, ou seja, daquela que só as tem quem já viveu. Sua narrativa é visceral, sua presença exigida pelo grupo. Catarina lamentava-se a cada falta de Cecília. Pontual, em alguns encontros conversávamos antes de começar, falava com importância que era a única oficina que participava de todo o projeto da UNATI, pois era muito ocupada e os encontros valiam a pena.

Dessas nossas conversas informais, uma merece a atenção: ao me dar um abraço de despedida me pede para não desistir de lutar pela Universidade Pública. Dotada de uma consciência política, social e cultural. Dona Cecília me inspirava a cada semana. Quando a convidei a participar, disse que somente aceitaria se fosse conhecer sua casa, já antecipando o dia e o horário que estaria a minha espera.

Chego com alguns minutos de antecedência, mas ela já me esperava no hall do prédio com uma receptividade carinhosa, como parte de sua família. Com esse sentimento, iniciamos nossa conversa sobre a mudança no tempo: estava muito calor e a chuva se anunciava. Assim como os fortes ventos, nosso encontro foi de uma intensidade e uma sutileza. Peço licença em não divulgar seu nome como havia me permitido, a fim de evitar sua exposição e quaisquer consequências antiéticas. Contudo, chamá-la de Cecília é uma singela homenagem a minha tia Maria Cecília que tanto me ensina, inspira na vida e se faz presente no coletivo de vozes que compõem a mim e a esta tese.

Assim como feito em outras narrativas trouxe como contribuição literária trechos da obra de Clarice Lispector (2016), justamente por abrigar o protagonismo feminino dando voz a mulheres “mudas” no sistema patriarcal. Desse modo, Cecília e Clarice formam, juntas, representantes de epifanias – impossível não as guardar na memória. Clarice Lispector

⁵¹ Em um dos Encontros com a Terceira Idade a participante assim definiu sua vida: com dança e música.

pertenceu a uma onda literária anterior ao Movimento Feminista, mas sua obra já traz vários questionamentos sobre a construção de papéis de homens e mulheres na cultura patriarcal, especialmente, no século XX. Nunes (1996) considera que a autora em questão faz um mergulho profundo na sensibilidade humana que por vezes está soterrada por costumes culturais.

Salientamos que este trabalho não tem a pretensão de analisar a intersecção entre sexualidade feminina e literatura, contudo, a utilizamos como recurso de escrita para nos auxiliar no desamparo das palavras. A sensibilidade e criatividade das autoras nos presenteiam com suas obras.

Comecei a apresentação de Cecília recorrendo aos adjetivos de profundidade e leveza. Em um primeiro momento nos soa contraditório, mas a participante sempre se apresentava nas conversas do grupo com um olhar atento que procurava conexões aos seus conhecimentos ao proferir algumas palavras, apresentando-se como o sujeito histórico feminino, formulando seu discurso para produzir sentidos e construir sua identidade. Assim como Lispector escreve na partitura da vida, deixando em nós uma melodia significativa Busquei em Ana, personagem do conto lispectorano chamado Amor, inspiração para apresentar-lhes Cecília. O enredo desse conto retrata um episódio da vida de uma mulher que perante uma situação cotidiana tem a experiência de uma epifania que a faz pensar sobre si mesma e o mundo. Assim como nossa participante que descobriu no trabalho uma fonte de prazer. Segue um trecho do início do conto com Ana conformada com seu destino:

No fundo Ana sempre tivera a necessidade de sentir a firme raiz das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se tivesse inventado. O homem com quem casara era um homem verdadeiro, os filhos que tivera eram filhos verdadeiros. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha com uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergindo para descobrir que também sem a felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que vivia com quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera a Ana antes de ter o lar estava sempre pra fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. (LISPECTOR, 2016, p. 146).

Em um bonde (representação do mundo externo) ela questiona sua vida e reflete sobre o papel que a ela foi imposto enquanto mulher. Nas palavras de Lispector (2016) “O que chamara de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada”. (LISPECTOR, 2016, p. 149). Continuamos com o conto:

A piedade a sufocava, Ana respirava pesadamente. Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, perecível... O mundo se tornara de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam. Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas na rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão-

e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam por onde ir. (LISPECTOR, 2016 p. 148-149).

Cecília, 81 (oitenta e um) anos, também foi participante do grupo “Encontros com Terceira Idade”. Ao revisitarmos as lembranças e o diário de campo vimos que a participação de Cecília, neste contexto, já nos dava pistas de um assunto íntimo e pouco verbalizado. Suas colocações acerca da sexualidade – seja individual ou social, baseavam-se em pressupostos religiosos, de domínio de si, do corpo e de desejos carnis (que deveriam ser domados pela mente) que em sua maioria não eram discutidos pelo grupo em respeito a suas convicções religiosas. Na oficina destinada à temática da sexualidade conta-nos e descrevemos com suas palavras: *“o homem que amei a vida agourou e por isso no casamento houve respeito e não intimidade”*. A sexualidade para ela não era compreendida e, na velhice, a sexualidade era relacionada ao amor à vida, advertindo-nos, *“Para tudo tem seu tempo”*.

Nos encontramos no dia 07/05/2018, em sua residência. A distância no intervalo de tempo com as outras participantes se deu pelo período de férias coletivas da UNATI.

6.2 Cecilia.

Trouxemos abaixo a descrição literal de nosso encontro. A senhora gostaria de me falar sobre sua trajetória de vida? *“Ah, vai me perguntando que vou respondendo”*. Como já sabia das negativas em relação ao assunto durante a realização das oficinas, começo relembando alguns temas que conversamos até chegar na sexualidade, e pergunto se ela se lembrava e, pensativa, diz-me que sim.

Apresento a pesquisa, Cecília fica curiosa e faz questão de conhecer todas suas etapas. Conta-me que sempre gostou de participar e deu muitas entrevistas quando trabalhava na Universidade. Começo lhe perguntando o que entendia pela palavra sexualidade. *“Eu não compreendo essa palavra. Me fale mais você”*. Digo que a palavra sexualidade é um assunto de muito interesse para a Psicologia, não é mais um termo proibido ou impronunciável. E que cada um com sua história de vida lhe dá um significado diferente e lhe pergunto: o que sexualidade pra senhora? Sem certo ou errado, o que sua experiência lhe diz?

“Eu compreendi o que você falou. Eu não sei o que é sexo. Eu acho que é isso é só na cabeça da pessoa. Não tem necessidade. A pessoa é o que quer ser. (sua fala é emitida com um tom de voz firme e em alto volume, com frases pausadas e pronunciadas com regências verbais impecáveis). Ela escolhe. A pessoa é senhor de seu próprio corpo, uns mais outros menos, mas só na cabeça, só por querer, quer dizer a carne como diz o outro é fraca, às vezes o corpo quer pender pra isso, mas se não for por rédea não vai”.

Quando a senhora diz: a pessoa escolhe, está me dizendo sobre opção sexual, ser ou não homossexual? *“Sim e não. Estou dizendo que estas pessoas que dizem que não podem viver sozinhas. Uma escolha totalmente individual? Sim, de cada um. Não precisamos do outro pra viver, por que a pessoa precisa ter uma força para dominar a si próprio. A natureza pede? Sim, mas você diz não e pronto. É tranquilo pra senhora dizer não? “Sim”. A senhora chegou a essa conclusão com sua experiência de vida ou lá na infância já lhe foi ensinando? “Não, nunca ninguém ensinou isso! Se espanta. Aprendi com a construção de pensamentos e também com a minha própria vida. Estou sozinha há 41 (quarenta e um) anos, fiquei sozinha com 40 (quarenta) anos, nunca, nunca, me passou pela minha mente de eu precisar de uma coisa dessas, não, isso não existe, só na cabeça, eu acho assim”.*

A senhora está sozinha há 41 anos... *“Sim, mas mesmo antes de ficar viúva (aqui foi um ato falho, pois ela se separou) essa parte já era aos trancos e barrancos, por que ele era um homem muito... chato, né?! Então eu não sei se talvez eu fosse nova, jovem eu ia sentir falta disso daí um dia não sei por que ia querer... sei lá pra mim não faz falta... (sua linguagem corporal denota inquietação).*

Estamos falando do hoje, quando era criança ninguém lhe ensinou... *“Não tinha esses assuntos, não existia esse tipo de conversa. Olha só, quando me casei não sabia o que era casamento”. Com quantos anos? “Com 18 (dezoito). Olha, foi tanta história, era tão tapado isso aí, tão guardado, silêncios, que não sabia, que falta de saber”, lamenta-se. “Olha só, eu estava fazendo uma roupa de usar por baixo, chamava combinação e sobrou um pedaço de pano. Aí tinha uma comadre minha né, que falou assim: faz uma toquinha pro bebê quando nascer. Ah, minha mãe ouviu e falou comadre isso é conversa de se falar com uma moça? Aonde está com a cabeça? O casamento acaba ainda no altar! Pronto, aí se passou um zíper na boca e todo mundo ficou quietinho. Eu ficava pensando o que será que ela quis dizer? Não imaginava, eu era super simples, mas não tinha esses papos. Hoje a criança já sabe, agora eu que pergunto a você é melhor aquele tempo ou era melhor hoje?”*

Respondo que eu não sei se podemos qualificar em melhor ou pior, mas cabe o equilíbrio entre valores e transformações. Acredito que o acesso à informação é importante, pois a falta de informação pode ser motivo para tantas violências. Ela prossegue. *“É por que a criança pela cabecinha dela ela vai tentar ter a sexualidade. Olha, eu estava no Paraná, em Açaí. Nós somos em 6 (seis) irmãos, perdi um irmão há pouco tempo. Quando vim para o Paraná já tinha eu e mais um, os outros já nasceram em Açaí. Somos em duas mulheres e agora 2 (dois) homens. Tanto com os homens era muito velado, eu acho que a cabecinha deles não chegava nisso. Eles eram assim... muito reservados. Se ver, meus irmãos “casou”,*

nunca eles, alguém soube que eles olharam para alguma mulher, só para a esposa, são muito reservados. Mas o povo do meu marido não, misericórdia! E era da mesma época, olha só. Acontecia o seguinte: não podia dançar e nós dançávamos, amanhecia no baile, mas não podia usar roupa godê, não podia cortar o cabelo, não podia usar pintura. No dia que eu casei eu passei pintura meu marido pulou dessa altura de bravo. Tive que voltar lá dentro e limpar tudo, já estava casada, obedecia. Mas acontecia o seguinte, os moços quando estavam por volta de 14 (catorze) anos, o irmão mais velho tinha que pegar os meninos e levar pra zona. Era a mesma época, mas existia muita diferença. Acho que é até hoje”. E seu casamento? A senhora escolheu... me interrompe... “Não!!!! Meu casamento foi minha mãe que escolheu. Tá ventando muito aí minha filha? Está com tosse”. Não, estou bem ...

“O casamento eu não queria, nunca quis. O meu querer era dançar, ir no baile, namorar. É, que beleza levar as rosas pra casa. Antigamente fazia leilão e tinha uma cerveja, um bolo, sempre levava todas para casa. Ah eu fazia sucesso, dançava muito bem (seus olhos brilham, sorri). Chegava e ponhava todas para a santa que a minha mãe tinha. Aí a noite o rato vinha e puxava a rosa e levava pra fazer ninho (como se o rato roubasse e enterrasse todos os seus sonhos...). Eu era tranquila pensava que pra tudo existia um tempo”.

“Casei jovem, não tinha 19 (dezenove) anos completos. Naquele tempo os pais dos jovens tinham seus interesses próprios e até hoje, né?! Se o homem tem alguma coisa serve para genro, se não tem nada não serve. Aí minha mãe decidiu: você vai casar com aquele lá e pronto. Olha tinha uma família com muitos moços e eu não queria que nem eu nem minha irmã nos cassássemos com ninguém de lá, foi justo com quem me casei. Teve um moço de lá que mandou um bilhete pra ela com um botão de rosa e mandou eu entregar, eu estava na mina lavando roupa e tinha que entregar. Rasguei tudo e joguei na mina. Acabei casando com o irmão dele”.

É, você vê que coisa, mas não sei se posso dizer que não tive sorte nenhuma de ter casado porque tive meus 3 (três) filhos, filhos dele, que são maravilhosos. Então compensou. Os filhos vieram preencher um espaço. Se eles tivessem saído “malandrões” talvez eu ia sentir muito, mas graças a Deus não. Não tenho esse problema. Qual a próxima pergunta?”

A senhora não teve a oportunidade de conhecer outros rapazes? “Tive. Eu com 14 (catorze) anos tive um namorado, até gostava dele, era uma coisa silenciosa. Eu lembro que minha irmã foi falar sobre isso, eu voei nela, dei uns tapas. Tá, acabou. Aí apareceu um, era viúvo. Eu falei: credo! Devia ter uns 17 (dezessete) anos e casar com um homem que já foi casado, jamais. Aí apareceu o que era meu primo e foi esse que deu rolo muito grande, na família. Ele queria casar de primo e eu não sabia se era amor de primo e ele tinha eu como

namorada. Vish, naquele tempo não é que não podia é que ele não tinha nada, ele trabalhava com a gente, usava falar peão, e pra minha mãe era isso. Aí tinha essa família que tinha o fulano de tal, ficou falando a vida inteira, até que eu caí. Resolvi assim, tá bom. Mas você sabe que tive 3 (três) sinais para não casar com ele, é que eu não entendia essas coisas da parte de Deus e também não podia se falar não, era uma guerra. Quando era o namoro eu já tinha meus 18 (dezoito) anos, os pais tinham a mania de convidar os rapazes para trabalharem um dia pra eles. Como faziam um mutirão nas terras, outro dia ia com os peões para outra terra. Ia só rapazes. E eu que levantava cedo pra fazer o café, quando vi ele estava sentado embaixo de um pé de lima, sentado como índio com as pernas cruzadas, falei: vish! Mas não é esse homem que tenho que casar. Mas não podia falar não. Mas passou, outro dia estava descendo um trio de uma roça, aí eu ia descendo encontrei com ele. Ele estava com uma calca rasgada na altura do joelho, aquela perna branquinha, nossa quando vi aquilo, pensei: santo Deus não era esse moco que queria casar, mas não podia falar não. Tá passou”.

“O dia de fazer os papeis do casamento passava um ônibus que levava para a cidade. Aí eu entrei primeiro, que nosso sitio era mais pra baixo, quando chegou na cabeceira do sitio dele, ele entrou. Tinha o cabelo de tufo e espetou na frente: ai que castigo! O que eu fiz fui lá na frente e fiquei conversando com o cobrador até que chegou na cidade para desembarcar. Você vê tudo isso que passei. Você vê, eu nunca cheguei nele e falei você é bonito ou você é feio ou isso ou aquilo, nunca desrespeitei, só que eu falava pra ele: se você arrumar outra mulher você vai morar com ela! Eu aguento você do jeito que você é, mas se arrumar outra vai ter que morar com ela, promessa é dívida! Falei e vou cumprir. Arrumei as coisas dele e disse não tem problema nenhum, não vou ficar com raiva de você, não somos inimigos de jeito nenhum, mas no mesmo teto e juntos não vamos morar mais, com um cobertor só a gente não se cobre mais”. Trouxemos mais um trecho do conto Amor:

Não havia como fugir. Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como olha-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera da pior vontade de viver. (LISPECTOR, 2016, p. 153).

“Com 5 (cinco) dias demos entrada no desquite. Naquele tempo tinha desquite primeiro e depois o divórcio. Passados 5 (cinco) ou 6 (seis) anos eu estava trabalhando e chegou o moço da justiça lá ... como chama? O oficial que disse: a senhora esta intimada a comparecer no dia tal. Os advogados da universidade mesmo que cuidaram de tudo pra mim, pensei: Ué, o que é isso? O seu marido pediu divórcio. Falei: ótimo! Passei lá, me informei e assinei”.

Dona Cecília, como foi pra senhora ter essa intimidade com alguém que não quisesse? *“Aí foi difícil... difícil, difícil”. Quando eu casei com ele eu via o povo animado comendo, dançando. Foi uma semana de festa lá no sítio, os músicos vieram da cidade para tocar, depois que os pagos pararam, os populares continuaram tocando, aí tinha uma área que era assim quadrada, eu sentei, ele veio e passou a mão no meu ombro, eu tirei, assim e falei: tira a mão do meu ombro! E pra dormir junto então. Mas aguentei calada até o fim”*.

O silêncio faz melodia junto com o barulho do vento balançando a samambaia cultivada há anos, trazendo com eles memórias e ressignificações de um encontro marcado pela submissão e em que o desejo era palavra de luxo. *“Não sei se existe gozo em sexo. Não sei se existe isso. Deve existir uma pessoa que deve gostar, mas deve ser muito doido isso”*. Seu olhar que estava tão vago e longe a traz para a sala novamente. *“E ainda tive 3 (três) filhos com ele assim, como obrigação de esposa, obrigação de mãe, obrigação de uma dona de casa. Então eu não deixei faltar nada, elabora”*. Depois que ele foi embora, passados uns 3 (três) anos veio a irmã dele na minha casa e perguntou: *você não se arrependeu? Não quer que o Ricardo volte para casa? Eu? Me arrepender do que? Não fiz nada. Fiz muito. Deixa ele lá. E esse foi o assunto com a família dele, nunca mais ninguém me falou nada e somos assim amigos até hoje, irmã, sobrinhos. O contato com a família não mudou, eles vêm aqui, ficam aqui, eu vou pra lá, fico lá. Ele morreu fazem 10 (dez) anos já, foi bem quando eu me aposentei. Minha menina fala: olha mãe quando a senhora se aposentou ele morreu”*.

Cecília se emociona com a morte do seu ex-marido. Pede-me desculpas pela emoção, reiterando que não se lembrava há quanto tempo não falava de si e me diz que cumprir seu papel como esposa era muito importante, diante todas as dificuldades, como descreve continuando sua narrativa.

“No início ele trabalhava com sítio, mas depois viemos para a cidade e montamos um secos e molhados, saímos dali e fomos para Campos Dourados e em 3 (três) meses queria criar porco, mas pra isso a pessoa precisa ter o dom se não a lavoura não vai pra frente. Quando as porcas dão filhotes os outros maiores vão lá e comem. Falei tudo pra ele, mas na cabeça dele ia ficar milionário. Vamos embora, a profecia foi certa, falou que foi a minha boca que não podia ter falado. Nessa ocasião tinha uma senhora amiga da gente e encontramos com o irmão dele lá, ele disse assim: ah, se eu fosse a comadre Cecília eu embirrava e eu quero ver se ele ia. Eu disse assim: não fale isso cada um tem uma sentença na cabeça, não adianta. Ele ficou parado uns 8 (oito) meses e voltou com o taxi”.

E a senhora sempre trabalhando? *“É, lavava roupa pra fora, ele só não aceitava trabalhar fora e em firma não. Eu só fui trabalhar em firma depois que ele saiu de casa. Eu*

tinha 40 anos quando fui trabalhar na Universidade, faltou 5 meses para completar 30 anos lá. Foi uma aposentadoria por tempo... como fala? Compulsória... é eles expulsam, né?”.

A separação o que significou na sua vida? *“Total liberdade e como foi”* (emocionasse). Continuo dizendo que a psicologia acredita que a sexualidade não é só sexo, e... me interrompe... *“Concordo, claro que não, pode força também? 40 anos e eu fui ter a minha vida, fui ter força para realizar os sonhos, por que quando ele saiu nós tínhamos uma casa, ele ficou com o taxi e o ponto, eu com a casa e os filhos, o que eu fiz, eu não tinha salário, só a Joana a mais velha que tinha, a Leandra era adolescente, mas já trabalhava em um bazar de linhas, naquela época podia trabalhar de menor. E eu não, não dava pra viver com o salário deles, era mixaria. Aluguei minha casa que era no centro e fui para a vila que o aluguel era mais barato, pra sobrar mais dinheiro pra casa. Fui procurar serviço, não levei currículo por que não tinha nada escrito. Em um dia, eu fui em 5 (cinco) lugares, fui em um colégio o Canadá, um cara disse estamos precisando de uma mãe de todos, é cozinhar e lavar para moços. Não moço, isso eu não faço não. É que ele me judiava tanto com esse negócio de comida, falava que a comida que fazia não prestava, mas não tinha uma refeição que ele sentava na mesa, comia e saía sem botar defeito, daí eu ficava magoada. Aí eu falei não cozinheiro não, não sei cozinhar. Mas é só fazer arroz e feijão, mas eu não sei não moço. E fui embora pra casa. No dia seguinte pensei: quer saber, vou na Universidade. E não é que estavam fazendo inscrição?! Já preenchi na hora, um rapaz me chamou lá dentro: qual o grau de escola que a senhora tem? Não tenho escola não, só mobral. Fui embora e passados três dias eles me chamaram. Foi lá que comecei a estudar, trabalhando e estudando Fiz primário, ginásio e colegial aos 40 (quarenta) anos”.*

“É que eu não tinha autonomia nenhuma. Meus pais me colocaram na escola com 8 (oito) anos. Andávamos a pé, a professora pediu roupa para física, shorts e camiseta, aí minha mãe não aceitou e nos tirou da escola. Não, os filhos não iam mostrar as pernas de jeito nenhum. Tinha que vestir roupa de mulher e não shorts. Naquela escola não aprende nada e depois de moça tinha um primo que sabia alguma coisa e me ensinou a escrever o nome. Quando meus meninos estavam na escola eu ia no mobral. Como o Ricardo estava encantado com uma mulher da rua, consegui ir por 3 (três) meses. É, a vida da gente não é fácil, hoje acho que é mais fácil, o povo está com mais liberdade”.

A senhora conseguiu educar seus filhos de uma maneira diferente? *“Consegui. Mesmo sem querer, porque eu e as minhas meninas sempre tivemos diálogo”.* Até na sexualidade? *“Sim, sempre falava pra ela, a mulher tem que estudar, tem que ter domínio de si próprio, não pode ficar dependendo do marido, homem não gosta de mulher que depende, eu ensinei*

muitas coisas. Mas teve uma que não estudou muito: casou muito cedo. Até o dia de fazer os papeis do casamento sentei com ela na cama e expliquei toda a razão, ela não completou o colegial, a outra 'fez' duas faculdades, entrou duas vezes e não terminou nenhuma. O menino completou duas. E estou com um neto fazendo duas também e dou a maior força pra ele. Tem que ir na frente, não pode parar. Tenho uma neta formada, fala inglês que é uma inglesa falando". A autonomia lhe trouxe muitas coisas como buscar prazer? "Sim, sempre busquei realizar meus sonhos. Você sabe que já era evangélica, mas por mim mesma não quis companhia, ir a bailes, fiquei na minha, era o que que queria, fiquei na minha, era o que eu queria desde o inicio: autonomia".

A senhora me disse que é evangélica. A religião esteve sempre presente? *"Meus pais eram católicos não praticantes, no sítio não tinha igreja era 18 (dezoito) quilômetros da cidade. Meu sonho era fazer primeira comunhão, mas meus pais não tinham vocação pra caprichar nesses assuntos. Quando foi pra mim casar, eu costurei um vestido branco godê com saias em camadas (aquele que não era permitido ir ao baile) e fui no fotógrafo e tirei uma foto fazendo como se estivesse na primeira comunhão. Tirei com o véu, esta foto está com meu filho. Eu que escolhi ter religião. Meu vestido de noiva foi mandado fazer. Meu pai comprou o melhor tecido. Você sabe que da minha irmã foi tudo igual, noivou, casou, teve festa, mas ela se casou com quem queria, ela conseguiu romper a barreira. Eu não tive essa oportunidade. Se fosse um pouquinho mais rebelde, mas era muito obediente aos pais. Tudo o que eles falavam eu fazia, depois foi com o marido".*

Dona Cecília, então aos 40 anos teve estudos, conquistas, conhecimentos. E na velhice? *"Que velhice? Nos 60 é como se tivesse 20. Não me atingiu, para quem começou aos 40. Quando foi para aposentar a assistente social ia lá: Cecilia a senhora precisa frequentar a reunião nossa para o preparativo para aposentadoria. Toda a semana chegava a cartinha pra mim, eu falei: não se atrapalhem comigo por que estou preparadinha para aposentar, o medo deles é a gente aposentar e apresentar problemas, muita gente morre, pode ficar tranquila não tenho tempo, sempre cuidei do serviço, meu chefe confiava em mim. A biblioteca era enorme. Eu corria o tempo todo, não sei se o meu tempo era todo tomado pelo trabalho que eu não pensava em outras coisas, eu acho, deve ser né?! Meus filhos eram crescidos, já trabalhavam. Minha filha mais velha foi corajosa, é batalhadora, meu filho também é aposentado do banco, só a outra que não estudou e montou uma sala de estética, mas são bem encaminhados. Meus 7 (sete) netos também: letras, direito, arquitetura, nutricionista, duas fisioterapeutas e secretária de 'faculdade'. Por isso não me arrependo de*

casar com quem casei, quem sabe com outro era muito pior ne... agora eu tive dó quando ele foi embora, eu sabia que ele ia sofrer, comeu o pão que o diabo amassou”.

“Cheguei lá um dia, ele estava no hospital. Fui 4 (quatro) vezes lá, ele estava naquela aflição, naquela angustia, chamei os enfermeiros, pedi para que tivesse higiene, pedi para a filha comprar um barbeador para fazerem a barba, eu não queria ver ele daquele jeito. Um dia falei pra mulher dele: não quero ver ele sujo, como um homem desprezado pela mulher, você cuida por que quando era comigo era bem cuidado. Fui exigente? Muito chata? Será que existia algum sentimento ou gostava dele como um ser humano? Da outra vez que fui ele estava limpo e teve convulsão, da outra estava tranquilo e morreu. Mas quando foi pra ele morrer eu sonhei que ele chegava na minha casa e pedia: deixa eu ficar aqui? Ele tinha a mania de deitar na beira da cama, eu disse: você não pode ficar aqui por que somos divorciados e não somos mais casados. Deixa eu ficar aqui, dei um grito e acordei”.

“Eu tinha uma faxineira que trabalhava pra mim no sábado e falei pra ela: o Ricardo vai morrer essa semana. Sonhei com ele pedindo pra vir pra casa e eu não deixei e ele morreu na terça-feira. Ai eu fiquei com a casa, vendi e comprei outra, cada filho coloquei em uma casa. Eu pagava aluguel, aí minha filha comprou uma casa com dependência e fui ajudar a cuidar do meu neto. A minha casa vendi e comprei esse apartamento. Olha como minha mente abriu pra fazer negócio, olha que coisa incrível, tenho duas casas, e estou aqui. Vim pra Assis por que minha menina estava aqui e o marido era viajante ela ficava muito sozinha, tive que escolher: sul era muito frio, nordeste muito longe aí fiquei aqui”.

A senhora sofreu algum preconceito por ser mulher e mais velha com essas negociações? *“Não, também não deixava, estava esperta”.* E não teve nenhum efeito a passagem do tempo? *“Não, não tive tempo pra pensar”.* Mas hoje a senhora tem. Sorri e diz: *“também não tenho. Vou nas minhas filhas elas ficam pedindo opinião, fico em casa de sábado e a noite, não fico pensando em velhice, só quando meu olho embaçou, mas fui lá operei da catarata e pronto”.*

E a menopausa? *“Foi antes da hora, depois de 7 anos de ele ir embora precisei ir no ginecologista, achei que não precisava mais, tirei o útero. Prefiro passar pela velhice do que morrer, você já sabe que vai passar desde que nasceu, senão morre cedo. Ontem fiz um almoço e trouxe todos pra comer: filhas, filhos, genros, noras, netos. Todo primeiro de ano eu dava um almoço. Era o dia que casei, o Ricardo nunca proibiu, continuei fazendo só mudei o dia. Faz parte da união, mas a vida é legal para quem sabe levar ela, mas se começar a pensar na maldade que a vida oferece, com ira aí você não vive bem não. A vida pra viver bem tem que relaxar e aceitar que tudo é natural, da natureza”.*

Cecília a senhora acha que faltou falar algo em específico da sexualidade depois de tantas lembranças? *“Eu acho essa palavra muito difícil, não sei me enquadrar, no tempo da minha mãe casei por obrigação. No tempo do meu marido passava o que passava, mas também não desejava procurar nada lá fora. Agora o melhor da vida a gente tem com os filhos solteiros dentro de casa, mas a mãe não pode se embarçar com isso tem que ir embora. É difícil por que não provei. Antigamente os pais eram bravos, meu pai era muito bravo, mas a separação é pior do que quando morre, por que quando se morre a gente põe Deus no meio e quando separa quem separou foi Deus? Não foi você, é da sua própria natureza uma força contrária à rebeldia de alguém. É tudo isso, 40 anos fui buscar a energia pro meu trabalho, a força pra mim foi acertado e prazeroso. Casei com o trabalho, quando sai de lá ganhei uma festa surpresa melhor que a do reitor, foi lindo, ganhei um livro com mensagem de cada amigo. A vida foi mais fácil sozinha...”*

Ao encerrar nossa conversa e agradecer por nosso encontro, Dona Cecília repete que não se lembrava de quando havia conversado com alguém sobre “esses assuntos”, reiterando a dificuldade em falar sobre sua sexualidade, já que era muito íntimo, mas que havia sido um papo prazeroso. Faz questão de me servir um chá gelado que havia preparado, especialmente, para mim e me convida para conhecer sua casa. Dona Cecília me conduz a cada cômodo contando a história por trás da escolha de cada decoração, em que podia comprovar seu esmero com cada detalhe de sua trajetória e de sua família, atribuindo um simbolismo primoroso em cada objeto. Quando chegamos ao seu quarto, e mesmo estando lado de fora (de modo a preservar sua intimidade), era possível ver uma fotografia em frente a sua cama: a única que tinha ao lado de Ricardo, no dia de seu casamento. Senti a cristalização do tempo com meus olhos fixos no retrato da parede. Observando-me diz que o tempo não pode apagar da memória algumas lembranças.... Por fim, entendo sua trajetória está acima de qualquer epifania com as descobertas do desconhecido. Com tudo que viu e sentiu, após sua separação, Dona Cecília escolheu continuar vivendo por amor.

Assim como registro nosso encontro com muito afeto. Com o sabor do chá de hortelã e com a força inspiradora de Dona Cecília.

6.3 Camila e Cecília.

*Se quer me seguir, narro-lhe, não uma aventura, mas experiência,
a que me induziram, alternadamente, raciocínio e intuições.
Guimarães Rosa (1988, p. 65)*

A narrativa de Cecília, em primeira instância, nos leva a um lugar conhecido neste trabalho: o casamento e a maternidade como destino inelutável de mulheres. Como nos descreve, tinha 81 anos, ou seja, sua infância e juventude se desenrolaram entre as décadas de 1937 a 1950, o que nos faz resgatar momentos sociais históricos para refletirmos sobre a construção de sua subjetividade e de sua sexualidade na trama do tempo. Já adiantamos que a força descrita por ela como imprescindível na vida também nos fortaleceu nessa escrita.

Ao longo de nosso encontro fui delineando em pensamentos o quanto Cecília, assim como Clarissa e Conceição, são exemplos literais do protagonismo em ressignificar a própria história. Como aquilo que é compreendido mais tarde, um reconhecimento temporalmente posterior. Assim como exposto no primeiro capítulo, a metodologia escolhida permite a vivência da arte, daquilo que ressoa em memórias e pensamentos e se presentifica com pitadas de saudades e conquistas. Cecília, de acordo com experiências de seu universo particular, ressignifica a sexualidade em força e este é um trabalho que demanda várias forças: consciente, inconscientes, socioculturais, políticas.... Um trabalho que no momento da entrevista era visivelmente interno e subjetivo e, ao mesmo tempo, nos contava das relações exteriores. Com elas partimos para nossa análise do papel feminino no mundo público por meio do trabalho e da inserção política na sociedade brasileira. Para Perrot (2005),

Neste universo específico do trabalho, a categoria “gênero” parece mais pertinente e eficaz em todas as suas dimensões. A divisão de papéis e as funções sociais se constituíram através de uma visão unicamente biológica, “uma vagina para receber, um ventre para carregar e seios para amamentar”, marcariam o destino delas: “nenhum lugar além do lar” (PERROT, 2005, p. 173).

A modernização como égide do processo civilizatório brasileiro, baseada em costumes europeus, reforça a mulher como pilar de sustentação da família. Assim como nos narrou Cecília, a mulher não participava de decisões. Apenas obedecia às regras, os valores do pai e/ou do marido. A submissão feminina acontecia antes do casamento, em que sua mãe era responsável pela escolha de seu namorado, ditada pelas ordens paternas. O casamento, em primeira, instância representava um pacto político e econômico por meio das heranças.

A honra e a moral feminina eram legitimadas pela presença ou ausência masculina – a dedicação e a fidelidade absoluta ao marido. A história narrada por Cecília pode ser, facilmente, associada à escrita por historiadores: com o desconhecimento de si, de seu corpo, de sua sexualidade. Reprime sua sexualidade ao ponto de considerá-la inexistente. O destaque que damos a sua história é a maneira que encontrou para lutar contra tantas desigualdades que enfrentou anos a fio.

Cecília é representante de uma gama de brasileiras que compõem a formação da sociedade ao longo da história: escravas, prostitutas, bóias frias, operárias, costureiras, lavadeiras, professoras, etc., enfim trabalhadoras. É fato que os serviços domésticos já são uma modalidade de trabalho, contudo há de se reforçar o quanto a mulher era confinada à apropriação estatal de sua capacidade reprodutiva. Segundo Federeci (2017) o trabalho doméstico é compreendido como um dos pilares do capitalismo ao gerar uma força de trabalho não remunerada. A autora busca nos arquivos históricos a apropriação do trabalho feminino e sua crescente desvalorização. Contrapondo algumas fontes históricas, descreve que no Feudalismo (entre os séculos V e XV) as mulheres trabalhavam nas terras do feudo produzindo, além de alimentos, conhecimentos sobre ervas que eram heranças simbólicas passadas de geração em geração. Além disso, tinham o domínio de seu próprio corpo, com decisão sobre a gravidez e o aborto. A autora reforça que os processos reprodutivos estavam em igualdade com a produção.

A resistência e a reivindicação frente à perda de autonomia feminina foram, vigorosamente, combatidas em um movimento chamado de “caça às bruxas”, com mulheres queimadas em fogueiras. As denominadas bruxas eram representantes do Diabo, o que reforça o poder religioso na subjetividade feminina. Elas eram mulheres que buscavam conhecimentos, eram independentes, muitas vezes solteiras e pobres. A autora supracitada vê este como um momento crucial que ocorre a separação entre a produção, reprodução e hierarquização da divisão sexual do trabalho. Ou seja, quem não era bruxa, era doméstica e mãe. Aos homens foram enviados convites para o trabalho em ambientes públicos com remuneração. Este processo corroborou com a naturalização de homens em ambientes públicos e mulheres em ambientes privados e com a violenta opressão feminina por meio da maternidade, ainda comum nos dias atuais.

Para Federeci (2017) a violência contra mulheres e minorias como LGBT's (lésbicas, gays, bissexuais, trans., entre outras denominações), povos indígenas, negros e escravidão de imigrantes são exemplos contemporâneos de caça às bruxas. Deste modo, uma das compreensões possíveis com a narrativa de Cecília, é relacionar o trabalho à sexualidade, discutindo o papel da mulher na sociedade. Como descreve Rago (2006, p. 588), “o trabalho feminino fora do lar passou a ser amplamente discutido, ao lado de temas relacionado à sexualidade: adultério, virgindade, casamento e prostituição”. Cecília, ao descrever sua sexualidade como uma natureza selvagem da qual seria responsável por dominar por meio da obediência, nega quaisquer formas de desejos. Ela concentrou sua força feminina em força de

trabalho, assimilando assim um poder de escolha sobre seu destino e também o poder de desmitificar a inferioridade feminina na condução e sustento familiar.

As principais mudanças nos papéis de homens e mulheres datam o século XVIII em detrimento de transformações políticas, sociais e econômicas em que citamos. Dentre eles a ascensão da burguesia, a criação dos estados nacionais, o início do processo industrial e a nascente sociedade capitalista. Tais mudanças geraram um novo conceito de família, de intimidade e a valorização da infância. Ainda institucionalizou o cuidado doméstico e dos filhos, exclusivamente, às mulheres. (ARIÈS, 1981). O olhar atento de Beauvoir (1990) nos descreve que “outro é o lugar no qual se pretende fixar a mulher, na imanência quase uma facticidade, isto é, um objeto” (BEAUVOIR, 1990, p. 31).

Apesar da criação de um ambiente privado, com famílias menores habitando o mesmo local, o que poderia dar a conotação de privacidade e/ou intimidade vem, para o feminino, como privação. A sexualidade, quase que, exclusivamente, relacionada ao coito, tinha como finalidade a satisfação masculina e a reprodução, fatos estes, maciçamente, preconizados por ideais religiosos e dominados pelo pecado. Cecília nos conduziu a um registro histórico distante no contemporâneo. Cumprindo seu papel amargou uma sexualidade sem prazeres: *“Não sei se existe gozo em sexo. Não sei se existe isso. Deve existir uma pessoa que deve gostar, mas deve ser muito doido isso (...)e ainda tive 3 (três) filhos com ele assim, como obrigação de esposa, obrigação de mãe, obrigação de uma dona de casa. Então eu não deixei faltar nada”*. Vale notar que nos traz uma importante questão cultural ao exercício da sexualidade para homens: a iniciação sexual de seus irmãos com prostitutas, sendo a prática ainda em exercício por algumas culturas no contemporâneo.

Continuando na trama da evolução histórica, temos a presença feminina em locais públicos. De casa para bailes, igrejas, comércios, fábricas, lojas, escritórios. As mulheres de classe social alta ocupavam os cenários públicos e as pobres ocupavam trabalhos “menores” como lavadeiras, costureiras, cozinheiras. A educação feminina não representava um valor para a sociedade e as meninas não tinham acesso à alfabetização. Assim como descrito por Beauvoir (1990), a mulher poderia ser comparada a um objeto da casa, privando-a de acesso a conhecimentos.

A família de Cecília é um exemplo literal desse processo civilizador, em que as crianças foram retiradas da escola por não ser permitido o uso da roupa de ginástica, sendo que a participante só descobriu um mundo novo com o letramento no Mobral – nome popularizado da alfabetização de adultos.

Cabe lembrarmos de algumas datas emblemáticas da produção da subjetividade feminina por meio dos tempos históricos. Em 1827 as mulheres tiveram direito a educação; em 1879 foi permitido o ingresso nas Universidades; em 1887 a primeira médica no Brasil não tinha pacientes (mas quem confiaria se consultar com uma mulher?); em 1899 forma-se a primeira advogada; em 1990 a primeira senadora.⁵² (RAGO, 2006; DEL PRIORI, 2005).

O século XX também capturou a mulher no mercado de trabalho. Com o advento do capitalismo (XVIII- XIX) surgem as primeiras fábricas que necessitavam de um grande número de força de trabalho e, principalmente, de baixo custo. As mulheres inseridas neste mercado eram discriminadas, devido à baixa remuneração. Contudo, a mulher insere-se em mais uma característica: a de operária, cumprindo assim mais um papel social, juntamente com o de esposa, mãe e doméstica. hooks (2019) sobreleva que “trabalhar por salários baixos não libertava mulheres pobres da classe trabalhadora da dominação masculina” (HOOKS, 2019, p. 81).

Rago (2006) registra que a participação feminina no mercado de trabalho encontrou grandes barreiras: intimidação, desqualificação, assédio sexual etc. Tais enfrentamentos eram associados, segundo a autora, a questões de moral social, atribuindo às mulheres trabalhadoras a culpa pela desorganização familiar. A autora nos questiona: “seduzidas pelas facilidades do mundo moderno, pelo discurso radical do feminismo e do anarquismo ou convivendo de perto com o submundo da prostituição, as mulheres deixariam de ser mulheres? (RAGO, 2006, p. 585).

De acordo com Rago (2006), Maria Lacerda de Moura (feminista, anarquista e professora) foi uma importante voz que lutou contra a opressão feminina. Ela questionava os pressupostos médicos a respeito do corpo feminino, sua biologia e sua sexualidade, trazendo ao público assuntos “malditos” como sexualidade, prostituição e adultério. Neste texto de Rago (2006) encontramos uma citação de Maria Lacerda publicada em 1929 que transcrevemos:

A ciência costuma afirmar que a mulher é uma doente periódica, que a mulher é útero. Afirma que o amor para o homem é apenas um acidente na vida e que o amor, para a mulher, é toda a razão de ser da sua vida, e ela põe nessa dor o melhor de todas as suas energias e esgota o cálice de todas as suas amarguras, pois o amor é a consequência lógica, inevitável, se sua fisiologia uterina. Há engano no exagero de tais afirmações. Ambos nasceram pelo amor e para o amor. (MOURA *apud* RAGO, 2006, p. 600).

⁵² Em 2010 que o país elegeu uma mulher para o cargo de Presidente da República.

Devido às doenças infectocontagiosas e as guerras que assolavam a população causando grande número de mortes, as mulheres também tinham que procriar para propiciar o aumento de mão-de-obra na família. Diante de tantas injustiças e

Depois de um longo mutismo, mulheres tomaram por fim a palavra – de maneira excessivamente ruidosa para o gosto de alguns – para lançar luz sobre desejos ocultados havia séculos e a opressão sexista que os provocava. (BADINTER, 1985, p. 331).

Buscando a emancipação e caminhos de enfrentamento do sexismo, da opressão e da exploração sexista, contamos com o movimento feminista. Neste contexto, as mulheres conquistaram novos lugares na sociedade e procuravam novos sentidos para sua vida apoiadas pelo movimento de luta e pelos direitos à sua cidadania. Após árduas lutas conseguiram alguns direitos em relação a salários. Segundo Hooks (2019), a questão central do movimento feminista eram salários iguais para funções iguais, licença maternidade, melhores condições de trabalho e direito ao voto. Contudo essas conquistas não se fizeram sem conflitos. Entendemos que um breve resgate sobre o movimento feminista nos ajuda a compreender as transformações ao longo do tempo sobre a mulher, seu corpo, sua sexualidade e suas relações. Trouxemos, portanto, um sucinto recorte com protagonismos femininos.

6.4 Feminismos.

O mundo é para os homens e a escassez não é para todos. Da teoria para a militância Beauvoir (1990) integra o feminismo europeu que acontece, simultaneamente, em países norte-americanos. O movimento feminista teve em seu início a luta contra valores patriarcais e com a tomada de consciência dos sistemas violentos e exploratórios. Assim, o movimento foi um catalisador para que seus ideais eclodissem para todo o mundo. Beauvoir (1990) narra que em 1968 o feminismo ganha força na França clamando pela possibilidade de mulheres escolherem seus destinos e formularem suas ideias sem as arestas da desigualdade.

Apesar de parecer utópico, são muitas as conquistas de suas lutas. Diante de inúmeras questões procurava-se mostrar ao mundo as táticas de políticas de exclusão. Rago (1998) sintetiza que as fases do feminismo podem ser caracterizadas como: na primeira luta-se pelos direitos; na segunda temos a afirmação da diferença entre homens e mulheres e na terceira fase encontramos o feminismo como roda de conversa entre multiplicidades identitárias com a problematização da categoria gênero dentro de um contexto entre indivíduos que se afetam, mutuamente, interferindo e/ou construindo uma maneira de pensar, construindo um mundo e as ciências.

Na transição entre os séculos XVIII e XIX o movimento ganha corpo no Brasil com a organização de mulheres na busca de acesso à educação e ao trabalho. As obras de Del Priori (1993, 2007) apontam as seguintes mulheres que se encontravam na vanguarda dessas lutas: Nísia Floresta (ativista e fundadora da primeira escola para meninas no Brasil), Bertha Lutz e Jerônima Mesquita (pioneiras do movimento sufragista dos anos 20 a 30). Vossas articulações no campo político garantiram avanços no sistema legislativo e direito ao voto em 1928.

Em 1907, houve a Greve das Costureiras no Brasil e dentre as reivindicações estavam uma justa jornada de trabalho (8 horas-dia), a regularização do trabalho feminino e a abolição de trabalho noturno para mulheres. No mesmo ano foi aprovada a resolução para salário igualitário pela Conferência do Conselho Feminino da Organização Internacional do Trabalho e a aceitação de mulheres no serviço público (DEL PRIORI, 1997; 2005). Em 1917 o serviço público passa a contratar mulheres e apenas em 1943 há aprovação de salários iguais para homens e mulheres que desempenham a mesma função.

Apesar da vitória do movimento sufragista em 1932, apenas na Constituição de 1946 que o direito foi concedido. Contudo, foram direitos de papel que se tornaram concretos a passos lentos. Com a ditadura militar sob vigência no país, temos um movimento silenciado e muitas integrantes foram expulsas do território brasileiro. Após o segundo período de ditadura temos, em 1975, o ano da mulher em que a Organização das Nações Unidas (ONU) e Associação Brasileira de Imprensa (ABI) realizaram ciclos de discussões acerca da polissemia feminina. (DUBY & PERROT, 1990).

No tocante à sexualidade, de um aprisionamento da reprodução movimenta-se para o encontro do prazer. Encontramos a possibilidade de uma mulher, impecavelmente, composta por desejos, que poderiam ser sentidos e realizados, e capaz de controlar seus ciclos biológicos com a criação da pílula anticoncepcional na década de 1960 (DEL PRIORI, 2005).

Ainda na década de 1960, Del Priore (2005) destaca o movimento hippie, que teve início em solos americanos e protestavam contra o sistema capitalista e a família tradicional, que trouxe também a liberdade sexual como pano de fundo com a flexibilização da moral. Os casais poderiam ser formados antes do casamento, e nos ambientes restritos, descobriam um novo mundo com novas práticas sexuais: diferentes zonas erógenas, jogos de sedução, manipulação e masturbação, o cheiro, olhar, o toque eram perfumados pelo desejo, palavras do dicionário sexual eram pronunciadas, mesmo em volumes baixos. Segundo Del Priori (2005), a virgindade saía de moda e as “meias” virgens (aquelas que permitiam ser tocadas) não precisavam mais se esconder. Assim, mulheres mais livres buscavam sua liberdade sexual pois havia a separação entre sexualidade, casamento e amor.

Na década de 1970 é aprovada a lei do divórcio, que foi um importante marco na vida de mulheres e das famílias, assim como na história de Cecília, que se divorciou poucos anos após a promulgação da lei. Nos anos de 1980 temos a luta pela equidade entre os sexos. Outra importante luta deste período e que se faz, atualmente, é contra a violência às mulheres e homofobia, em que se tornou uma prática concreta com a jurisprudência da lei Maria da Penha. Essa lei tem como objetivo coibir a violência contra a mulher, penalizar agressores e dar assistência às vítimas. Cabe ressaltar que é uma conquista recente para as brasileiras, pois só foi promulgada em 2006.

Segundo Hall (2006), o movimento feminista na década de 1960 une-se aos movimentos emancipatórios que clamavam por lugares e espaços para uma expressividade política e social. Joan Scott postula que na década de 60 as mulheres buscavam visibilidade e respostas e “[...] as ativistas feministas reivindicavam uma história que estabelecesse heroínas, prova da atuação das mulheres, e também explicações sobre a opressão e inspiração para a ação” (1995, p. 64).

A exemplo trouxemos um trecho transcrito por Del Priore (2005), de uma leitora que escreve a uma revista pedindo conselhos. A data é de mais de 40 anos atrás, mas nos soa muito atual. Chegou-se até mencionar sobre uma Revolução Sexual. Mas qual? Somos os historiadores do presente e protagonistas de um tempo histórico, mas qual revolução escreveremos?

(...)quando uma mulher sorri para um homem é por que é apresentada. Quando trata com secura é por que é de gelo. Quando consente que a beije é leviana. Quando sai com vários rapazes é porque não se dá valor(...) Qual é o modo, pelo amor de Deus, de satisfazê-lo? (DEL PRIORI, 2005, p. 287).

Todas as conquistas ao longo do tempo abrem-se com um leque de possibilidades de reflexão com a literatura científica pós-moderna, em que avanços e retrocessos compõe a vida de mulheres de todas as idades no século XXI. Neste trabalho, buscamos pesquisar e refletir sobre a história do ser mulher para além de uma ciência positivista, trazendo um cunho feminista. Ilustramos estereótipos femininos e questionamos papéis atribuídos à identidade feminina.

A tomada de consciência e escolha em relação ao seu corpo, sua sexualidade, a procura pela legitimação de direitos e a mulher como categoria também foram pontos questionados. Tal questão se fez dentro do próprio feminismo. Nesse sentido Rago, (1998) diz que houve a necessidade de o movimento ter uma autorreflexão para não cair na generalização das mulheres e se atentarem para que singularidades e diferenças compusessem a pauta de reivindicações. A autora considera, ainda, que é a pluralização e a heterogeneidade

das questões dos feminismos que os torna potente.

Com alguns exemplos podemos compreender a conjuntura brasileira anterior às lutas efetivas do movimento feminista. Dessa maneira, nosso enfoque buscou experiências concretas na sociedade e na história por meio do movimento feminista contemporâneo que, por fim, pode ser conceituado como movimentos sociais de cunho político, teórico, filosófico e epistemológico. O objetivo comum é o de lutar contra a opressão e desigualdade sofridas por mulheres e outras minorias, constituídas por opressão de gênero, etnia e classe social, em que sugerimos a inclusão da opressão por idade, no combate às práticas gerofóbicas. (NARVAZ & KOLLER, 2006; NOGUEIRA, 2001).

Podemos considerar que a grande vitória do movimento feminista no século XX foi permitir que mulheres ocupassem novos espaços e constituíssem novos modos de vida, ressignificando sua história e suas experiências. Com a produção de si, horizontes múltiplos se abriram e inauguram novas demandas para novas lutas. A psicologia, o feminino e as transformações históricas, a exemplo do feminismo, encontram-se com a narrativa de Cecília. Ao compreendermos que sua sexualidade tramada, temporalmente, foi marcada por valores patriarcais de sua família, desde crenças religiosas e ideais de educação de crianças como a valorização do mundo do trabalho em detrimento da educação e acesso ao conhecimento. A imposição familiar sobre seu futuro e o próprio casamento, bem como as transformações sociais ao longo de décadas, no qual, destacamos a possibilidade do divórcio, fatores estes, que a subjetivaram no processo vital de diferentes maneiras, visto que no presente, ou seja, na velhice, a conquista do prazer é satisfeita através de sua autonomia.

Como exposto, nos valem das próprias palavras de Cecília para a sua conceituação particular de sexualidade, adjetivando como força algo tão concreto e tão simbólico como sua trajetória. Somente o passar do tempo com seus desdobramentos e sua construção de pensamentos poderiam elaborar. A concretude de sua força pode ser resgatada pela obediência aos pais e o marido. A opressão vivenciada na infância e juventude, quando era tolhida de pequenos desejos como cortar o cabelo, pintar as unhas, usar vestido godê e também no dia do casamento quando precisou limpar a maquiagem como obediência ao seu marido. A educação dos filhos que pode trilhar novos caminhos em comparação a sua trajetória e a força na procura de trabalho frente a uma situação adversa com seu divórcio. É fato que desde sua infância o trabalho no ambiente doméstico já existia, mas Dona Cecília busca seu lugar na sociedade ocupando o espaço público. Suas forças simbólicas advindas de desejos silenciosos e secretos a impulsionaram na descoberta de conhecimentos e estudos. A liberdade e a autonomia de explorar prazer com a realização de seus sonhos. Tamanha força

que foi reconhecida em sua aposentadoria como uma *“festa maior que a do reitor”*, concretizando seus esforços e demonstrando a sociedade e as gerações futuras a força do desejo.

É claro que tais conquistas não se fizeram sem dificuldades. Dona Cecília não conseguia externalizar o que entendia por sexualidade e, ao longo de nosso encontro, podemos entender que de fato é muito difícil nomear aquilo que não foi sentido. Como ela nos diz: *“não provei”*. Ao estabelecer uma conexão entre corpo e mente se vale de pressupostos religiosos para afirmar suas convicções, que não estão em discussão, mas que se fazem de uma força incontestável. Entretanto, ela nos traz uma questão pouco explorada acerca da sexualidade: buscar o prazer com sua própria companhia sem a necessidade de parceiros ou parceiras para sua realização. Certamente, sua frustração por não ter vivido o amor que desejava e as imposições que já relacionamos são possíveis fatores determinantes, porém, sua filosofia de vida era sempre dita: *“Amar a vida não tem idade”*. Como uma valorização de sua história de vida e de sua escolha de morar sozinha, aliás, acompanhada de muitas histórias para contar e de visitas com horários por ela estabelecidos, conduzindo a velhice com as rédeas de suas próprias mãos.

Assim como já elucidado com Clarissa, aqui também nos foi mencionado por Cecília a importância da educação da sexualidade na infância e nos cabe reforçá-la com suas palavras: *“Quando me casei não sabia o que era casamento (...) Olha foi tanta história, era tão tapado isso aí, tão guardado, silêncios, que não sabia, que falta de saber”*. E da falta que lhe fez, procurou levar todos seus conhecimentos advindos da própria vida para seus filhos, educando-os com o diálogo, como com sua filha: *“sempre falava pra ela, a mulher tem que estudar, tem que ter domínio de si próprio”*.

Cecília é expoente de uma geração de mulheres que vivenciaram importantes mudanças para o feminino com o mundo do trabalho e acompanharam, mesmo que de longe, as lutas e reivindicações de movimentos feministas e de trabalhadores. Ainda assim, carregavam o fardo de serem herdeiras do modelo de família patriarcal nos atestando o quanto seus efeitos são concretos no contemporâneo. Como registrou Bosi (1994), o contato com os velhos e velhos nos permitem vivenciar o tempo e o lugar mais humano da vida. Um verdadeiro tesouro histórico que nos levou a uma sexualidade com paisagens subjetivas de Cecília, tal qual um movimento artístico, que não pode ser nomeada, apenas sentida, vivida, significada e ressignificada na trama do tempo.

6.5 Novas melodias se compõem...

Vivemos em uma sociedade considerada sexista e ageísta e em uma cultura que ignora alguns dos prazeres possíveis com o envelhecimento. Tendo em vista que velhice e feminismo são assuntos da psicologia temos que problematizar, no presente, para a construirmos um futuro em que haja uma escuta atenciosa às necessidades de uma velhice, seja de homens ou mulheres, atentando para as narrativas e experiências, com a valorização de suas memórias e legados, desejando um futuro digno aos velhos e velhas que somos ou ainda seremos.

O feminismo é um assunto em debate no contemporâneo e sua complexidade se apresenta com várias discussões e vertentes de seu ideal, como a descentralização de um modelo único de mulher (como branca, intelectual), integrando as diversas realidades. Destacamos as importantes contribuições do coletivo de mulheres negras, que inauguraram a interseccionalidade, enquanto um conceito de conexão. A educação feminista visa uma consciência crítica frente a imposições sociais, como o domínio do corpo, com a conscientização sobre direitos reprodutivos e também uma política sexual feminista dotada de uma ética de liberdade, com igualdade e justiça mútua a todos e todas, e enfatiza-se a inclusão de homens, como nos apresenta hooks (2019).

Uma importante característica que feminismo propõe é que se tenha sororidade entre seus membros, reivindicando que as diferentes lutas do movimento sejam audíveis entre as próprias mulheres que a compõem, gerando ações solidárias coletivas. Questões como violência, aborto, trabalho, assédio e discriminação estão em pauta. Contudo, sinais sociais interpretados por Debert (2013), evidenciam novos vazios para as mulheres da velhice, como na expressão de sua sexualidade. A autora se pergunta por que a velhice não é um assunto dentro do movimento feminista.

Debert (2013) aponta fatos históricos que produziram três pensamentos sobre o envelhecimento feminino, que seriam temas de reivindicações feministas: a dupla discriminação (ser mulher e velha), o mito de que a mulher possui o envelhecer mais tranquilo que o de homens e a ideia de uma velhice homogênea, sem diferenças entre homens e mulheres. Seu texto relata, ainda, a preocupação da velhice ser alvo de uma prática gerontológica que vende em envelhecimento ativo, porém fantasioso, na tentativa de esconder os possíveis dramas e dificuldades com o envelhecer.

O desinteresse das feministas pela velhice tem sido explicado pelo medo de envelhecer e pela repulsa ao corpo envelhecido, próprio do sexismo que marca as sociedades de consumo na sua glorificação da juventude e na destituição que se opera do poder dos velhos. (DEBERT, 2003, p. 34).

Esse não olhar para a mulher velha é um sintoma social atual a ser refletido pelo movimento feminista. Desejamos que a energia da transformação do tempo possa servir de combustível tanto para o feminismo como também para a psicologia e, juntos, possam lutar pela rejeição e também pela inércia dos padrões e limites impostos aos gêneros e as gerações, produzindo transformações com sonoridade e solidariedade necessárias a inúmeras realidades e redefinições trazidas pelas vivências de cada uma de nós.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tempo Rei
Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo
Transformando
Tempo e espaço navegando todos os sentidos
Pães de Açúcar
Corcovados
Fustigados pela chuva e pelo eterno vento
Água mole
Pedra dura
Tanto bate que não restará nem pensamento
Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei
Pensamento
Mesmo o fundamento singular do ser humano
De um momento
Para o outro
Poderá não mais fundar nem gregos nem baianos
Mães zelosas
Pais corujas
Vejam como as águas de repente ficam sujas
Não se iludam
Não me iludo
Tudo agora mesmo pode estar por um segundo
Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
Ensinai-me, ó, pai, o que eu ainda não sei
Mãe Senhora do Perpétuo, socorrei
Gilberto Gil

Iniciamos esta tese apresentando nossa temática de estudo: a sexualidade feminina na trama do tempo. Desde a introdução e ao longo dos capítulos delineados fomos compondo referências científicas e narrativas pessoais acerca da temática e temos potencial para apreender a complexidade das tramas formadas pelas palavras em circulação. A sexualidade, o feminino e o tempo, juntos, formaram um viés de interpretação sobre a história das mulheres, sua sexualidade, desejos e suas formações subjetivas. Destacamos o constante silenciamento e a invisibilidade feminina nos registros históricos e até científicos, em um passado não muito distante, ou até mesmo no contemporâneo. Foi possível constatar tal realidade também nas narrativas das mulheres que participaram desta pesquisa.

Ainda no prólogo descrevemos que a feitura desse trabalho se assemelhou ao trabalho do artesão e pedimos licença a você que nos acompanhou até agora para nos despedirmos com a arte da composição de gêneros e sexualidades - homens, mulheres, crianças, jovens,

velhos e velhas, transexuais, homossexuais, heterossexuais: não importa, somos sujeitos históricos desejantes constituídos na trama do tempo.

Simbólico e concreto, o tempo possui seu próprio desejo como um maestro que orchestra os ritmos. Sua ação é inexorável e estamos todos, sem exceção, sujeitos a ele. Ao considerarmos a velhice como um processo o dotamos de possibilidades, desejos, sonhos e enfrentamentos de múltiplas ordens: sociais, culturais, psíquicas, econômicas, políticas.

Nos tornamos parceiros do tempo e enobrecemos seus efeitos com “*as velhas formas do viver*” com as heranças simbólicas reproduzidas de geração em geração. As memórias evocadas em diversas narrativas e histórias se tornaram verdadeiros tesouros para a tentativa de uma composição científica das quais nos alimentamos da Psicologia e seus pressupostos e paradigmas metodológicos e também com o diálogo com tantas outras: História, Antropologia, Filosofia, Ciências Sociais. Eles nos permitiram entrelaçar e registrar os caminhos percorridos pela pesquisadora e todos os atravessamentos no contato com cada participante. Com a batuta, ou melhor, com a caneta em mãos, o tempo me auxiliou com seus movimentos prolongando minhas mãos ao ritmo de meus pensamentos e batimentos cardíacos, no registro de cada narrativa.

Em cada capítulo trouxemos diferentes dimensões temporais. No primeiro capítulo *A construção da pesquisa e da pesquisadora: espaços visitados na produção do conhecimento de si e do científico*, tecemos os fios da construção subjetiva da pesquisadora que desejavam trilhar os caminhos do conhecimento nesta temática específica, defendendo seu caráter político.

Como enunciado este é um trabalho realizado em conjunto: em um primeiro momento encontrei-me com minhas histórias (resumidamente aqui exemplificadas); em um segundo momento com histórias das oficinas terapêuticas em grupo que me permitiram refletir sobre a velhice, esta que se teceu no interior do Estado de São Paulo e Estados vizinhos, em especial a feminina. Em um terceiro momento com encontros individuais com 3 (três) participantes. Em tais encontros, por meio dos olhares das narradoras, pude fazer parte de paisagens que lhes eram caras, naturais ou constituídas por vivências, afetos e sabores que imprimiram suas marcas na construção de micropartículas dessa tese, que compõem um grande cosmo na sociedade. Assim, o método da Narrativa permitiu a pesquisa de dois diferentes contextos.

No capítulo 2: *Alguns estudos sobre a temática sexualidade, gênero e velhices* compilamos alguns estudos sobre a temática da sexualidade, gênero e velhices no cenário nacional e também no internacional. A reunião de diferentes contextos de pesquisa foi fundamental na afirmação de uma sexualidade presente, pulsante e satisfatória na velhice.

Ainda ressaltamos que a divulgação de pressupostos científicos de uma velhice como sendo assexuada e patológica, associando-a a riscos e perdas inevitáveis, é alvo de críticas veementes em diferentes continentes. A indústria farmacêutica, por exemplo, tomou a velhice como estratégia de vendas e lucratividade com medicamentos para a impotência sexual. Destacamos construções que integram o caráter simbólico da sexualidade ao caráter biológico que mobilizam recursos do tempo - tradição, sabedoria, memória, mudança, - contra as restrições que lhes são impostas, transcendendo o ato sexual e a contagem dos anos. E também englobamos as diferentes sexualidades a exemplo de velhices plurais ou não heteronormativas. Com esta viagem concluímos que as velhices e as sexualidades extrapolam os limites geográficos e temporais e são produzidos e reproduzidos por diferentes discursos sociais e culturais, se configurando como um território fértil as implicações da ciência psicológica.

No capítulo 3 - *O envelhecer e o movimentar-se: temporalidades narradas por vozes femininas* trouxemos os “Encontros com a Terceira Idade” formamos um celeiro psíquico do tempo. Com o diálogo intergeracional, fomos testemunhas da sensação despertada por cada lembrança nas temáticas trabalhadas. Estas, definidas pelo grupo como necessárias para a reflexão da velhice, com apresentação de discursos que compreendem a pluralidade do envelhecer, combatendo estigmas e estereótipos. Utilizamos a palavra no plural, como “velhices” - que se apresentaram nos eixos: dados demográficos e a feminização; viuvez, educação, desempenho de papéis, aposentadoria; relações familiares e relações intergeracionais; a invisibilidade social como violência; a beleza do tempo; a desconstrução de barreiras e construção projetos de vida; solidão; sexualidades e pôr fim a construção de um conceito particular de velhice. Tais eixos trabalhados foram associados aos movimentos gerados pela força da passagem do tempo, suscitando em nós (não velhos/as) o quanto a envelhecer é uma construção de toda uma vida. O apreço pela educação como caminho emancipatório e empoderador é inestimável.

Com pitadas de nostalgia e esperança militamos pelo respeito à velhice, alimentada pelas recordações - de minha primeira professora D. Dirce que dizia que precisávamos aprender as letras para contar o mundo e esta, desdobrou-se com a lembrança da professora Meyre Eiras de Barros Pinto nos ensinando que a educação e o respeito à velhice começam na infância.

O Acompanhamento do grupo “Encontros com a Terceira Idade”, na UNATI da UNESP de Assis, ao longo de todo um ano, pudemos entrar em contato com diversas velhices femininas, histórias de vida, memórias, medos, valores e sonhos que auxiliaram no

entendimento de que a sexualidade é múltipla, singular e plural. Para compor esse caleidoscópio de imagens e sentidos sobre envelhecer e suas intersecções, o grupo foi um dispositivo muito potente, pois ali era um espaço possível para conviver e aprender com diferentes olhares e experiências de vida. Nesse sentido, reforçamos aqui a importância de a Psicologia fomentar grupaldades em diversos espaços institucionais como forma de fortalecer e promover vínculos na velhice. Nosso contato com a UNATI foi tão significativo que, após nossa participação no grupo “Encontros com a Terceira Idade”, permanecemos por dois anos como voluntária em outra oficina: de automaquiagem para as mulheres idosas.

Depois de acompanhar as narrativas do grupo, trilhamos o caminho para alguns encontros individuais. A interlocução entre narradoras e ouvinte construiu uma melodia, com notas equalizadas na mesma vibração que permitiu que segredos, esquecimentos, atos falhos e ausências às vezes fizessem mais sentido e relevância que datas e horários pré-estabelecidos. A fala, neste sentido, tornou-se criação: vasculhar a memória e traduzir imagens em palavras deram espaço para a criação. O ato de contar resgata a memória para infinitos encontros que se realizam nas histórias. Por isso é uma arte do fazer, do produzir e do transformar uma realidade que já existe em função do que outrora foi falado.

Com horários preestabelecidos me encontrei nas respectivas casas com Clarissa, Conceição e Cecília. Tive o privilégio de ser convidada a entrar no universo particular de cada uma e em cada encontro me aproximar, intimamente, de objetos simbólicos, familiares e com a dinâmica de cada uma no seu ambiente.

Clarissa, apesar de me ligar para agendar nosso encontro, não me reconhece em frente ao portão como prenúncio das sensações que sentiríamos, juntas, com tamanha violência reproduzida em sua vida anos a fio. Com a narrativa de Clarissa nos questionamos o quanto ainda somos herdeiros de um sistema patriarcal que legitima relações desiguais entre homens e mulheres, desde a infância. Seu relacionamento familiar e, posteriormente, com o marido deixou marcas físicas e simbólicas em seu corpo que mesmo sangrando foi vítima de novos atos hediondos. A participante enfatiza o quanto foi presa: um tempo cristalizado em dor e metaforizado em coragem de fugir a tempo de resgatar a mulher que ainda existia dentro de si, reunindo forças para ressignificar sua vida e na velhice buscar a afirmação de sua liberdade e realização de sonhos com a educação e a poesia.

Conceição me ofertou uma valiosa herança simbólica e o desejo de permanência ao concretizar o tempo com sua narrativa. Como já registrado, havia urgência em nosso encontro, de fato o tempo estava acabando. Quando pesquisamos sobre a história da velhice ou nos questionamos sobre a repulsa ao envelhecimento, encontramos em diversas

bibliografias que a velhice significa uma aproximação com a morte, que é nossa única certeza na vida e a que mais evitamos. Mas Conceição nos ensina que tudo ao seu tempo: o de cumprir com valores sociais e culturais que provocaram marcas indeléveis durante toda sua trajetória, desde a violência sexual na infância passando pelos padrões estéticos que rechaçavam seu corpo obeso; o das rejeições; o da busca pela sua liberdade e prazer em um amor proibido e suas impotentes relações com o esposo, que se fez tão presente em nosso encontro. Contudo, a participante ainda nos falou em prazer: “*Foi bom enquanto durou*”.

Cecília se fez como um baluarte resignação, mas também de força. Obediente aos valores familiares e religiosos, nos revelou uma sexualidade não vivida. Como ela mesmo disse, a palavra sexualidade não poderia ser compreendida e descrita por que não havia sido provada. É fato que ela havia tido relações sexuais, mas sem intimidade, ou seja, sem a experiência de ter seus desejos realizados. Também nos traz o divórcio como libertação e autonomia e encontra no trabalho (no cenário público) uma fonte de prazer. Ao lembrar-se dessa etapa de sua vida nos diz com suas ressignificações que a sexualidade poderia ser retratada como força. E, por meio de sua força para o trabalho trouxemos trechos sobre o feminismo, que possui no bojo de seus ideais a emancipação feminina em diversos aspectos.

Nesta conclusão pode-se conceituar mediante todas as narrativas aqui descritas que nossas participantes imprimiram diferentes significados à sexualidade. Cada uma de acordo com sua trajetória de vida, mostrou-nos diferentes vertentes. Podemos afirmar que a sexualidade para mulheres no desenvolvimento na trama do tempo é plurissignificativa, e reencontrá-las e narrá-las na velhice são contribuições inestimáveis na compreensão de valores sociais, culturais e políticos do presente e também das que estão se delineando em diferentes áreas. A velhice enquanto processo vital e com possibilidade para muitas descobertas e ressignificações; o gênero, com olhares específicos das mulheres, afirmando que sexualidade é uma questão social e cultural estabelecendo um diálogo entre gêneros com enfrentamentos a silêncios, estereótipos, violências; a sexualidade como algo individual, relacional e ao mesmo tempo coletiva.

O caráter político se apresenta por meio da luta pela equidade entre as relações, seja no trabalho, no exercício de sua cidadania, na constante luta para não serem invisibilizados pela sociedade que ajudaram a construir. E também no compromisso com a Psicologia em produzir conteúdos científicos que se atentem em denunciar opressões e oferecer caminhos de escuta, acolhimento e tratamento, se necessário.

A sexualidade associada a mulheres na velhice, ainda, se apresenta como um tabu. Somos testemunhas das dificuldades das participantes em falar sobre o assunto e fomos

alinhavando cada lembrança e cada fala na tentativa de torná-la permissível. Encontramo-nos com sexualidades e corpos marcados pela dor, pelo preconceito, pela subjugação e desumanização. Contudo, tais corpos se apresentaram como arcabouços de luta e inspiração e registramos novamente: precisamos conversar, refletir e estudar sobre a sexualidade de mulheres, homens, crianças.

Almejamos que tais narrativas sejam ouvidas por profissionais e ciências atentas ao cuidado de uma velhice digna e respeitada. Vale ressaltar a importância do desenvolvimento de pesquisas e discussões políticas e sociais relacionadas a essa temática e destacamos o potencial da Psicologia como um vetor de forças para buscarmos uma sociedade mais justa, responsiva, igualitária e respeitosa com a velhice. Não podemos ser coniventes com a violência que se repete. Precisamos lutar assim como cada mulher idosa lutou e cada uma a sua maneira, no seu contexto específico, promovendo a propagação de conhecimentos e informações que possam prevenir violências e romper com seu ciclo.

Quantas mulheres estão na margem da invisibilidade e do silenciamento? Mantenho minha esperança no futuro. Há caminhos, possibilidades por meio da escuta, do encontro e da representatividade, como há tempos nos antecipou Beauvoir (1990):

Paremos de trapacear; o sentido de nossa vida está em questão no futuro que nos espera; não sabemos quem somos, se ignorarmos quem seremos: aquele velho, aquela velha, reconheçamo-nos neles. Isso é necessário, se quisermos assumir em sua totalidade nossa condição humana. Para começar, não aceitaremos mais indiferença a infelicidade da idade avançada, mas sentiremos que é algo que nos diz respeito. Somos nós os interessados (BEAUVOIR, 1990, p. 13).

Que a leitura desse trabalho lhe inspire. Deixamos, portanto, portas e janelas abertas para o infinito, para a construção de novos encontros, olhares, escutas, possibilidades.

REFERÊNCIAS

ABDO, C.; FLEURY, J. H.; Sexualidade da mulher idosa. **Diagn. Tratamento.**, v.20, n. 3, p. 117-120, 2015.

ALVES, A. M. **A dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre o envelhecimento, gênero e sociabilidade.** Rio de Janeiro: FGV, 2014.

ANGELI, Daniela. Uma breve história das representações do corpo feminino na sociedade. **Rev. Estud. Fem., Florianópolis**, v. 12, n. 2, p. 243-245, Ago. 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2004000200017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em. Out. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2004000200017>.

ANZALDÚA, G. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. Tradução de Edna de Marco. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

ANZIEU, A. A mulher sem qualidade: Estudo Psicanalítico da Feminilidade. Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

ARENDT, H. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1993.

_____. **Sobre a violência.** Tradução André Duarte. Rio de Janeiro: Dumara, 2009.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AZERÊDO, S. Em defesa do posicionamento na pesquisa em Psicologia. In: TEIXEIRA FILHO, F. et al. (Orgs.). **Queering: problematizações e insurgências na Psicologia Contemporânea.** Cuiabá: EdUFMT, 2013.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARRETO, M. HELOANI, R.; **Envelhecimento e sexualidade.** In: TRENCH, B; ROSA, T. E. da C. (Orgs.). **Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa.** São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

BARROS, M. M. L. de. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 52, p. 109-132, 2006.

BARTHES, R. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, R. et al. **Análise estrutural da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 1971.

BEAUVOIR, S. **A Velhice**. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

_____. **O Segundo sexo** – Volume 1: Fatos e Mitos. Tradução de Sergio Milliet. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BENELLI, Sílvio José. Pescadores de homens: a produção da subjetividade no contexto institucional de um seminário católico. 2003. 397 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2003. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/97643>>.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas**. v. 1, 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, p. 549-559, ago. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104026X2011000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2011000200016>.

BERQUÓ, E. Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: NERI, A. L. **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, p. 11-40, 1999.

BIRMAN, J. **Estilo e Modernidade em Psicanálise**. São Paulo: Editora 34, 1999.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: T. A. Queiróz: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2004.

BRIGEIRO, M. Rir ou chorar? Envelhecimento, sexualidade e sociabilidade masculina. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado em Saúde Coletiva, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2000.

_____. Envelhecimento bem-sucedido e sexualidade: relativizando uma problemática, In: Regina Barbosa. et al. (Orgs.), **Interfaces: gênero, sexualidade e saúde reprodutiva**, Campinas, SP, Editora da Unicamp, pp. 171-206. 2002.

BRITTO DA MOTTA. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. In: **Cadernos Pagu** (13) - Gênero e Gerações (organizadora Guita Grin Debert). Núcleo de Estudo de Gênero/ UNICAMP, Campinas, 1999.

_____. A despreocupação social com a violência contra as pessoas idosas. In: **Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero**, Pernambuco, REDOR, 2014.

_____. **Violência contra mulheres idosas: questão feminista ou de gênero?** Preparado para apresentação no Congresso de 2009 da LASA (Associação de Estudos Latino-Americanos). Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://lasa.international.pitt.edu>>. Acesso em: 01 fev. 2019.

_____. As velhas também. **Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 23, p. 13-21, 2011. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S087455602011000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2019.

BUENO, S; LIMA, R. S. Apresentação. In: **Visível e Invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 2 ed. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, RJ, Brasil: Civilização Brasileira. 1990.

CACHIONI, M. Universidade da terceira idade: das origens à experiência brasileira. In: NERI, A. L.; DEBERT, G. G. (Orgs.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, p. 141-178, 1999.

CAIXETA, J. E. BARBATO, S. Identidade Feminina: um conceito complexo. **PAIDÉIA**, v. 14, n. 28, p. 211-220, 2004.

CAMARANO, A. A. (Org.). **Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999.

_____. Mulher Idosa: suporte familiar ou agente de mudança. **Revista de Estudos Avançados**. São Paulo, IPEA, p. 35-64, 2003.

CAMARANO, A. A.; et. al. Como vive o idoso brasileiro? In: CAMARANO, A. A. (Org.). **Como vive o idoso brasileiro?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. **Perspectivas de Crescimento para a População Brasileira: Velhos e Novos Resultados**. IPEA: Texto para Discussão nº 1.426, Rio de Janeiro, 2009.

CAMPOS, C. H. Lei Maria da Penha: necessidade de um novo giro paradigmático. **Rev. bras. Segur. Pública**, v. 11, n. 1, p. 10-22, Fev/Mar, 2017.

CARREIRA, C. J. L. Sexualidade na terceira idade: um estudo comparativo. 2011. (Mestrado em Psicologia). Disponível em www.psicologia.pt. Acesso em: 5 set. 2018.

CASTAÑEDA, M. **Machismo Invisível**. Tradução de Lara Christina de Malimpensa. São Paulo, A Girafa Editora. 2006.

CAVENAGHI, S; ALVES, J. E. D. **Mulheres chefes de família no Brasil: Avanços e Desafios**. Rio de Janeiro: ENS-CPES, 2018.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CORREA, M. R.; JUSTO, J. S. Oficinas de Psicologia: memória e experiência narrativa com idosos. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 1, n. 2, dez. p. 249-256, 2010.

_____; JUSTO, J. S.; ROZENDO, A. S. Os desafios da Psicologia frente ao envelhecimento populacional. In: EMÍDIO, T. S.; HASHIMOTO, F. **A Psicologia e seus campos de atuação: demandas contemporâneas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 15-50, 2013.

_____; et.al. Envelhecimento e Subjetividade: experiências de atuação em Psicologia com grupos de idosos. **Revista Ciência em Extensão**, v. 11, p. 129 - 139, 2015.

CORSO, D.; CORSO, M. **Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

DANTAS-BERGER, Sônia Maria; GIFFIN, Karen. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 417-425, Apr. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2005000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 05 mai. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2005000200008>.

DEBERT, G. G. BRIGEIRO, M. Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 27, n 80, out, 2012.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2004.

_____. Gênero e envelhecimento. **Estudos Feministas**, v. 2, n. 3, p. 33-55, 1994.

_____. Feminismo e Velhice. In: **Sinais Sociais**, v. 8, n. 22, mai/ago, 2013.

_____. Conflitos Éticos nas Delegacias de Defesa da Mulher. In: DEBERT, et al. (Orgs.). **Gênero e Distribuição da Justiça: as delegacias de defesa da mulher na construção das diferenças**. **Coleção Encontros**. Campinas: Pagu/UNICAMP, p. 13-56.2006.

DÈLBES, C. L'automne de l'amour: l'avie sexuelle après 50 ans. **Population**. v. 52, n. 6, p. 439-483, 1997.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DEL-MASSO. M. C. S. Universidade Aberta à Terceira Idade: percurso de uma história na Unesp. In: DÁTILLO &CORDEIRO. (Orgs). **Envelhecimento humano**: diferentes olhares. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

DEL PRIORE, M. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. Brasília: Edunb, 1993.

_____. (Org.). **História das Mulheres no Brasil**. Coordenação de Textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DINIZ, G.; COELHO, V. Mulher, Família, Identidade: a Meia-Idade e seus Dilemas. In: FÉRES- CARNEIRO, T. (Ed.). **Família e Casal: Arranjos e Demandas Contemporâneas**. São Paulo: Loyola, 2003.

DONZELOT, J. **A polícia das famílias**. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1980.

DREZETT, Jefferson et. al. Estudo de mecanismos e fatores relacionados com o abuso sexual em crianças e adolescentes do sexo feminino. **J. Pediatr. (Rio J.)**, Porto Alegre, v. 77, n. 5, p. 413-419, _____ out. _____ 2001. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S002175572001000500013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 mai. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0021-75572001000500013>.

DUBY, G; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente: a antiguidade**. Porto: Edições Afrontamento, v. 1, 1990.

ENGEL, M. **Psiquiatria e feminilidade**. In: História das Mulheres no Brasil. DEL PRIORE, M. (Org.). São Paulo: Editora Contexto, 1997.

FEDERECI, S. **O calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FILERBORN, B.; et. al; Sex, desire and pleasure: considering the experiences of older Australian women. **Sexual and Relationship Therapy**, v. 30, n.1, p. 117-130, 2015. DOI: 10.1080/14681994.2014.936722.

FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1905/1996, v. VII.

_____. Sexualidade Feminina. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1931/1996, v. VII.

_____. Feminilidade. In: _____. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud**. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1932/1996, v. VII.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **História da sexualidade 1** : a vontade de saber. 10 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. A Ética do Cuidado de Si Como Prática da Liberdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Col. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

_____. **Defender la sociedad**. Buenos Aires: Fondo de cultura económica de Argentina. 2006.

_____. **Hermenêutica do sujeito**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GARCÍA, F. G. Los tiempos de la narración audiovisual. In: GARCIA, F. G. (coord.). **Narrativa audiovisual**. Labirinto: Madrid, 2006.

GARFUNKEL, D. Sonhar e viajar: na vertical do estrangeiro. **Percurso**, 31-31, p. 79-82, 2004.

GOLDANI, A. M. Mulheres e envelhecimento: desafios para os novos contratos intergeracionais e de gêneros". Em CAMARANO, Ana Amélia (org.). **Muito além dos 60**: os novos idosos brasileiros. Rio de Janeiro, Ipea, p. 75-114, 1999.

GOLDENBERG, M. (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

_____. **Coroas**: Corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2008.

GUATTARI, E; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª. Edição. São Paulo: DP&A, 2006.

HENNING, C. H.; DEBERT. G. G. Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. **Mais 60 Estudos sobre envelhecimento**. v. 26, n. 63, dez, 2015.

HILST, H. **Da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HOOKS, B. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luiza Libânio. 5 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Resultados da Amostra do Censo Demográfico. (2010). Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 9 jul. 2018.

JUSTO, J. S.; ROZENDO, A. S.; CORREA, M. R. O idoso como protagonista social. Revista **A Terceira Idade: estudos sobre envelhecimento**. São Paulo: SESC-GETI, v. 21, n. 48, p. 39-53, jul. 2010.

KATZ, S; MARSHALL, B. New sex for old: lifestyle, consumerism, and the esthics of aging well. **Journal of Aging Studies**. v. 17, n.1, p. 3-16, 2003.

KERNBERG, O. F., Love relations in later years, *in* R. Steines & J. Johns (ed.), **Within time & beyond time**: a festschrift for Pearl King, Londres, Karnak Books. 2001.

LISPECTOR, C. **Todos os contos**. Rio de Janeiro, 2016.

LOPONTE, L. G. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Estudos Feministas**, ano 10, n. 2, p. 283-300, 2002.

LOURO, G. (org.) **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. As mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, M. **História das mulheres no Brasil**. (Org.). & BASSANEZI, C. (coord. de textos). São Paulo: Contexto/Ed. UNESP, 2004.

MACKINNON, C. **Sexual harassment of working women**. New Haven: Yale University Press, 1979.

MAIRISSE, D. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: FONSECA, T. M. G & KIRST, P. G. (Orgs.). **Cartografia e Devires: a construção do presente**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MEZAN, R. **Tempo de Mudar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MIKLOS, M.; EVANGELISTA, A. C. O que somos, o que sabemos e o que fazemos com isso. In: **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. Marc 2017. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2019.

MINAYO, M. C. S. **Envelhecimento demográfico e lugar do idoso no ciclo da vida brasileira**. In: TRENCH, B; ROSA, T. E. da C. (Orgs.). Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

_____. O significado social e para a saúde da violência contra crianças e adolescentes. In: Westphal, M. F, (Org.) **Violência e criança**. São Paulo: Ed. USP, p. 95-11, 2002.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece: Psicanálise e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

_____. **Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NARVAZ, M. KOLLER, S. H. Metodologias Feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647-654, set./dez. 2006.

NERI, A. N. (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: SESC, 2007.

NERI, A. L.; YASSUDA, M. S. (Orgs.). **Velhice bem-sucedida**: aspectos afetivos e cognitivos. Campinas: Papirus, 2004.

NOGUEIRA, C. Feminismo e discurso do Gênero na psicologia social. **Psicologia e Sociedade**, v.13, n.1, p. 107-128, 2001.

NUNES, Benedito. O Mundo de Clarice Lispector. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1966.

OLIVEIRA, M. B de. Crime invisível: mudança de significados da violência de gênero no Juizado Especial Criminal. Dissertação. 2006. 221 f. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Campinas, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. (ONU). **A ONU e as pessoas idosas**. 2015. Disponível em: <http://www.onu-brasil.org.br/>. Acesso em: jun. 2018.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. (OMS). **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

PACHECO, J. L. As Universidades Abertas à Terceira Idade como Espaço de Convivência entre Gerações. In: VON SIMSON, O. R. M.; NERI, A. L.; CACHIONI, M. **As Múltiplas Faces da Velhice no Brasil**. Campinas: Editora Alínea, p. 223-250, 2006.

PASAVENTO, S. J. Um roteiro para Clio. In: FONSECA, T. M. G & KIRST, P. **Cartografia e Devires**: a construção do presente. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

PEIXOTO, C. Entre o Estigma e a Compaixão e os Termos Classificatórios: Velho, Velhote, Idosos, Terceira Idade.... In: Moraes M. L. B, (Org.). **Velhice ou Terceira Idade?** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

POCAHY, F. Marcas do poder: o corpo (do) velho-homossexual nas tramas da hétero e homonormatividade. **Fazendo Gênero** 8. 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST46/Fernando_Pocahy_46.pdf. Acesso em: fev. 2018.

_____. A idade um dispositivo. A geração como performativo. Provocações discursivo-desconstrucionistas sobre corpo-gênero-sexualidade. **Polis e Psique**, v. 1, Número Temático, p. 195-211, 2011.

RAGO, L. M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: PEDRO, J; GROSSI, M (Orgs.). **Masculino, feminino, plural**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

_____. **A aventura de contar-se**: Feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

_____. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, M. D. História das mulheres no Brasil. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMOS, S. Violência, violências: mais agredidas ou mais atentas? In: **Visível e invisível**: a vitimização de mulheres no Brasil. Marc 2017. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em: <<http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2017/03/relatorio-pesquisa-vs4.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2019

RIBEIRO, D. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Justificando, 2017.

RILKE, R. **Cartas a um jovem poeta**. Tradução de Fernando Jorge. São Paulo: Hermus, 1903.

RODRIGUES, A. P.; JUSTO, J. S. A resignificação da feminilidade na terceira idade. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento**, v. 14, n. 2, p. 169-85, Dez, Porto Alegre, 2009.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.

ROSE, N. Psicologia como ciência social. **Psicologia & Sociedade**; v. 20, n. 2, p. 155-164, 2008.

ROZENDO, A. S. Construção social do envelhecimento e experiências da velhice. Dissertação. 2010. 113 f. (Mestrado em Psicologia) - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis, 2010.

SANDBERG, L. Affirmative old age the ageing body and feminist theories on difference. **International Journal of Ageing and Later Life**, v. 8, n. 1, p. 11- 40,2013.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Vozes, 2 ed. 1979.

_____. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. São Paulo. **Perspec.**, São Paulo, v.13, n. 4, p. 82-91, Dec. 1999. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288391999000400009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 Sept. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88391999000400009>.

SALGADO, C. D. S. A mulher idosa: feminização da velhice. **Estud. interdiscip. envelhec., Porto Alegre**, v. 4, p. 7-19, 2002.

SARTORI, M. C.; VIZA, G-H; ZANELLO, V. (Orgs). **Maria da Penha vai à escola: educar para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Brasília: TJ DFT, 2017.

SCORTEGAGNA, R. C. S.; OLIVEIRA, P. A. Educação: integração, inserção e reconhecimento social para o idoso. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 53-72, 2010.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v.20, n.2, p.101-132, 1995.

SIBILIA, P. O corpo velho como uma imagem com falhas: A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice. In: **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 9, p. 83-114, 2012.

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos. Rio de Janeiro**, v.15, n.1, p. 155-168, 2008.

SILVA, C. C. F. M. e. Os avós e os netos: um encontro de diferentes tempos verbais. 2014. 113 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/113799>>.

SIMÕES, J. A. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. In: TRENCH, B; ROSA, T. E. da C. (Org.). **Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

STUBS, R. A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade. 2015. 276 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/136107>>.

SWAIN, T, N. Identidade para que te quero? In: GONÇALVES, M. T. *et al.* (Org.). **Escritas da história: intelectuais e poder**. Goiânia: UEG, 2006.

TÓTORA, S. Apontamentos para uma ética do envelhecimento. **Revista Kairós**, São Paulo, v. 11, n. 1, jun., p. 21-38, 2008.

_____. **Velhice: uma estética da existência**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2015.

TRENCH, B; MIYASHIRO, R. O fim do sangue: menopausa e envelhecimento entre as índias guaranis do Rio Silveira. In: TRENCH, B; ROSA, T. E. da C. (Org.). **Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa**. São Paulo: Instituto de Saúde, 2011.

VERAS, R. Desafios e conquistas advindas da longevidade da população: o setor saúde e suas necessárias transformações. In: VERAS, R. (Org.) **Velhice numa perspectiva de futuro saudável**. Rio de Janeiro: UERJ, UnATI, p. 11-32, 2001.

_____. Novos desafios para um país envelhecido. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1992

WOOLF, V. **Passeio ao farol**. Tradução Luiza Lobo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

_____. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: L& PM, 2018.

WYLIE, K. R, Wood A, MCMANUS R. Sexuality and old age. **Bundesgesundheitsblatt Gesundheitsforschung Gesundheitsschutz**. v. 56, n. 2, p. 223-30, 2013. Acesso em: 13 jan. 2018.

YASSUDA, M. S.; SILVA, H. S. Participação em programas para a terceira idade: impacto sobre a cognição, humor e satisfação com a vida. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 27, n.2, p. 207-214, abril – junho, 2010.

ZANELLO, V. **Saúde mental, gêneros e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.